



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE GRADUAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Thiago Barbosa Santos

A construção da notícia em cordel: uma abordagem folkcomunicação sobre a
poesia popular como linguagem jornalística na TV

São Cristóvão

2024

Thiago Barbosa Santos

A construção da notícia em cordel: uma abordagem folkcomunicação sobre a
poesia popular como linguagem jornalística na TV

Material entregue para Qualificação no Programa de Pós-
Graduação em Comunicação Social da Universidade
Federal de Sergipe

Orientadora: Profa. Dra. Greice Schneider

São Cristóvão

2024

Santos, Thiago Barbosa

A construção da notícia em cordel: uma abordagem
folkcomunicação sobre a poesia popular como linguagem
jornalística na TV / Thiago Barbosa Santos. – 2024

Orientadora: Greice Schneider.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Sergipe

*O cordel é poesia
Narrada em forma de verso
Tem romance e aventura
Um enredo bem diverso
Mas também retrata os fatos
Corriqueiros, imediatos,
Ocorridos no universo.*

*Ao tratar da atualidade
No ciclo noticioso
A poesia popular
Foi instrumento poderoso
Levando as informações
Aos variados rincões
Um trabalho valoroso.*

*Fenômeno estudado na
Folkcomunicação
A ciência brasileira
Vinda de Luiz Beltrão
É cordel com reportagem
Dentro da mesma linguagem
Trazendo uma outra visão.*

AGRADECIMENTOS

Peço a devida licença
A nossa estimada banca
Para vir agradecer
De forma singela e franca
Com a minha poesia
A quem mostrou sinergia
Não ficando na retranca.

Deram a mim todo suporte
E também grande incentivo
Nas horas mais complicadas
Quando estava pouco ativo
Ajudaram a construir
Um horizonte para eu seguir
No atalho mais assertivo.

Sou grato à Universidade
De Sergipe, a Federal
Que me abriu as suas portas
Sendo tão fundamental
O programa de mestrado
Há muito, tem demonstrado
Qualidade excepcional.

Expresso todo carinho
A essa grande professora
Greice Schneider foi para mim
Mais que uma orientadora
Com o seu saber diverso
Me guiou nesse universo
Como uma exímia doutora.

Nesse gancho, eu aproveito
Para, aqui, reconhecer,
Outros grandes professores
Que ajudaram a desenvolver
O trabalho no mestrado
Deixo meu muito obrigado
Jamais vou me esquecer.

A toda minha família
Quero também demonstrar
Meu carinho, meu amor,
E, em meus versos, registrar
Como me sinto honrado
Por ter vocês do meu lado
Sem jamais me abandonar.

Para minha amada esposa
Todo o reconhecimento
Agradeço a Deus por nosso
Lindo relacionamento
Fabiana é conselheira
Inigualável parceira
Não esmorece um só momento.

Não posso esquecer meus pais
Seu Nivaldo e dona Cida
Pessoas que me ensinaram
Desde cedo o que é a vida
Meus sogros, neste cordel
Fátima e seu Manoel
Têm lembrança merecida.

Após tanto agradecer
Deixo agora o meu convite
Para que faça a leitura
Com o mais voraz apetite
Da nossa dissertação
Com toda sua atenção
Dando, após, o seu palpite.

O trabalho fala sobre
O cordel como linguagem
Jornalística na TV
Interessante abordagem
Informação e cultura
Com essa mais bela mistura:
Poesia e reportagem.

RESUMO

Esta pesquisa tem como intuito observar, sob a ótica dos estudos folkcomunicacionais, de que modo a literatura de cordel é apropriada pelo jornalismo em produções televisivas atuais. O trabalho pretende mostrar como vem funcionando essa conexão entre os dois elementos no audiovisual, em que a poesia popular é utilizada como ferramenta de experimentação de linguagem em reportagens de TV, buscando meios alternativos para reportar histórias, mais para entreter do que propriamente informar. Os conceitos do infotenimento, que estuda as fronteiras entre informação e entretenimento, também vão servir como base de reflexão sobre esse processo. A folkcomunicação estudou detidamente a relação histórica entre cordel e jornalismo, quando os livretos serviam como poderoso veículo informativo, levando os principais acontecimentos a um público que não tinha acesso aos meios de comunicação tradicionais. O trabalho pretende avançar nesses estudos verificando como se opera esse novo entrecruzamento, através da análise de matérias do gênero veiculadas na Rede Globo, Globo Recife, Verdes Mares e TV Sergipe entre os anos de 2015 e 2023, em que se constatou uma maior recorrência do formato nas reportagens de TV, sobretudo na editoria de esportes, vanguardista em termos de diversificação de formatos. Pretende-se, por fim, destrinchar como se opera a construção da notícia em tais reportagens televisivas.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Folkcomunicação; Telejornalismo, Infotenimento; Linguagens Jornalísticas.

ABSTRACT

This research aims to observe, from the perspective of folkcommunication studies, how cordel literature is appropriated by journalism in current television productions. The work intends to show how this connection between the two elements has been working in the audiovisual, in which popular poetry is used as a tool for experimenting with language in TV reports, seeking alternative means to report stories, more to entertain than to inform. Infotainment concepts, which study the boundaries between information and entertainment, will also serve as a basis for reflection on this process. Folkcommunication carefully studied the historical relationship between cordel and journalism, when cordel books served as a powerful information mean, bringing the main events to an audience that did not have access to traditional media. The work will advance in these studies by verifying how this new intersection operates, through the analysis of articles of the genre broadcast on Rede Globo, Globo Recife, Verdes Mares and TV Sergipe between the years 2015 and 2023, in which a greater recurrence of the format in TV reports, especially in the sports section, which is avant-garde in terms of format diversification. Finally, the aim is to unravel how the construction of news operates in such television reports.

Keywords: Cordel Literature; Folkcommunication; Telejournalism; Infotainment; Journalistic Languages.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do Colportage de “História da Bela Helena de Constantinopla.	18
Figura 2 - Capa do cordel de Leandro Gomes de Barros publicado em 1913....	19
Figura 3 - Capa do clássico folheto "O tempo de hoje" de 1917.....	42
Figura 4 - Capa original ao lado da capa da reimpressa em 2014	43
Figura 5 - Folheto publicado dias depois da morte de Getúlio Vargas	45
Figura 6 - Folheto noticiou a chegada do homem à lua.....	46
Figura 7 - Arte inspirada na abertura de Cordel Encantado	87
Figura 8 - moldura em xilogravura com imagens do treino do São Paulo	88
Figura 9 - Apresentação de quadrilha junina na Rua São João	89
Figura 10 - Passagem de Michele Costa em formato de cordel.....	90
Figura 11 - Arte de abertura do cordel-reportagem sobre Irmã Dulce	91
Figura 12 - Arte sobre trajetória de Irmã Dulce dos Pobres	92
Figura 13 - Arte remete ao cuzcuz que é prato típico do café da manhã nordestino	94
Figura 14 - Arte em xilogravura de Marta em uma jogada pela TV	95
Figura 15 - Arte em xilogravura do confronto de estreia do Brasil na Copa.....	96
Figura 16 - Arte da história de como o Leão virou mascote e símbolo do Sport	97
Figura 17 - Arte em xilogravura colorida do jogos que valia o troféu "Leão do Norte".....	97
Figura 18 - Arte sobre a confusão durante a disputa do Troféu Leão do Norte .	98
Figura 19 - Arte do time do Sport levando para casa o Troféu Leão do Norte ..	99
Figura 20 - Arte da Taça Brasil de 1966.....	100
Figura 21 - Arte com os craques do Santos Pelé, Pepe e Coutinho.....	101
Figura 22 - Bitá inspirou a criação da animação infantil Mundo Bitá.....	101
Figura 23 - Arte da icônica comemoração do Rei Pelé	102
Figura 24 - Ilustração do torcedor do Santa em trajes que remetem à cultura nordestina.....	103
Figura 25 - Escada representando os altos e baixos do Santa Cruz.....	104
Figura 26 - Arte com estrangeiros contratados pelo Sport em 2016	105
Figura 27 - Imagem de arquivo de confusão com a torcida do Náutico.....	105

Figura 28 - Imagem de arquivo com efeito empoeirado lembrando ano do Fortaleza	105
Figura 29 - Imagens de arquivo de Rogério Ceni e do Mascote do clube	105
Figura 30 - Arquivos de Lisca e da torcida do Ceará	105
Figura 31 - Variadas formas de ilustrar o cordel-reportagem.....	105
Figura 32 - Passagem com moldura em xilogravura de Roger Casé.....	105
Figura 33 - Exemplos de sobe-sons explorados nos cordéis-reportagem.....	105
Figura 34 - Gisele Bündchen desfilando na abertura da Rio 2016	105
Figura 35 - Ilustração do Pavão Misterioso do clássico cordel	105
Figura 36 - Pavão Misterioso fazendo viagem no tempo para rever aberturas olímpicas.....	105
Figura 37 - Arte de folhetos clássicos e da Independência do Brasil	105
Figura 38 - Arte do famoso gesto de Dom Pedro às margens do Ipiranga	105
Figura 39 - Avatar de Thiago Barbosa cantando repente sobre o Batistão	105
Figura 40 - Fernanda Gentil lendo cabeça rimada e artistas na peleja futebolística	105
Figura 41 - Arte com iguaria que leva vários nomes no Brasil	105
Figura 42 - Rei e Rainha do São João no Nordeste	105
Figura 43 - Cenas animadas em videografismo da lenda da Manioca	105

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Entrecruzamento entre cordel e jornalismo	16
2.1. Breve história sobre a literatura de cordel.....	16
2.2. Os ciclos temáticos na literatura de cordel	24
2.3. Cordel de circunstância, uma forma de jornalismo	25
2.4. O papel do poeta-repórter como intermediador da mensagem.....	31
2.5. A aceitação da notícia no folheto de circunstância	38
3. Estratégias folkcomunicacionais no cordel-reportagem televisivo	49
3.1. O “Jeitinho Brasileiro” de se comunicar na perspectiva de Luiz Antônio Barreto	49
3.2. O olhar de Luiz Beltrão para o fenômeno comunicacional fora da bolha	
3.3. Literatura de Cordel sob a ótica dos estudos folkcomunicacionais.....	52
3.4. O <i>two-step-flow</i> no cordel circunstancioso	58
3.5. Do líder de opinião ao ativista midiático.....	60
4. Cordel-reportagem, o verso como linguagem jornalística na TV	67
4.1. Novas imbricações entre cordel e jornalismo.....	67
4.2. Narrativas diversas à serviço da linguagem jornalística	69
4.3. Cordel como estratégia de infotainment na TV	73
4.4. Jornalismo esportivo e o experimento de novos formatos	75
5. A construção da notícia no cordel-reportagem televisivo.....	78
5.1. A teoria do gatekeeping na construção da notícia	83
5.2. Categorias de notícias no cordel-reportagem televisivo.....	85
5.3. Ferramentas para a construção da notícia em cordel.....	108

Considerações finais	123
Referências	127

Introdução

Quando digo que sou cordelista, por vezes, comentam logo: “Faça uma rima aí de improviso para eu ver se você é bom mesmo”. Sempre fico devendo, até porque a improvisação é uma característica do repentista. Quem se dedica ao cordel é o chamado “poeta de bancada”, aquele que pensa um bocado até colocar as ideias no papel, calcula a métrica, busca a rima certa. Contudo, como estou diante da composição de um texto, ainda que acadêmico, me sinto mais à vontade em me apresentar rimando.

O meu nome é Thiago
Sobrenome tem Barbosa
Gosto mesmo é da resenha
Não fujo da boa prosa
Mas só encontro alegria
Nos braços da poesia
Companhia prazerosa.

Meu terreno é o cordel
Pois nele, tem narrativa
Que explora em rima e verso
De outra perspectiva
Os temas mais variados
Para todos os agrados
De um modo que cativa.

A apresentação acima serve principalmente para explicitar algo relevante, que o leitor precisa saber antes mesmo de conhecer o trabalho que se segue. Possuo ligação direta com o que será pesquisado. Sou jornalista e cordelista, membro da Academia Sergipana de Literatura de Cordel. Como repórter, sempre busquei percursos diferentes para contar histórias nas reportagens, tentei fugir do lead tradicional com um texto mais atraente. Este, na verdade, é o desafio que se impõe ao profissional na atualidade para que ele consiga angariar a atenção de um espectador com cada vez mais opções para se entreter.

Com essa busca incessante por formatos diferenciados na composição de reportagens, comecei a me valer bastante do jornalismo literário, me interessei por jornalismo em quadrinhos, até que observei alguns movimentos de jornalistas nordestinos que utilizavam o cordel como instrumento de linguagem jornalística em determinadas reportagens televisivas. Foi então que decidi trilhar o mesmo caminho e passei a investir em tais produções na televisão, plataforma onde atuo mais frequentemente desde que ingressei no mercado de trabalho.

O volume de conteúdo produzido neste formato aumentou e o cordel-reportagem, como denominamos neste trabalho, foi ganhando espaço em produções de afiliadas da *Globo*, como *TV Verdes Mares* do Ceará, *TV Sergipe* (onde atuo) e *Globo Pernambuco*. Posteriormente, na própria *Rede Globo*, através principalmente do telejornal *Hora 1*. Inicialmente, o material era voltado para a editoria de esportes, que trabalhou de forma mais pioneira a liberdade de inovar nos formatos. Com o passar do tempo, outros temas foram abordados em forma de poesia popular em determinadas reportagens televisivas.

Os conteúdos são narrados em verso, resgatando a tradição oral do cordel, e ilustrados com imagens ou artes em videografismo, não necessariamente explorando a estética da xilogravura. O objeto de estudo será todo este material mapeado previamente, alguns deles produzidos por mim na *TV Sergipe*.

Observou-se, através do levantamento, a primeira ocorrência do formato em 2009, em uma reportagem da *Aperipê TV*, emissora pública de Sergipe. Eu atuava como repórter na empresa e estava produzindo uma matéria sobre a literatura de cordel, que passava a ocupar o universo virtual, fazendo-se mais presente na internet. Aproveitando o gancho do tema, produzi o off (texto do repórter) em sextilhas (estrofe de seis versos). Contudo, havia ali um contexto específico, uma conexão direta com o assunto que estava sendo tratado. Portanto, a fórmula foi guardada para aquele cenário particular, até que houve um movimento mais efetivo nessa direção anos mais tarde, ao qual me referi acima, crescendo gradativamente. Foi quando decidi retomar o uso da linguagem poética também como recurso narrativo em algumas produções.

Escolheu-se como corpus da pesquisa cordéis-reportagem veiculados na televisão de 2015 até 2023, armazenados posteriormente nas plataformas *Globoplay* e *YouTube*. A escolha do período se dá por conta da observação de uma consolidação do estilo de produção jornalística em formato de cordel na TV, com quadro fixo no *Globo Esporte Pernambuco* e também no *Globo Esporte Sergipe*, denominado *Cordel da Bola*. As produções, posteriormente, ocuparam outras editorias, com abordagens essencialmente culturais e históricas.

Esse fenômeno do cordel-reportagem na TV, observado principalmente no jornalismo esportivo nos últimos anos, fez com que se estabelecesse uma reconexão histórica entre o cordel e o jornalismo, presente desde o século passado, quando os

veículos de comunicação vigentes, como jornal impresso, rádio e, a partir dos anos 50, televisão, eram acessíveis apenas a uma minoria mais privilegiada na sociedade brasileira.

Neste contexto, os folhetos de cordel tinham o papel de informar esse grande público, muitas vezes iletrado, e sem acesso aos veículos convencionais de informação. O transmissor dessa mensagem era uma figura denominada de “poeta-repórter” nos estudos folkcomunicacionais, que vão servir como base teórica para esta dissertação.¹

A Folkcomunicação, a qual trataremos com maior profundidade no segundo e no terceiro capítulos, estudou mais detidamente esse fenômeno da poesia popular informativa. O gênero foi denominado “cordel de circunstância” por Luiz Beltrão. Os folhetos tratavam de temas da atualidade, além de acontecimentos que marcaram a história do período. O poeta-repórter tinha o papel de intermediário, captava o que era publicado na imprensa, vertia o assunto para o formato de versos, muitas vezes emitindo a própria opinião sobre o assunto, e publicava em folheto, frequentemente recitando o trabalho em espaços públicos, como feiras livres e praças movimentadas, chamando a atenção das pessoas, que se atualizavam desta maneira. Ou seja, a literatura de cordel não apenas servia como entretenimento, mas também como plataforma comunicacional.

Os folhetos pertencentes à literatura de cordel são o jornal, o romance do trabalhador da zona rural. Narram feitos de heróis ladinos. Falam de sertanejos valentes e da vida de cangaceiros célebres. Registram acontecimentos importantes da região. Neles estão registradas as impressões do povo a respeito de acontecimentos sucedidos no município, no estado, em todo o país. (Beltrão, 2001, p. 151).

À medida em que os veículos de comunicação foram se tornando acessíveis a um público mais extenso, o cordel deixou de ser o meio informativo acessado por boa parte das pessoas que viviam longe dos grandes centros urbanos. Ele segue tratando de assuntos da atualidade, expondo a visão dos poetas sobre os mais variados temas, sendo atual ao tratar de assuntos do cotidiano, mas soube também se reinventar, se adaptando às novas plataformas de mídia, ganhando outros formatos e maior alcance através das redes.

O foco desta pesquisa é justamente identificar o processo folkcomunicacional que se dá na produção do cordel-reportagem televisivo, observando como o formato vem

¹ Em 1967, o jornalista e pesquisador Luiz Beltrão se tornou o primeiro doutor em comunicação diplomado em uma universidade brasileira. A tese defendida em Brasília originou a Folkcomunicação, única teoria na área desenvolvida no Brasil (Marques de Melo, 2018).

sendo construído dentro desta plataforma específica e refletindo sobre qual papel está cumprindo ele e o líder folk (conceito que será trabalhado mais detalhadamente ao longo da dissertação) que o produz. O olhar é para esse suporte narrativo, que sai do folheto tradicional e ganha formatos audiovisuais, com uma performance que resgata a essência da oralidade do gênero poético através da narração dos versos em *off* pelo repórter, além de recursos em imagem e videografismo para ilustrar os conteúdos.

O trabalho ainda tem como objetivo, através do estudo do corpus, tomando como base essencialmente os estudos folkcomunicacionais, compreender como se opera essa dinâmica de migração do produto cordel de circunstância dentro da mídia televisiva. Pretende-se ainda identificar a atuação desse novo líder folk (poeta-repórter) e quais os critérios de noticiabilidade adotados na escolha dos temas e abordagens, traçando um paralelo com o que se produzia nos folhetos circunstanciosos do período em que serviam como jornal do sertanejo.

A pesquisa pretende, por fim, ajudar a desenhar com maior amplitude as características do formato cordel-reportagem televisivo e de que maneira o conteúdo vem sendo experimentado como linguagem jornalística alternativa, estabelecendo uma reconexão, por novas vias, entre a literatura de cordel e o jornalismo através da plataforma em questão.

Os procedimentos metodológicos adotados são um estudo de caso sobre esses cordéis veiculados na televisão com o intuito de se observar como se dá a construção da notícia dentro do formato. Trabalharemos com os quatro critérios de noticiabilidade propostos por F. Frazer Bond, chamados de valores da notícia: oportunidade (atualidade), proximidade (identificação com o público), tamanho (intensidade ou extensão) e importância (relevância). Será elaborada uma tabela para demonstrar onde cada conteúdo se encaixa dentro desses valores da notícia sugeridos pelo autor americano. Em seguida, serão extraídos, de forma descritiva, exemplos práticos de como cada um dos quatro critérios foram trabalhados dentro desses cordéis-reportagens televisivos. Por fim, também se observará como são explorados elementos textuais, sonoros e visuais quando este material migra do folheto para a televisão. Assim, o trabalho visa oferecer ferramentas mais abrangentes sobre composição desse formato que vem sendo explorado no telejornalismo.

Diante do envolvimento que tenho com o corpus de pesquisa, vale salientar que esse componente não vai interferir nos resultados, pois o intuito não é avaliar qualidade do produto, opinar sobre erros ou acertos construtivos, e sim detalhar como é elaborado, quais características guarda e identificar os processos folkcomunicacionais que se dão nesse trajeto, além do papel que cumpre como alternativa na diversificação da linguagem jornalística. Neste caso, a experiência prática na produção do objeto pode servir como auxiliar nessa compreensão.

Ainda para tratar sobre a aproximação direta entre o autor da pesquisa e o objeto em estudo, reforçarei a reflexão trazendo a perspectiva de Morin de que, na ciência, sujeito e objeto estão ligados por completo, e esse vínculo pode levar a algo mais profundo do que alcança a objetividade científica.

Mas, assim, ignorou-se que as teorias científicas não são o puro e simples reflexo das realidades objetivas, mas os coprodutos das estruturas do espírito humano e das condições socioculturais do conhecimento. (Morin, 2005, p. 137).

Ainda de acordo com o autor, sujeito e objeto são indissociáveis, e essa ligação não desemboca necessariamente em um processo de interferência dos resultados da análise. Ambos estão relacionados de forma natural.

Só existe objeto em relação a um sujeito (que observa, isola, define, pensa) e só há um sujeito em relação a um meio ambiente objetivo (que lhe permite reconhecer-se, definir-se, pensar-se, etc, mas também existir). (Morin, p. 41).

Assim, o denso conhecimento sobre o objeto pode ajudar no caminho de maior profundidade sobre o tema, uma imersão mais segura no objeto, ao passo que será feito o constante exercício de desapego da autoria para adquirir maior liberdade de análise, levando-se em consideração que o objeto é composto também por materiais não produzidos pelo pesquisador.

Para cumprir com os objetivos formulados, a dissertação se divide em introdução e mais quatro capítulos. Haverá um capítulo abordando o contexto histórico desse entrecruzamento da literatura de cordel e o jornalismo. No seguinte, serão abordadas as estratégias folkcomunicacionais no cordel-reportagem televisivo de hoje, em que os conceitos teóricos serão abordados de forma mais aprofundada. O capítulo posterior tratará do verso popular como linguagem jornalística na televisão, falando também sobre

outras linguagens já experimentadas dentro do jornalismo. O último traz o estudo de caso sobre a construção da notícia no cordel-reportagem televisivo.

Desta maneira, pretende-se obter uma extensa revisão conceitual sobre o tema, avançando nos estudos já produzidos pela folkcomunicação a respeito do papel jornalístico do cordel, operando agora em outras plataformas, como a televisão.

2. Entrecruzamentos entre cordel e jornalismo

Desde quando surgiu, ainda na Europa, nos séculos XII e XIII, a literatura de cordel tinha como intuito entreter e também informar. Ao se popularizar no Brasil, por volta do século XVIII, serviu como um veículo de comunicação poderoso, levando os principais acontecimentos da época a um público que não tinha acesso aos meios de comunicação tradicionais. O cordel era considerado o ‘jornal do sertanejo’, e o cordelista o ‘poeta-repórter’, que absorvia o que lia nos jornais, recodificava a informação e a vertia para o formato de poesia popular.

O capítulo vai mostrar como se deu essa relação histórica entre a literatura de cordel e o jornalismo, sob uma perspectiva folkcomunicação, através de teóricos como (Beltrão, 1980; Luyten, 1992; Maxado, 1980), destacando o folheto de circunstância como ciclo informativo, o papel do poeta-repórter na recodificação da mensagem e mostrar o poder do cordel como influenciador da opinião pública que o utilizava para se informar. Antes disso, o trabalho traz um apanhado histórico da chegada do cordel ao Brasil, com base nos estudos de Haurélio (2018) e Neves (2018).

2.1. Breve história sobre a literatura de cordel

É inevitável a associação, quase que automática. Quando se fala em literatura de cordel, vem logo à mente o Nordeste. Foi justamente nesta região do país que essa arte se consagrou. Com galhardia, os poetas populares descreveram o drama da seca, bem como as histórias do cangaço e de reinos distantes, que ganharam características sertanejas nos ritmados versos muitas vezes entoados em praças públicas e em feiras livres para atrair a atenção do público. Mas o gênero poético, bem antes de se popularizar em solo nordestino, já circulava em outros lugares, como na Europa.

Os primeiros registros desta arte são de meados do século XVI na Espanha, ganhando o ápice de popularidade no país nos séculos XVIII e XIX, principalmente com o surgimento da imprensa. Por lá, esse tipo de literatura popular era chamado de *pliegos sueltos* ou “folhas volantes”, e eram escritos normalmente em “quadras” (estrofes de

quatro versos) ou em “décimas” (estrofes de dez versos). Havia também textos em prosa e a forma de comercialização era nas feiras livres, assim como no Brasil, com o apelo oral, em que o poeta ou vendedor recitava os versos para buscar o interesse de quem passava por esses espaços públicos.

Outros países europeus como a Inglaterra, com os *Chapbooks*, Portugal, com as “folhas volantes”, e França, com a *littérature de colportage* ajudaram a difundir essa arte, que logo foi se espalhando pelo mundo, sobretudo com as longas viagens marítimas, chegando também ao Brasil.

A literatura de cordel, ou o seu substrato, chegou ao Brasil, - ou à terra que depois seria assim denominada – a bordo das primeiras caravelas. É próprio do homem, em seu constante deslocamento geográfico, levar consigo, além dos conhecimentos que lhe garantam a sobrevivência, a sua cultura. (Haurélio, 2018, p.18).

Há de se salientar que o trabalho que circulava no velho continente não era rigorosamente igual ao que conhecemos hoje como cordel. Os folhetos medievais continham também, além das histórias versificadas, anedotas, peças teatrais, receitas e outros tipos de conteúdo. Eram conteúdos variados, não necessariamente poesia, a semelhança era o formato de impressão e difusão em espaços públicos. Em solo brasileiro, vimos eminentemente poesia impressa nos folhetos.

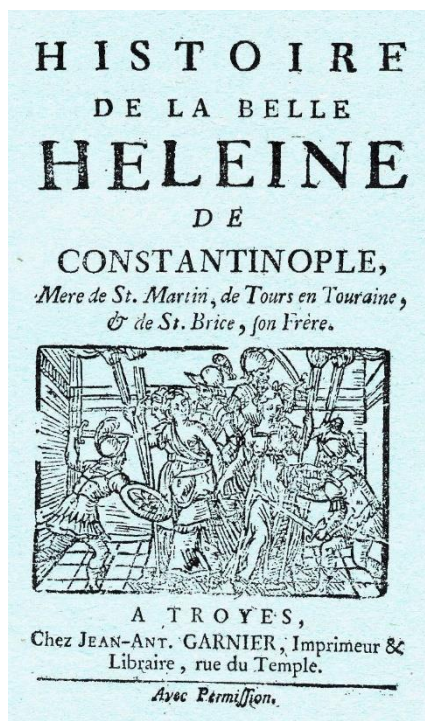
No Brasil, o nome cordel se consagrou por causa da forma como os folhetos eram expostos, pendurados em barbantes ou cordéis. Neves (2018) reforça a tese de que o cordel brasileiro sofreu diversas mutações, influências múltiplas, até chegar ao produto que se conhece hoje.

Os elementos culturais, ao se fundirem, se transformam: esses elementos externos, ao se integrarem à cultura local, e esta ao adaptá-los à maneira tradicional, seja por narrativas ou ritos, recompõe o arcabouço cultural reafirmando e atualizando o processo gerador, dando provas de sua vitalidade. (Neves, 2018, p.28).

Na França, prevaleciam os romances de cavalaria, que também viriam a se popularizar no Brasil posteriormente. O termo *Colportage*, em francês, significa mascate, tem a ver com a forma como essas publicações eram comercializadas no país. A Figura 1 é um exemplo de capa de uma publicação francesa que circulava para o público. Foi uma

das publicações de maior circulação na época, contando a história de Helena de Constantinopla.

Figura 1 - Capa do Colportage de “História da Bela Helena de Constantinopla”



Fonte: Memórias do Cordel, 2013

Os cordéis brasileiros, especialmente do gênero romance, beberam muito dessa fonte das histórias de cavalaria advindas da França. Um grande clássico foi o publicado pelo poeta Leandro Gomes de Barros, conhecido como “pai da literatura de cordel brasileira”, autor mais consagrado do gênero. O folheto intitulado *A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz* é de 1913 e conta a história do rei Carlos Magno e os 12 pares de França, em décimas.

Eram doze cavaleiros
Homens muito valorosos
Destemidos, animosos,
Entre todos os guerreiros,
Como bem fosse, Oliveiros
Um dos pares de fiança
Que sua perseverança
Venceu todos infiéis,
Foram doze leões cruéis
Os doze pares de França.
(Barros, 1913, p.06).

Figura 2 - Capa do cordel de Leandro Gomes de Barros publicado em 1913



Fonte: Sebastião Nunes, 2013

Os poetas brasileiros da primeira geração investiram nos romances de fôlego, como eram chamados, pois eram extensos, muitas vezes com mais de cem estrofes. Narravam fatos históricos, misturando ficção e realidade; epopeias, causos do sertão, acrescentando elementos do imaginário fantástico, lendas, histórias do cangaço e algumas vezes trazendo críticas sociais, denunciando desmandos de coronéis e lideranças políticas. A literatura de cordel foi ganhando características próprias e tendo terreno fértil principalmente na região Nordeste.

De acordo com Haurélio (2018), depois de iniciada a marcha de expansão da literatura de cordel pelo Brasil, mormente no Nordeste, a poesia tradicional se consolidou com a singularidade que a aproxima de outras manifestações difundidas na América Espanhola.

Fundada sob o signo do fantástico, a poesia popular supriu uma lacuna que a historiografia insipiente não poderia preencher. Quando, no fim do século XIX, o Nordeste assistiu ao ressurgimento – no Brasil seria mais correto dizer “surgimento” – da poesia popular em sua forma escrita e em grande escala, o caminho já estava preparado. E a voz do poeta popular, ampliada

pela coletividade, pôde levar o necessário em termos de literatura a uma população em sua maioria ágrafa. (Haurélio, 2018, p.116).

A literatura de cordel brasileira tem essência na oralidade, principalmente dos contos populares recontados através de gerações, vivos na memória de quem ouviu e narrou, repassando aquele enredo.

O jornalista e pesquisador Franklin Maxado (1980) trabalha com a ideia de que a literatura popular sempre existiu, “pois sempre existiu povo”. Melhor elaborando este conceito, levando em consideração a perspectiva de outras existências antes do ser humano, podemos dizer que “desde que” o homem se tornou animal racional, com voz, ele conta seus causos, cria enredos com ou sem conexão com a realidade. Por isso, desde aí, há também literatura popular. Ainda de acordo com o autor, com a evolução das coisas, as técnicas de narração foram se sofisticando até o aparecimento dos versos e rimas. Maxado lembra também a forte tradição oral existente desde sempre no Brasil, em que os mais velhos tinham maior notoriedade e privilégio social pela sabedoria, vivência e histórias acumuladas, que passavam de geração para geração.

O português [quando aqui pisou] vai encontrar o nativo em volta da fogueira, principalmente em noites tropicais de luar, calados, escutando os mais velhos contar os casos de guerra, as lendas, os contos de bichos, os feitos heroicos da tribo e conversar com os viajantes amigos, fumando. Trocando impressões e dando as porandubas, isto é, as notícias. (Maxado, 1980, p.12).

Os anos foram se passando e essa tradição oral seguiu fortalecida. Contar estórias é costume que atravessou gerações. A literatura de cordel colaborou sobremaneira com essa dinâmica. O poeta ou o vendedor, com o folheto em punho, recitando os versos em viva voz, narrando em feiras e praças movimentadas os enredos, é um símbolo maior dessa prática. Faz-se necessário contextualizar que a referência é sobre uma época em que os índices de analfabetismo no país atingiam patamares consideravelmente elevados. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 75% da população brasileira de 15 anos ou mais era analfabeta entre 1900 e 1930, e esse índice foi baixando de forma bastante lenta ao longo das décadas seguintes. Então, a performance de narrar esses cordéis era primordial para que as histórias reverberassem.

Outro aspecto a se destacar é que a leitura silenciosa é relativamente moderna na história da humanidade. Segundo Chartier (1994), especialista em história da leitura, (In: Glossário Ceale) surgiu na Alta Idade Média, e somente no século XII que se difundiu,

deixando de ser usada apenas por copistas monásticos, ganhando escolas, universidades e crescendo no hábito do leitor. Contudo, esse alto grau de analfabetismo no Brasil ajudou a sustentar, por muito tempo, a prevalência da leitura em voz alta. No caso do cordel, por vezes, apenas uma pessoa na família era alfabetizada. Esta, adquiria o folheto e lia para toda a família em voz alta. Outras vezes, era um vizinho o que sabia ler e o fazia para todos na rua. Além de entreter, a literatura de cordel exerceu também a função de informar, levando ao público acontecimentos importantes da época. A dissertação vai tratar de forma mais aprofundada sobre a função informativa do cordel.

A literatura de cordel, que é de tradição oral, chegou ao interior do Nordeste antes do jornal impresso. Foi assim, em todo tempo e lugar, desde a invenção do jornal, no primeiro quartel do século XVII, pelo menos para as populações empobrecidas, desempoderadas e que viviam afastadas dos centros de poder de uma burguesia ascendente, onde os jornais, os romances e notícias – eram produzidos (Perdigão, 2022, p. 94).

Perdigão (2022, p.38/39) ressaltou ainda que, muito antes desse gênero de folheto ser chamado de poesia-reportagem, já era manuscrito e cantado em feiras e fazendas pelo Nordeste, anteriormente mesmo ao advento das máquinas impressoras do final do século XIX.

O cordel foi acompanhando de perto toda a evolução tecnológica e midiática. A plataforma clássica do gênero poético é o folheto, desde o mais rudimentar, manuscrito, confeccionado artesanalmente, até os que eram mais sofisticados, impressos em máquinas, com xilogravura ou ilustrações coloridas. Mas ele também migrou facilmente para outras mídias, como o livro, surfou nas ondas do rádio em programas populares, mais regionalizados, em forma de cantoria, recitado ou servindo de pauta em programas culturais. Chegou também mais tarde à televisão, reforçando tradições juninas, ocupando espaços publicitários (folkmarketing), sendo tema de telenovelas e servindo de linguagem jornalística alternativa, objeto deste estudo. Encontrou ainda guarida no universo digital, ajudando o poeta a divulgar o trabalho em blogs, nas redes sociais e demais ambientes virtuais, ampliando o próprio alcance e formando novos públicos. Entrou na escola como poderosa ferramenta pedagógica de ensino da leitura e da produção escrita. Ganhou espaço no meio acadêmico, sendo estudado sob perspectivas variadas e em ramos diversificados do conhecimento.

Sobre as características desse tipo de poesia, o poeta e pesquisador Marco Haurélio (2018, p.33) ilustra que o cordel é um dos galhos da árvore da poesia popular, assim como o repente. Entretanto, são coisas distintas. A partir do momento em que a árvore cresce, os galhos se distanciam, mesmo unidos pela origem comum. Conforme já citado na introdução, o cordelista trabalha na composição dos versos colocando as ideias no papel, diferentemente do repentista, que trabalha com o improviso, geralmente cantando o verso, em um ritmo demarcado, tendo o som da viola como trilha sonora. O cordelista compõe os versos e recita muitas vezes em feiras ou praças públicas, lendo ou declamando os versos previamente decorados.

A produção artística em forma de cordel tem alguns estilos distintos. O mais popular é com estrofes em sextilha, em que o segundo, o quarto e o sexto verso rimam entre si (x-a-x-a-x-a). Outro formato consagrado é a septilha, com a estrutura de rima no esquema (x-a-x-a-b-b-a). Outro estilo produzido com mais frequência é a décima de sete pés, composta de estrofes de dez versos, tendo a seguinte distribuição de rimas (a-b-b-a-a-c-c-d-d-c).

Em termos de metrificação, a mais utilizada é a de sete sílabas poéticas. Os decassílabos são mais raros, usados comumente no martelo agalopado, estilo de poema com estrofes na mesma estrutura de rima das décimas. A métrica certa é fundamental para garantir o ritmo correto na hora de ler ou declamar o cordel.

Sextilhas, septilhas, oitavões e matelos, estilos que ganharam as praças e feiras e outros espaços, foram impressos em folhetos artesanais e expostos em barbante, ganhando consagração popular principalmente no Nordeste, mas as rimas também ecoaram por outras partes do Brasil, tanto nas zonas rurais como nas áreas urbanas. Muitos poetas migraram para as grandes metrópoles e continuam produzindo nesses grandes centros, fazendo com que a arte permaneça viva e pujante.

Como fincou raízes no Nordeste, o cordel ficou reconhecido como um dos fortes elementos culturais da região. Essa forma de poesia, inclusive, foi protagonista na construção da própria imagem nordestina, abordando nos versos cenários, personagens, traços, história e um lugar de culto a sua própria tradição.

O cordel funciona como instrumento propagador de imagens e sentidos, a partir de uma visão de mundo, real ou utópica, que se realiza socialmente mediante o imaginário local (Rodrigues; Da Silva, 2018).

Albuquerque Jr. (2001) enxerga de maneira mais crítica essa construção imagética do Nordeste que o cordel ajudou a reforçar. Para o autor, a poesia popular reatualiza a memória popular mesclando temporalidades e espacialidade, reavivando reminiscências que poderiam estar guardadas no passado. Com isso, atendendo a interesses de grupos preocupados com uma suposta manutenção dos costumes e do jeito de ser deste espaço, atravancando possibilidades de progresso, ou reforçando identidades não mais existentes.

O cordel fornece, inclusive, a visão tradicionalista que impregnará parte da produção sobre esta região. O “primitivismo” ou o “barbarismo” da fabulação oral parece, pois, ser a forma mais adequada para expressar uma região cujo conteúdo também se vê como “primitivo” ou “bárbaro”, uma forma não moderna de expressão para mostrar uma região também não moderna (Albuquerque Jr., 2001, p.113).

O autor, com base em diversos aspectos da produção cultural, fala sobre um lugar “inventado” e que se sustenta até a atualidade de forma caricata. O texto guarda certa coerência na reflexão, mas ao usar o termo “invenção”, desconsidera um Nordeste que de fato ainda existe, segue pujante e orgulha-se dessa identidade, que apenas não é a única forma representativa deste espaço bem mais plural.

Literatura de cordel e Nordeste se confundem, tanto que a xilogravura, que é outra forma de arte diretamente associada à poesia popular, pela frequência com a qual ilustrou as capas dos folhetos, é a imagem que mais comumente representa a noção do ser nordestino. Todavia, é importante salientar que esta forma de poesia também se faz presente em outros cenários brasileiros, ganhou variados sotaques, cruzou novas fronteiras.

Curiosamente, a maior editora de cordéis do país fica sediada em São Paulo. A Luzeiro, fundada por um português e adquirida posteriormente por um italiano, é dona de um catálogo que reúne os clássicos mais conhecidos do gênero. Nasceu em 1970 e tinha como selecionador de trabalhos Manuel d’Almeida Filho, cordelista histórico que, além de ter publicado muitas obras na editora, ajudou a revelar uma legião de poetas.

No final dos anos 1980, nasceu a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, sediada até os dias de hoje no Rio de Janeiro. O espaço de reuniões fica situado no bairro de Santa Tereza, onde os membros se encontram para discutir projetos voltados para a área. O local é aberto para visitação e guarda um acervo significativo das produções cordelísticas de todos os períodos. Parte deste material já está digitalizada.

Em 2018, a literatura de cordel ganhou o título de patrimônio cultural brasileiro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), angariou maior reconhecimento e ocupou novos espaços. Ao longo da história, o gênero poético viveu ciclos de crise e períodos de bonança, mas sempre sobrevivendo, adaptando-se aos novos formatos de publicação, como no cordel televisivo, objeto desta pesquisa.

2.2. Os ciclos temáticos na literatura de cordel

No meio cultural, entre os cordelistas, costuma-se dizer que há cordel sobre todos os assuntos, se houver algum tema ainda não abordado, escreve-se de imediato sobre ele, que passa a também ganhar forma em métrica e rima. Foi assim que, desde o princípio, o cordel ganhou um público devotado, que se divertia, aprendia e se informava por intermédio desse gênero literário.

De fato, existem cordéis sobre os mais variados assuntos, são causos do sertão, anedotas, lendas, romances, epopeias, história e temas da atualidade, como ciência, tecnologia e acontecimentos do cotidiano que geram impacto na sociedade, tudo narrado em forma de poesia popular, usando rimas, dentro da métrica e explorando o ritmo e a criatividade do autor. Esse conteúdo chegava até as pessoas por meio da declamação em praça pública ou através da publicação dos tradicionais folhetos, que eram expostos em barbantes e comercializados nas feiras livres e também de modo itinerante, adentrando os mais diversos rincões do Nordeste do Brasil.

Maxado (1980) tratou da classificação dos folhetos de cordel em diversos ciclos. O autor ressaltou que alguns poetas populares transitaram em duas ou várias dessas categorias. A divisão proposta levou em conta principalmente o conteúdo. Assim, as publicações foram classificadas como de época ou ocasião; históricos, didáticos ou educativos; biográficos; de propaganda política ou comercial; de louvor ou homenagem; de safadeza ou putaria; maliciosos ou de cachorrada; cômicos ou de gracejos; de bichos ou infantis; religiosos ou místicos; de profecias ou eras; de filosofia; de conselhos ou de exemplos; de fenômenos ou de casos; maravilhosos ou mágicos; fantásticos ou sobrenaturais; de amor ou de romance amoroso; de bravura ou heroicos; vaquejadas; de presepadas ou dos anti-heróis; de pelejas ou de desafios; de discussão ou de encontros; de lendas ou mitos; pasquim ou de intrigas, entre outros.

Vamos nos ater nesta pesquisa aos “de época ou ocasião”, que abordam temas que estão em voga na sociedade, trazem acontecimentos factuais, por isso, acabam sendo comparados com o ofício jornalístico.

De época ou de ocasião: podem ainda ser conhecidos como de “acontecidos” ou circunstanciais, pois abordam, noticiam, comentam, satirizam, interpretam, criticam ou opinam sobre fatos acontecidos que têm interesse para a comunidade. (Maxado, 1980, p.53-54).

Ainda de acordo com Maxado, são deste ciclo os folhetos que exploram a morte de governantes ou de personalidades, além dos que abordam temas do momento, que estão sendo discutidos na sociedade ou até mesmo sendo pauta na imprensa tradicional.

Perdigão (2022) aponta também a lista de Albuquerque (2018) com 27 classes distintas, incluindo agricultura, biografias e personalidades, cidade e vida urbana, cultura, esporte, fenômeno sobrenatural, intempéries, justiça, meio-ambiente, morte, político e social, poder, religião, saúde e doença.

O aspecto heterogêneo de temas vai das histórias medievais de cavaleiros e donzelas recriadas ou reeditadas, desde há quase um século e meio, até as notícias, literalmente, do dia, que, nos dias seguintes, caducam e desaparecem das mãos dos poetas, impressores e folheteiros; vai dos temas relacionados a religiões, religiosos, devoções e castigos divinos até as mais diferentes representações e encarnações do diabo, na Terra e no inferno (Perdigão, 2022, p. 26).

Além de toda a pluralidade de temas, há também a dinamicidade. Essas temáticas vão se diversificando ao sabor dos acontecimentos (Perdigão, 2022). Surgem, se consolidam, com o tempo podem também desaparecer, em uma dinâmica que leva sempre em consideração o que está em voga no interesse público de cada momento histórico. Na sequência, vamos tratar de forma mais detida sobre o ciclo circunstancioso e sua conexão com o jornalismo.

2.3. Cordel de circunstância, uma forma de jornalismo

Alguns expoentes ganharam projeção no ciclo circunstancial. No Ceará, Abraão Batista se valeu de fatos pitorescos e policiais. Denunciou ainda desmandos dos governantes locais e a corrupção na política cearense das décadas de 70 e 80. José Soares de Recife foi outro grande destaque. Cuíca do Santo Amaro, conhecido também como “Trovador Repórter da Bahia”, publicou mais de mil folhetos. Os versos não chamavam

a atenção pela qualidade, pois derrapavam na métrica, mas repercutiam bastante. Maxado relata inclusive que há suspeitas de que o artista teria morrido por causa do exercício dessa atividade.

A voz popular corre dizendo que sua morte se deu em circunstâncias suspeitas, pois chegava a fazer um pouco de “imprensa marrom”. Publicava uma estória de algum fato desagradável para algum “figurão da sociedade” e mostrava a edição para o maior interessado, para vendê-la toda. Se este não a adquirisse, então mercava-a pelas ruas, embora não contivesse os nomes das personagens, mas o povo as identificava pelos indícios fartamente mostrados. Tinha essa coragem e, muitas vezes, incomodou políticos, comerciantes e poderosos denunciando “marmeladas e negociatas”. (Maxado, 1980, p.56)

Outros importantes autores (Luyten, 1992; Lima, 1976) se dedicaram a tratar em pesquisas dessa vocação jornalística da literatura de cordel. Apesar de o nome carregar o peso de ser uma produção literária, há de se considerar que, a depender do tema e do modo como é abordado, tem mais a ver com jornalismo do que qualquer outro gênero. Lima (1976) reforça essa ideia ponderando que essa classificação deve levar em conta cada material analisado.

Há quem afirme que os folhetos populares se enquadram muito mais dentro do jornalismo do que na literatura. Naturalmente, a questão depende do modo como seja encarada a literatura de cordel... na dependência, é óbvio, de como se tomam esses dois conceitos e de cada folheto em estudo. “A Donzela Teodora”, de João Martins de Athayde, nada tem de jornalístico, ao passo que um trabalho como “O Industrial Fracassado” ou “O Senador Caloteiro do Pernambuco”, de Abraão Batista, é uma verdadeira reportagem. (Lima, 1976. p.29 e p.30)

Muito além da classificação e do estilo, o cordel de circunstância cumpriu um papel social e histórico demasiadamente importante, do qual vamos tratar de maneira mais aprofundada neste tópico. Essa missão fez com que a poesia popular se consolidasse nos mais distantes rincões brasileiros como um importante veículo de comunicação em uma época em que boa parte das pessoas não tinha acesso aos meios de informação, como Luyten (1992) explicou.

O folheto de época é o jornal dos que não leem jornais no interior nordestino ou mesmo daqueles que, já informados, são adeptos da poesia. É intermediário para um amplo processo de comunicação que, sem ele, em muitos casos, não se completa. Ajuda a integrar à vida nacional comunidades que não foram ainda devidamente

atingidas pelos modernos veículos de comunicação. (Luyten, 1992. p.49).

Antes das ondas do rádio inundarem o sertão, naquele período em que o aparelho ainda era sintonizado por poucas famílias que tinham condição de compra-lo, o folheto é que ocupava esse espaço de transmitir as informações, isso naquela primeira metade do século. E a medida em que as primeiras impressoras, já ultrapassadas nas grandes cidades, chegavam a essas localidades mais longínquas, a produção se acentuava e o cordel se multiplicava, ganhando agilidade no processo de produção e publicação (Perdigão, 2022).

As poesias-reportagens viajavam em lombos de animais, trens e caminhões, e chegavam ao público das cidades de menor porte, como um dos produtos imprescindíveis da feira frequentada pelas populações dos territórios relativamente isolados do entorno (Perdigão, 2022, p. 73).

É justamente quando se dava o processo mencionado no início da dissertação, em que os versos e rimas eram compostos para serem lidos principalmente em voz alta, sendo ouvidos e absorvidos por uma massa de pessoas que não teve a oportunidade de se alfabetizar. Além disso, o preço do folheto era mais em conta que o do jornal impresso. As notícias na poesia-reportagem eram compreendidas com maior facilidade, em muitos casos até decoradas pelo público ouvinte, já que aquelas estrofes eram recitadas inúmeras vezes, pois havia também um público rotativo circulando.

Rádio não existia; jornal era raro. Quando este chegava, levado dos grandes centros – Recife ou Fortaleza, por exemplo – com o atraso normal dos meios de transporte de então, já o folheto se antecipava na irradiação do fato. Tornava-se o folheto o elemento mais expressivo para que os acontecimentos chegassem ao conhecimento de todos, lidos nos mercados, nas feiras nos serões familiares, em parte como ainda hoje sucede (Diegues Júnior, 1986, p. 172).

Interessante observar que grandes acontecimentos da história do Brasil e do mundo chegaram a uma parcela considerável da população através dos versos e rimas populares, em forma de folhetos ou nas declamações em feiras e praças movimentadas. As estrofes eram entoadas pelos próprios cordelistas. A morte de Getúlio Vargas, a chegada do homem à lua, o fim da Segunda Guerra Mundial, as mortes de Lampião e Antônio Conselheiro, o Tricampeonato do Brasil na Copa do Mundo do México em 1970, entre outros tantos assuntos, serviram como pauta para o cordel de circunstância e muitos tomaram conhecimento sobre esses fatos tão somente por intermédio dos folhetos.

Luyten (1992) defendia que existia no Brasil um sistema de comunicação social jornalístico neste contexto que funcionava de forma paralela ao jornalismo tradicional praticado nas grandes cidades.

O folheto jornalístico é o intermediário de um processo de comunicação social, uma vez que com frequência se utiliza de produtos prontos já veiculados por jornal, rádio ou televisão. Funciona como elemento integrador, seu papel mais importante: o de avalista, o mediador entre a cultura de elite e a popular. Trata-se da confiança que o homem do povo deposita em seu líder de opinião. A decodificação do poeta dá a devida dimensão para o leitor popular a respeito do que ele pode e deve ser informado. E embora persista uma visão regionalista, a notícia segue o seu caminho de fontes seguras, por mãos experimentadas, para um público certo. (Luyten, 1992, p.49-50).

O folheto de circunstância, ou jornalístico, era composto de modo a inserir socialmente esse público que estava mais distante dos acontecimentos de fora do seu lugar. Ainda não era um mundo globalizado, a informação não circulava com a velocidade que se observa na contemporaneidade. Este ciclo circunstancioso do cordel acabou por ser um dos únicos meios de expressão e comunicação do pensamento vivo e dinâmico das camadas pobres de nossa gente (Barroso, 2019).

Tão relevante quanto ser um dos únicos meios de acesso à informação, foi ser acima de tudo um meio alternativo, com vozes diversas, mais plurais, que até então nos se via na imprensa dita convencional, ideia também sustentada por Perdigão.

É entendido como alternativo, porque se coloca em paralelo à mídia informativa convencional, podendo substituí-la ou complementá-la, na forma e no conteúdo, e assim atender às expectativas de um público leitor - e ouvinte – negligenciado. E é percebido como resistente por apresentar outros modos de fazer e consumir informação, que não os impostos pela hegemonia midiática (Perdigão, 2022, p.215).

O folheto circunstancial cumpria o papel, então, de incluir comunicacionalmente quem estava excluído dos meios de massa. Ao garantir tal direito dessa parcela da população de se informar, o fazia de maneira a cumprir as expectativas do seu espectador na forma e no conteúdo. Levava em consideração o contexto social, cultural, econômico e político dos que eram muitas vezes negligenciados pela outra mídia (Perdigão, 2019).

Em muitos casos, esse tipo de poesia tem o caráter confrontador, traz a opinião do poeta, que sempre expressa seu pensamento de acordo com os sentimentos do seu público,

busca ser a voz dos que, por vezes, não são ouvidos, influencia muito na opinião popular também. Por isso, os cordéis de circunstância também foram usados de forma abrangente como instrumento de propaganda política para enaltecer ou desqualificar figuras públicas.

No folheto de circunstância, o poeta-repórter pode partir das informações básicas do fato ou tema que o pauta e, à sequência, apresentar suas percepções ou sua opinião com rima e métrica. O importante, neste caso, é trazer no folheto as interpretações e juízos de valor do leitor do cordel (Beltrão, 1971 apud Perdigão, 2022, p.222).

O folheto informativo traz os relatos dos acontecimentos de uma forma peculiar, representa, de acordo com Silva (2012), um vetor narrativo ideológico, pois o poeta expressa sua opinião, documenta a história.

No folheto, o leitor tem toda a história em um único espaço: o resumo dos fatos em forma de uma narrativa completa, com começo, meio e fim, e, ao mesmo tempo, a opinião/julgamento do autor (Galvão, 2010, p.122).

Apesar de ser enxergado como uma espécie de jornalismo popular, o folheto de circunstância guarda algumas características que o diferem do jornalismo praticado nas redações. Mesmo quando os meios tradicionais foram melhor alcançados pelo grande público, os cordéis continuaram fortes, ajudando a cravar os acontecimentos na mente do leitor/ouvinte, mantendo viva a história narrada.

A poesia é vista como uma espécie de jornalismo popular, mas diferente do jornalismo tradicional dos diários urbanos em que, além de informar o leitor, a literatura de cordel perpetua o evento ou o fato na mente do público leitor. Este ponto de vista é fácil compreender quando se lembra de que a literatura de cordel trata principalmente o evento importante ou fora do ordinário, que o jornal urbano usualmente se joga fora depois de uma leitura, e que o folheto é colecionado, guardado, e apreciado como uma espécie de arquivo popular (Curran, 2014, p.128).

O cordel não compete com o jornalismo impresso em termos de produção noticiosa. Na verdade, ele produz um conteúdo que é alternativo à notícia já veiculada, o que Perdigão (2002) classificou como “renócia”. Esta dá sempre ênfase ao que não é ordinário, ao acontecimento mais especial, com o propósito de não só informar, mas fixar o assunto na memória do povo (Curran, 2014).

Em termos de linguagem, este cordel até se apropria de algumas expressões utilizada no impresso, pode simular um lead, usar algum jargão jornalístico, mas mantém a própria identidade construída dentro desse formato poético, associando ainda as impressões do autor sobre o tema, que estão em consonância com a opinião popular. Por sua vez, esse receptor acaba criando maior identificação com o que é publicado no folheto.

Os poemas de época não se confundem com o relato jornalístico dos acontecimentos, mesmo quando na descrição dos fatos o poeta emprega expressões veiculadas pela imprensa no momento. O “noticiário” nestes poemas é transmitido através de uma outra linguagem (Terra, 1983, p.72).

Este ciclo noticioso da literatura de cordel foi o responsável pelo fato de essa manifestação artística estar sempre atenta com os assuntos da atualidade, discutindo o que está em pauta na sociedade, ajudando a democratizar a informação diante desta plataforma alternativa que é o folheto. Defende Alberto Perdigão (2022) que este tipo de publicação é um dispositivo midiático com outros conteúdos noticiosos e com formatos diferenciados de narrar temas e ocorridos, com modos de produção, distribuição e consumo também distintos.

O folheto é um dispositivo midiático de caráter folkcomunicacional utilizado de forma alternativa para a veiculação de informações de fatos e temas. Sendo o folheto informativo um “jornal” alternativo do Nordeste e do nordestino, há, em contrapartida, um jornal convencional que não se identifica ou que não estabelece relação de pertencimento com aquela região imaginada e com aquele contingente que se reconhece como nordestino (Perdigão, 2022, p. 86).

A folkcomunicação, base teórica desta dissertação, será um tema melhor aprofundado nas páginas que se seguem. Trata-se da comunicação estabelecida por esses grupos marginalizados na sociedade, usando meios da cultura e do folclore para estabelecer esse diálogo. Foi através dos estudos realizados por Luiz Beltrão, criador da teoria, que o folheto de circunstância passou a ser observado como um fenômeno comunicacional dentro da academia.

É tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações folclóricas apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-las como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir tantas e tantas vezes

discordante e mesmo oposta ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes (Beltrão, 2004, p. 118).

Dentro desta dinâmica dos estudos folkcomunicacionais, foi identificado no poeta popular um papel específico, o de líder de opinião, que serve de intermediário entre o que sai na grande mídia e o que é publicado no folheto de cordel. Vamos abordar na sequência de forma abrangente como se dá essa migração da notícia para as estrofes.

2.4. O papel do poeta-repórter na recodificação da mensagem

O ‘cordel de circunstância’, como passou a ser conhecido, tinha peso de jornal impresso no sertão. Chegava a um público que não tinha acesso aos veículos tradicionais da imprensa. O transmissor dessas informações versificadas era o próprio cordelista, um sujeito que consumia as notícias veiculadas nos jornais, vertia para o cordel fazendo uma releitura poética do fato, buscando levar de forma lúdica ao seu público os fatos pautados nos versos. Em alguns casos, o folheto era a única fonte informativa desse leitor.

Existem dezenas de poetas populares do Nordeste que fazem um jornalismo muito parecido ao praticado nas redações de jornais: narram os principais acontecimentos da sua cidade, região, país e mundo; interpretam-nos; opinam sobre eles; refletem e ajudam a formar a opinião pública; integrar à vida nacional comunidades que ainda não foram atingidas pelos veículos convencionais de comunicação. (Luyten, 1992, p. 46)

O jornalista e pesquisador pernambucano Luiz Beltrão estudou a respeito desse fenômeno comunicacional e, em 1967, desenvolveu em sua tese de doutorado uma teoria que é considerada, até os dias atuais, como a primeira genuinamente brasileira na área de comunicação. A essa teoria, o autor empregou o nome de ‘Folkcomunicação’, que pode ser compreendida como a disseminação da informação por meio de suportes culturais, neste caso, o cordel.

Era aquele momento histórico já mencionado em que as pessoas que viviam em localidades mais distantes das cidades tinham dificuldade de acesso aos meios de comunicação de massa e se informavam muitas vezes através do folheto de cordel.

Cabia a esta figura, que Beltrão batizou de “porta-repórter”, a missão de fazer esse intercâmbio das mensagens, vertendo para rimas e versos os leads que saíram no jornal, sempre colocando neste texto as próprias impressões.

Os poetas jornalistas dos folhetos de época são autênticos interpretes do seu público: conhecem suas ideias, sentem os seus problemas, aspiram as suas aspirações, vivem a sua vida, podem falar com ele porque são parte integrante dele. A interpretação jornalística dos poetas do povo está ligada a essa indissolubilidade entre eles e o público; por isso é muito mais fecunda do que no jornalismo ‘ortodoxo’. Baseia-se não apenas no fato em si, mas naquilo que corre deles: nos rumores, nos boatos, nas versões múltiplas colhidas pela sensibilidade desses rudes repórteres. (Beltrão, 2014, p.146)

Aqui, não vamos tensionar a visão do autor com conceitos teóricos da prática jornalística. Apenas pontuar que, nesta função específica, como já citado, o cordelista não necessariamente apura fatos, apenas verte para a poesia popular o que já foi noticiado, embutindo ali a própria opinião, aproximando-se do jornalismo opinativo.

Desde a sua origem, ainda na Europa, a literatura de cordel cumpre essa missão social de ser uma espécie de gênero jornalístico, alcançando camadas mais abrangentes, quando os meios tradicionais não alcançavam as massas. A figura do ‘poeta-repórter’ era encarada como uma liderança, era alguém que era da comunidade, tinha a vocação artística da poesia e acessava essas notícias, além de outras referências da área do conhecimento. Toda essa bagagem servia de suporte para a composição dos folhetos que circulavam.

O que têm em comum, além do talento de escrever sobre fatos ou temas em versos, é a capacidade de representar um território marcado pela exclusão comunicacional e de, efetivamente, atuar como observador, ouvidor e porta-voz de um público. Este público diverso e plural é a primeira fonte de informação do poeta-repórter, que também se informa por meio do noticiário do jornal, do rádio, da televisão e da internet, por meio do conteúdo das ciências, especialmente dos livros, e pelas artes, notadamente as audiovisuais (Perdigão, 2022, p.76).

Neste contexto, o “poeta-repórter” se colocava também na condição de um representante do povo. Tinha proximidade direta com o seu público, não era um profissional de comunicação que conservava certa distância do receptor. Fazia questão de ser um deles, como de fato era, e de certa forma, buscava ser o representante direto de seu povo. Os ocorridos do dia, da semana, ou do mês, eram apresentados em forma de

notícia rimada, com a cadência dada pelo poeta, funcionando como “jornal do povo”, escrito com “a voz do povo” através de um interprete identificado com o público, pois é parte dele.

O poeta que o escreve [cordel de circunstância], líder natural da comunidade, está em contato direto com seu público, vive no meio dele, não é alguma coisa distante, de fria, de estranhar, transmutada numa forma noticiosa ou numa emissão passageira. O poeta apreende um acontecimento com sua sensibilidade, empresta-lhe a perspectiva da sua cosmovisão e o retransmite numa linguagem popular, dentro do campo de referência dos seus leitores. Narra os principais fatos da sua cidade, região, país e mundo; interpreta-os; opina sobre eles; reflete e ajuda a formar a opinião pública ao seu redor. (Luyten, 1992, p.49).

Esse processo comunicacional era bastante ágil, muitas vezes mais rápido até do que a publicação dos jornais impressos em circulação naquele período. Há relatos inclusive de folhetos que foram escritos, impressos e colocados à venda no mesmo dia do fato ocorrido, o que gerava grande repercussão no meio em que esses cordéis eram difundidos. Os assuntos mais apelativos eram sempre os preferidos dos “poetas-repórteres”, pois despertavam o interesse geral e alavancavam as vendas. Neste aspecto, há de se considerar também que muitos trabalhos circulavam sem o filtro necessário, distorcendo informações, exagerando em determinados pontos da narrativa para causar choque e gerar mais repercussão, sem o compromisso ético basilar do jornalismo. Mas há de se considerar também que mesmo alguns jornais popularescos, ao longo da história, já se distanciaram desses preceitos. Os meios de produção artesanal colaboravam sobremaneira com a propagação veloz desses materiais.

A rapidez da produção é às vezes assombrosa: um livreto contando a morte do Marechal Castelo Branco já estava à venda poucas horas depois do desastre. O assunto dos folhetos é geralmente um fato incomum que desperta a atenção popular. Um grande crime envolvendo sexo é sempre um bom tema para a literatura de cordel. (Luyten, 1992. p.45)

O cordelista, normalmente, ao narrar em versos e rimas esses acontecimentos, não se prende à objetividade jornalística nem às amarras editoriais. É mais livre para criar em cima do tema, adornar a narrativa e gerar apelo, por vezes adotando um tom sensacionalista, vendendo mais folhetos, que são denominados ‘jornal do matuto’.

Na estrofe introdutória, faz parte do enfeitiçamento invocar as musas, pedir inspiração aos deuses, ressaltar sentimentos de dor ou

alegria, valer-se de lições bíblicas e sabedoria popular (Amorim, 2004, p.320).

Ainda sobre a relação entre cordel e jornalismo, conforme Sebastião Breguez (2004), os cordéis de circunstância são observados como jornalismo popular, mas é preciso considerar que não se trata de um produtor de notícias, mas um difusor dessa mensagem já registrada na mídia, mas em forma de poesia. Apesar de não apurar, ser um reproduzidor da mensagem, fazendo uma reinterpretação da notícia, o cordelista, em alguns casos, era o único meio de parte dessa população se atualizar sobre os acontecimentos.

O cordel, neste contexto, funciona como uma espécie de “jornalismo popular”, de acordo com o pesquisador Joseph Luyten (1988). Ele reverbera os acontecimentos de uma maneira distinta se comparada com a mídia tradicional. O cordelista faz uso da métrica, da rima e da estrutura do cordel para comunicar de forma mais próxima do público, para cativá-lo de uma maneira mais efetiva, por usar uma linguagem de fácil aceitação e mais identificada com o receptor. Contudo, usa o jornalismo tradicional como fonte de informação. Ele não apura, comenta, é mais um cronista, traduz a mensagem à própria maneira e retransmite para seu povo, carregando o texto de suas próprias impressões sobre o fato.

A crítica, por vezes penetrante, segura, lógica, equivalente a um editorial de qualquer dos nossos mais prestigiosos diários, surge nos folhetos com o maior vigor (Beltrão, 1971, p.79)

O “poeta-repórter” é livre para escolher a própria pauta, ou assunto que vai selecionar, acumular informações sobre e, posteriormente, vertê-lo para o cordel. Geralmente, essa escolha se dá pelos acontecidos mais quentes do momento, que estão repercutindo mais na imprensa, que fazem parte do cotidiano do povo, crimes de grande comoção, problemas sociais, cenário político, tudo vale para informar e vender folhetos, gerando engajamento com sua gente. O poeta que produz cordel circunstancial mantém a verdade dos fatos, tal qual o jornalista na produção da reportagem, mas ele empresta a própria visão sobre o tema durante a narrativa, acrescenta, emite um juízo de valor e muitas vezes induz o leitor a acompanhar esse pensamento. Nesse aspecto, se aproxima da modalidade do jornalismo opinativo. Curran reforça que a habilidade do poeta com o ritmo dos versos e rimas acaba tornando a mensagem mais sedutora ao leitor.

Como o poeta pode ter (e provavelmente tem) um elemento básico de criatividade e até de ficcionalização ou mitificação do evento ou

da personagem enfocada, é útil aplicar-lhe os mesmos princípios que regem o comentário de um texto literário ou que norteiam a explicação de um texto jornalístico. (Curran, 2001, p.32)

O encadeamento de versos e rimas, além da performance do cordelista ao declamar as estrofes em locais de grande circulação de público, eram componentes que de fato atraíam o leitor para aquele assunto. A arte popular dava ao fato da vida real tons ainda mais dramáticos, o que às vezes não alcançava a objetividade jornalística. Alberto Perdigão (2002), jornalista e pesquisador, defende a ideia de que o cordel “é uma mídia alternativa, popular e contra-hegemônica”, diz também que o poeta-repórter, por vezes, oferece ao público um texto mais atrativo que o repórter da mídia tradicional. Ainda segundo o pesquisador, os versos não vão surgindo apenas para rimar e manter a métrica, há um encadeamento na narrativa, em que tudo faz sentido dentro daquele encaixe poético, produzindo um efeito que combina elementos narrativos e poéticos.

É um misto de artista da literatura e operador do jornalismo que escreve, imprime e faz circular de forma física e/ou eletrônica folhetos informativos, estes também chamados de acontecidos, de circunstância, de ocasião. Os referidos folhetos de caráter alternativo a mídia impressa e a outros meios de massa não raro são veículos da comunicação popular e contra-hegemônica (Perdigão, 2022, p.267).

Vicchiatti (2005) defende a ideia de que o texto jornalístico tradicional, apesar do compromisso com a clareza na veiculação dos fatos, não necessariamente precisa ser engessado, pode também levar ao espectador um texto mais atraente, como o “poeta-repórter” já fazia de forma hábil.

Se, portanto, o texto jornalístico se diferencia do texto poético, nem por isso a linguagem empregada no jornalismo há de estar confinada ao limite do mero informar. A mensagem informativa deve aliar o compromisso prioritário com a inteligibilidade e a possibilidade de uma reelaboração crítica dos conteúdos transmitidos. (Vicchiatti, 2005, p.38)

Voltando à perspectiva de Perdigão (2022), o poeta-repórter é autoridade para decodificar os fatos e temas do cotidiano. Ele faz a interpretação desta realidade local, nacional e até internacional e a embala para o público em versos cativantes e em forma de folheto.

Lançando-se o olhar sobre como atua o líder de opinião, é possível identificar que sua principal missão é a de servir de tradutor de uma

linguagem, de uma forma e de um conteúdo. No caso específico das notícias, este intérprete tem o papel de selecionar, sintetizar e de oferecer ao território uma renócia que seja, ao mesmo tempo, interessante, compreensível e acreditável. Sem a referida intermediação, a notícia não chega ao público para o que o meio de comunicação tradicional (não) é feito - porque não atende a critérios outros de noticiabilidade, porque não é entendível por uma cognição ou percepção diferenciadas ou mesmo porque não foi atestada como algo de outro universo simbólico, mas crível (Perdigão, 2022, p.260).

Apesar de pertencer ao ciclo informativo/noticioso, o caráter opinativo é uma forte marca deste tipo de produção. Luyten (1992) pontuou que havia, por parte de quem escrevia, uma preocupação essencialmente com aspectos interpretativos e opinativos, e não puramente informativos. O poeta-repórter não tem a prerrogativa de ser isento. Busca a aproximação do sendo comum do leitor, interpreta os valores morais dele para representa-lo, para criar identificação maior.

O poeta-repórter tem um lado, que é o lado do leitor, do que ele quer ler. É uma espécie de pacto sagrado em que o poeta-repórter é autorizado a emitir juízos de valor desde que o faça sempre em nome da formação de uma opinião pública segura (Perdigão, 2022, p.239-240).

Existia também em boa parte destes folhetos um caráter panfletário, de defesa de algumas causas importantes em voga na sociedade, principalmente quando se tratava da abissal desigualdade entre as classes no país.

Na voz rústica do poeta sertanejo esboçou-se, senão um protesto, pelo menos a revelação de que aquele povo tinha consciência do fosso profundo que o separava de suas elites e da irremediável injustiça de sua situação (Lustosa, 2012, p.14 apud Perdigão, 2022, p.145).

Em pesquisas sobre títulos do gênero, o pesquisador Crispiniano Neto (2009) lembrou em seu trabalho alguns exemplos de produções como a de Delarme Monteiro, em Pernambuco, que escreveu *A trombeta da miséria puxando a marcha da fome*, Chico Julião, líder maior das Ligas Camponesas, fez muito uso da Literatura de Cordel na pregação em defesa da Reforma Agrária e Patativa do Assaré, no Ceará, escrevia poemas de forte tom esquerdista, despertando a intelectualidade para a visão gramsciana do intelectual orgânico, mesmo não sendo ele diretamente engajado ao Partido Comunista, como lembrou Crispiniano.

Em determinados períodos históricos, em que a liberdade de expressão se viu seriamente afetada, o cordel também sofreu alguns impactos, mas o poeta demonstrou habilidades para driblar essa opressão e continuar produzindo, mesmo que não fosse tão abertamente crítico em alguns momentos.

A proximidade de autoridades civis e religiosas (sempre muito atuantes) não permite que ele se expresse com toda a liberdade sobre assuntos e ideias que não lhes agradem. Daí seu esforço em usar termos velados ou figuras que possam dar vazão a eventuais formas de reclamação (Luyten, 1992, p.35).

Durante a Ditadura Militar no Brasil, a partir do Ato Institucional 5, que entrou em vigor de 68 a 78, a censura aplicada ao cinema, televisão, literatura, rádio e jornalismo trouxe sérias consequências para a expressão do livre pensamento. O cordel, em certa proporção, escapou talvez por sua relativa invisibilidade em alguns ambientes. O poeta, então, não se furtou de produzir versos sobre fatos históricos relevantes.

À época, e ao modo possível, poetas-repórteres também narravam os episódios do período histórico, contrários ou a favor, aberta ou clandestinamente - ou não tomavam partido ou se eximiam do tema, o que também é uma informação importante para a historiografia (Perdigão, 2022, p.170).

Maxado (1980) descreveu que o ciclo de circunstância, por conta do imediatismo e do maior acesso aos órgãos de comunicação convencionais com o passar dos anos, perdeu o efeito de sensibilizar o público de cordel, uma afirmação que não se provou posteriormente, visto que os temas circunstanciais, mesmo perdendo a função primordial de informar, ainda hoje, são bastante explorados pelos cordelistas e ajudaram a manter viva essa arte, que se adequa muito bem a cada período, sempre se reinventando.

A presente pesquisa vai tratar mais detidamente sobre essa capacidade de adaptação ao seu tempo que tem a literatura de cordel, e para contrapor o ponto de vista de Maxado, resgatamos o de Lima (1976), que foi mais assertivo com o cenário futuro da poesia popular.

Podemos concluir que o ciclo jornalístico é o grande caminho que a literatura de cordel tem a seguir. Os poetas-repórteres, ao mesmo tempo em que narram, satirizam, comentam, analisam os mais diversos acontecimentos. É assim que eles estão ajudando a formar opinião em algumas camadas da população. (Lima, 1976. p.38)

Lima escreveu nos anos 70 esse texto em que afirma que o cordel deveria seguir essa vocação jornalística. De certa forma, foi tratando sobre assuntos da atualidade, que estão em discussão no meio social, que o cordel foi atravessando as décadas e se mantendo relevante, mesmo vivenciando alguns momentos de crise. Joseph Luyten, discípulo de Luiz Beltrão nos estudos da folkcomunicação, também reforça essa vocação circunstancial da literatura de cordel.

O cliclo [eixo temático] jornalístico é o grande caminho que a literatura de cordel tem a seguir. Os poeta-repórteres, ao mesmo tempo em que narram, também criticam, satirizam, comentam, analisam [sic] os mais diversos acontecimentos. É assim que eles estão ajudando a formar opinião em algumas camadas da população (Luyten, 1992, p.161).

Por sempre estar bastante antenado com os fatos em voga na sociedade, o “poeta-repórter” nunca ficava sem tema para versejar. Com isso, ganhava também a atenção do povo, que se identificava intensivamente com aquela forma de comunicar. No tópico seguinte, vamos tratar dessa relação entre o poeta-repórter e o público leitor.

2.5. A aceitação da notícia no folheto de circunstância

Notícias veiculadas em forma de poesia popular, publicadas em folhetos e propagadas em feiras livres. O questionamento é, qual a credibilidade que tinha esse tipo de conteúdo? A pergunta é complexa e não faz parte da proposta da pesquisa responder. Aqui se trabalhará com o termo aceitação, que era elevada por parte do público. Relembremos que, em muitos casos, pessoas que tinham dificuldade de acesso aos meios de comunicação de massa eram dependentes do folheto de circunstância para se atualizar sobre os acontecimentos.

O poeta-repórter realiza a intermediação entre o que é noticiado na mídia convencional, cada vez mais presente nos territórios onde circulam os folhetos de acontecidos. Primeiro sai na mídia, depois se completa como notícia, quando também veiculado nos folhetos. É um processo de validação ou de avaliação, que requer o leitor, da parte de quem ele efetivamente confia como jornalista (Perdigão, 2022, p.241).

Lima defende que, como o “poeta-repórter” é uma figura do povo, cria identificação imediata e, conseqüentemente, tem mais “credibilidade” ao transmitir a

mensagem. Mesmo a palavra sendo usada pelo autor, manteremos a ideia de aceitação, pois torna-se difícil o uso da régua para medir a credibilidade até mesmo na mídia convencional.

Existe aí aquele problema que, em comunicação, denominamos de credibilidade: o homem [...] apesar de ter tomado conhecimento da notícia através do rádio ou jornal, prefere o relato do poeta, por uma questão até mesmo de maior identificação com o emissor, o autor do folheto. (Lima, 1976. p.31)

Os folhetos de época, ou de acontecidos, se transformaram ao longo da história também, de acordo com Perdigão (2022) em documento de uma história, se não dita oficial, mas das representações de segmentos da cidadania, com os quais o poeta-repórter falava e muito bem se identificava por também ser parte dele.

Falavam porque eram ouvidos por poetas-repórteres atentos e comprometidos em traduzir as versões de uma elite descolada das percepções e interesses de uma não-elite (Perdigão, 2022, p.166).

Gonçalo Ferreira da Silva (2004), presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC, contou em depoimento coletado pela pesquisadora Viviane de Melo Resende (2006) que, quando os impressos raramente chegavam a esses lugares mais distantes, as pessoas não davam crédito às notícias, geralmente diziam que era “conversa de jornal”, só passavam a acreditar mesmo no fato quando ele vinha, no fim de semana, publicado no folheto de cordel. Assim ocorreu quando da morte do afamado cangaceiro Corisco, no dia 27 de maio de 1940. Aquela notícia passou a ser verdadeira apenas quando o poeta Moisés Matias de Moura compôs um ‘martelo agalopado’, estilo poético do cordel, sobre o acontecido.

Neste período, o poeta lançou *A Gazetinha de Moura*, uma espécie de jornal periódico em verso, que tratava dos temas mais quentes do momento. Através dessa sextilha, ele convocou o leitor para aguardar com expectativa a edição seguinte, mostrando também o faro mercadológico do poeta.

Portanto, caros leitores
Fiquem na atividade
Quando se der qualquer caso
Dentro ou fora da cidade
Esperem a Gazetinha
Que anuncia a verdade.
(Moura, 1949, p.14)

Gilmar de Carvalho (2011) expõe, em edição comemorativa dos 120 anos do nascimento do poeta, que Moisés Matias Moura não era um grande nome do cordel comparado a outros gênios como Leandro Gomes de Barros e Manoel d’Almeida Filho, ele era descuidado com a excelência na confecção dos versos, tinha rima pobre, de “pé quebrado” (quando não se respeita a métrica). Contudo, tem colaboração indiscutível para o cordel de acontecidos.

Talvez seja mais interessante vê-lo como interprete de um “jornalismo oral”, e não “popular”, baseado na enunciação da narrativa a partir do coloquial. Optava-se por dizer o fato de forma a provocar curiosidade e aumentar o desejo de acompanhar a narrativa, dosando a emoção com a frieza dos dados, dos argumentos e dos testemunhos. A técnica passava ao largo dos manuais de redação (que não existiam nesse período), indício de um tempo em que empresas jornalísticas não estavam consolidadas, dando margem a que o povo expusesse os fatos do seu ponto de vista, com a legitimação de um porta-voz autorizado. (Carvalho, 2011, p.34)

No “cordel de circunstância”, os fatos eram abordados sempre trazendo também a visão do poeta sobre o assunto. Essa opinião ajudava a gerar proximidade ainda maior com o público, que se identificava com aquele posicionamento ou até mesmo era conduzido a pensar daquela maneira. A construção poética o seduzia de tal maneira que ele se via concordando com o autor. O posicionamento crítico era uma marca recorrente nas publicações.

Um dos maiores nomes da história da literatura de cordel no Brasil, o paraibano Leandro Gomes de Barros foi um notável poeta-repórter. Usou da crítica social forte nas produções que ganharam fama em seu tempo, foi uma voz importante para denunciar, refletir sobre os acontecimentos e, principalmente, criticar as elites daquele período. Alberto Perdigão (2022) opina que o pioneiro deste gênero poético no país tem lugar assegurado no panteão simbólico da poesia-reportagem, tamanha a quantidade de obras que publicou na primeira metade do século XX e sobretudo pela contundência com que se contrapôs ao que acontecia de negativo em seu período.

O Pai da Literatura de Cordel foi também um poeta-repórter que escrevia, na perspectiva popular e contra-hegemônica, poesias-reportagens com conteúdos de crítica ou de denúncia, os quais, certamente, não constavam dos jornais [...] Notabilizou-se pelo tom satírico, irônico e jocoso com que tratava os personagens, temas e fatos que eram alvo da indignação, logo do protesto de seus público,

um contingente de não-elite em que se incluía e que, em certa medida, representava (Perdigão, 2022, p.146).

No clássico cordel *O tempo de hoje* (1917), de Leandro Gomes de Barros, sobre a Primeira Guerra Mundial, o poeta, considerado o pioneiro do cordelismo no Brasil, inicia a obra com um juízo bastante negativo sobre o fato histórico, abordando a crise gerada pelos combates:

Antes de haver essa guerra
O mundo era sonho dourado
A carne custava pouco
O bacalhau quase dado
Açúcar ninguém queria,
Café moído era achado.
(Barros, 1917, p.1)

Leandro Gomes de Barros segue destrinchando os efeitos devastadores sob o ponto de vista econômico que a guerra causava naquele momento em todo o planeta, inclusive no Brasil.

Além do preço alterado
Que a mercadoria tem
Falta no kilo ou na cuia;
Como se salva ninguém?
Só o povo do governo
Pode dizer: “Eu vou bem”.
(BARROS, 1917, p.6)

Os poetas que cumpriam tal missão, a exemplo de Leandro Gomes de Barros, era uma espécie de colunista, usava um tom ácido, com forte crítica social, como já faziam muitos redatores nos jornais, mas com um olhar mais sensível a uma não-elite a qual buscava representar, o leitor de seus cordéis.

Figura 3 - Capa do clássico folheto "O tempo de hoje" de 1917



Fonte: Acervo Sebastião Nunes, 2013

O poeta finaliza a obra ainda em tom crítico, mas com discurso conformista sobre um cenário complicado, que não mais poderia ser modificado. Leandro Gomes de Barros faz isso lançando uma série de ditos populares.

E o remédio que há
 Não tem para onde fugir,
 A dor ensina a gemer;
 O sono obriga a dormir
 Toda roupa serve o nu
 Quando não tem que vestir.
 (Barros, 1917, p.10)

Entre os tantos cordéis publicados, dentro ou não do gênero circunstancial, Leandro Gomes de Barros publicou em 1915 *A Seca do Ceará*, obra que evidenciou a delicada condição do homem sertanejo, castigado pela rigorosa estiagem que vitimou milhares de pessoas em uma das maiores secas de que se tem notícia no Brasil.

Em 1930, a escritora cearense Rachel de Queiroz publicou uma das obras mais importantes da literatura brasileira, *O Quinze*, sobre o mesmo tema. Por que o livro da autora é considerado como conteúdo literário, enquanto o folheto de Leandro Gomes de Barros se encaixa na categoria cordel circunstancial, mais ligado ao jornalismo? A resposta é que a escritora usa a ficção para abordar o tema, cria personagens e um enredo para retratar a crua realidade vivida naquele período, já o cordel foi publicado no calor dos dolorosos acontecimentos e é uma crítica social direta, uma contumaz denúncia sobre o sofrimento do povo.

Figura 4 - Capa original ao lado da capa da reimpressa em 2014



Fonte: Sebastião Nunes, 2013/ABLC, 2014

Não se vê uma folha verde
 Em todo aquele sertão
 Não há um ente d'aqueles
 Que mostre satisfação
 Os touros que nas fazendas
 Entravam em lutas tremendas,
 Hoje nem vão mais o campo
 É um sítio de amarguras
 Nem mais nas noites escuras
 Lampeja um só pirilampo.
 (Barros, 1915, p.02)

O clássico cordel, no formato de décimas (estrofes de dez versos), retrata as cruéis consequências daquela seca, como a morte e até mesmo a prostituição de adolescentes para tentar se livrar da miséria. Ainda traz uma contundente crítica ao governo da época pela inércia e até mesmo exploração diante do desespero dos que sofreram com aquela seca inclemente.

Vê-se uma mãe cadavérica
 Que já não pode falar,
 Estreitando o filho ao peito
 Sem o poder consolar
 Lança-lhe um olhar materno
 Soluça implora ao Eterno
 Invoca da Virgem o nome
 Ela débil triste e louca
 Apenas beija-lhe a boca
 E ambos morrem de fome.

Vê-se moças elegantes
 Atravessarem as ruas
 Umas com roupas em tira
 Outras até quase nuas,
 Passam tristes, envergonhadas
 Da cruel fome, obrigadas
 Em procura de socorros
 Nas portas dos potentados,
 Pedem chorando os criados
 O que sobrou dos cachorros...

... Os habitantes procuram
 O governo federal
 Implorando que os socorra
 Naquele terrível mal
 A criança estira a mão
 Diz senhor tem compaixão
 E ele nem dar-lhe ouvido
 É tanto a sua fraqueza
 Que morrendo de surpresa
 Não pode dar um gemido.
 (Barros, 1915, p.06 e p.16)

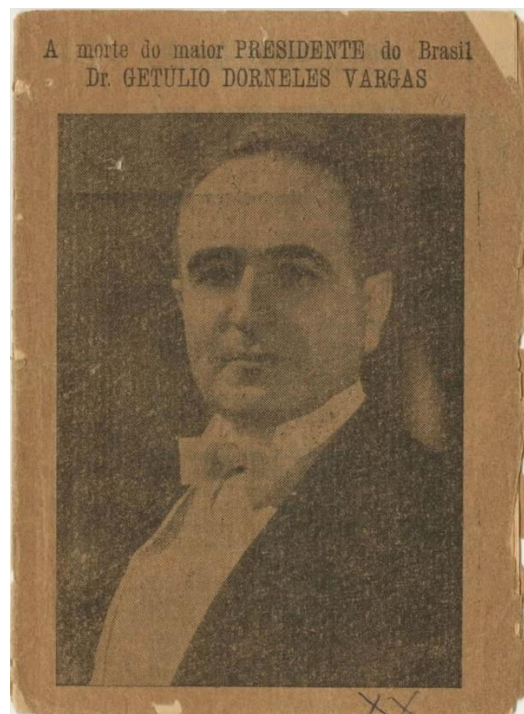
Interessante observar também a agilidade que o poeta tinha, mesmo sem tantos recursos, na confecção e publicação desses cordéis. Poucos dias depois da morte do ex-presidente Getúlio Vargas, já havia folheto na praça com biografia, narrando os

acontecimentos que antecederam o suicídio, bem como repercussão da tragédia que abalou o país e detalhes do sepultamento. Na narrativa, o poeta Manoel d'Almeida Filho, outro autor considerado grande gênio da poesia popular, explicita a visão dele sobre o político, que fica evidente já no título: *A morte do maior presidente do Brasil*:

Assim seguiu para o leito
 Fez uma carta a nação
 Do seu ato de renúncia
 Deu toda explicação
 Depois fez mais um bilhete
 Fazendo uma alegação.

Já pronto para morrer
 Depois de ter satisfeito
 Os seus últimos ideais
 Atirou no próprio peito
 O corpo do grande herói
 Tombou morto no seu leito.
 (Filho, 1954, p.5)

Figura 5 - Folheto publicado dias depois da morte de Getúlio Vargas



Fonte: Fundação Rui Barbosa, 2010

A notícia da chegada do homem à lua chegou ao sertão brasileiro através de publicações como a do poeta José Soares, que tratou do assunto e, em uma das estrofes,

explicitou que fez a pesquisa em um impresso para depois verter o assunto para o cordel, propagando a informação com riqueza de detalhes técnicos sobre a histórica jornada.

Figura 6 - Folheto noticiou a chegada do homem à lua



Fonte: Fundação Rui Barbosa, 2010

Num jornal de Pernambuco
 Eu li numa reportagem
 Falando nos Astronautas
 Que fizeram essa viagem
 Quando exaltaram seus feitos
 Com destemor e coragem.

Porque a Apolo 11
 Pesa oito toneladas
 Só levou três passageiros
 Nessa enfadonha jornada
 Sem saberem se na lua
 Tinham acolhida e pousada.

Quando saltaram do módulo
 Para terra espacial
 Viram grande diferença
 Do nosso mundo atual
 E ficaram admirados
 Com o mundo sideral.

Os astronautas trajavam
 Calça, culote e colete
 Um guarda peito de aço
 Desenhado um ramallete
 E cada um tinha uma estrela
 De prata no capacete.
 (Soares, 1969, p.05)

Em alguns casos, é possível observar narrativas poéticas mais objetivas, com a linguagem muito próxima do texto jornalístico factual, evidenciando que o “poeta-repórter” também bebe, de alguma maneira, dessa fonte. Um exemplo é esse lead em forma de estrofe na abertura do cordel *O roubo do Banco Central*, do cearense Jotabê.

No dia oito de agosto
 No centro da capital
 Um grande roubo se deu
 De modo fenomenal
 Uma quadrilha exemplar
 De forma espetacular
 Roubou o Banco Central.
 (Jotabê, 2005, p.1)

Observe que a estrofe tem aquelas respostas básicas que o redator do jornal precisa responder no parágrafo inicial: o que, quem, como, quando, onde e por quê. O famoso lead, presente nos manuais de jornalismo mundo afora, consagrado na escola americana do século XIX. De cara, o leitor já tem o panorama básico do acontecimento, depois, nas estrofes seguintes, vai recebendo outros detalhes, assim como no texto do jornal impresso.

Por meio da poesia popular, os saberes e a cultura são difundidos com maior facilidade, com uma linguagem de fácil compreensão e um ritmo que ajuda a entreter, ao passo que também informa, por isso, ganhou credibilidade e aceitação imediata por parte do público ao longo da história. Mesmo deixando de ser o exclusivo meio de acesso à informação do sertanejo quando os veículos tradicionais de mídia ganharam maior

alcance, o cordel seguiu trazendo assuntos da atualidade e atraindo a atenção de um público cada vez mais diverso, migrando também para outras plataformas.

No capítulo seguinte, o trabalho vai mergulhar mais a fundo na teoria folkcomunicacional, abordando como ela se estabeleceu neste campo de estudo, para onde voltou o olhar e como estudou os fenômenos comunicacionais que se estabeleciam fora da mídia chamada hegemônica.

3 Estratégias folkcomunicacionais no cordel-reportagem televisivo

Ao longo das últimas décadas, a folkcomunicação sofreu metamorfoses. Os pesquisadores na área foram se adaptando às mudanças ocorridas na sociedade e alteraram as perspectivas nos estudos do campo, voltando os olhares para fenômenos outros. Se na essência da teoria Luiz Beltrão focou nos processos autênticos dessa comunicação que acontecia dentro das comunidades, as atenções passaram a se voltar, sobretudo por conta de toda a evolução tecnológica, mais para o intercâmbio que se dá entre a cultura popular e a mídia de massa em um mundo cada vez mais globalizado, e como essa troca de influências impacta na manutenção, na propagação e no formato do que se produz culturalmente, trazendo avanços nos estudos.

O capítulo vai tratar da consolidação da teoria folkcomunicacional e das novas perspectivas na área, através principalmente dos estudos de (Trigueiro, 2008), que identificou um novo agente nesse processo folkcomunicacional, que é o ativista midiático. Este desempenha um papel distinto ao do comunicador folk de Luiz Beltrão. O ativista midiático de Trigueiro se encaixa no perfil dos jornalistas que exploram o cordel como linguagem jornalística em reportagens televisivas, material que serve de objeto de estudos desta pesquisa.

3.1 O “Jeitinho Brasileiro” de se comunicar na perspectiva de Luiz Antônio Barreto

Popularmente, se diz que o brasileiro já nasceu publicitário, tem a habilidade natural para se comunicar, prender a atenção do público quando quer vender um produto. O feirante é um exemplo de como atrair o cliente. Usa a voz em tom elevado para comunicar promoções, traz uma história, uma anedota para divertir e cativar o consumidor. O “Mulher bonita não paga, mas também não leva”, virou clichê, mas o freguês tem um repertório bem mais rico do “marketing de feira”.

Recentemente, viralizou nas redes um ambulante do metrô do Rio de Janeiro vendendo chocolate. Ele criou uma história dizendo que, depois do jantar, a esposa de

cada um dos passageiros diria: “Poxa, querido! Eu queria tanto comer uma sobremesa, sendo que hoje não tem nada. Aí, você vai virar para ela e dizer assim, como é que não tem nada, querida, você pensou que eu iria esquecer de você? Toma aqui o *Suflair* da *Nestlé*, meu amor”. O vendedor reproduzia a cena no metrô lotado, aos risos dos passageiros, como um teatro ao ar livre, criando um enredo para gerar uma demanda e alavancar as vendas. Quando partimos para nomes de botecos, a criatividade também aflora. Beber no “Tô indo pra casa” é a segurança para não mentir quando o cônjuge ligar perguntando onde você está. O bar em frente ao cemitério ganhou o nome de “De frente para o futuro”. Tem ainda o “Habeas Copos”, trocadilho para um “beber em liberdade”, ou o “Bartman”, temático em homenagem ao super-herói dos quadrinhos e do cinema.

Esses recortes bem-humorados são uma mostra do que o autor e pesquisador sergipano Luiz Antônio Barreto chamou de “Jeitinho Brasileiro” de comunicar, uma característica marcante do nosso povo, que conseguiu, muitas vezes sem acesso à educação, sem o direito à informação, se adaptar e criar suas próprias conexões comunicacionais dentro e fora do meio.

O povo brasileiro ajeitou o seu poder de comunicação, conciliando a tradição dos repertórios transplantados, transformando-os em mensagens permanentes, invariantes, com as quais tem vivido. Antes era a fantasia de reinos e cortes, fidalgos e vassalos, como uma lúdica a aplacar o fadário da ocupação e da colonização da terra. A diversidade dos repertórios fez do brasileiro um ser do mundo, de cada palavra um abre-te Cézamo, de cada verso ou cantiga, dito ou romance, uma senha de entrada ou de regresso ao mundo velho da história humana. E fez mais, celebrou personagens insurgentes, como Antônio Conselheiro, Virgulino Ferreira da Silva, o Capitão Lampião, do mesmo modo como sonhou outra utopia, a da fartura, saciando a fome, fazendo da terra alheia uma Cocanha, com seus rios de leite e de coalhada (Barreto, 2005, p.668).

O poeta que abria a mala de folhetos em praça pública para recitar os cordéis é um outro exemplo dessa habilidade comunicacional. Na prática, as declamações eram um jeito atraente para comercializar a sua arte. Luiz Antônio Barreto defende que boa parte dessa nossa habilidade comunicacional vem dos valores culturais que herdamos, cultivamos e adaptamos, referências principalmente advindas da Idade Média.

O Brasil carrega esse enigma em sua cultura, o de ser um país descoberto no Renascimento, que guarda sintonia e parentesco com a Idade Média, naquilo que melhor identifica a sua tradição. Os Trovadores, Copistas, Predicadores, Clérigos e Leitores alimentaram, cada um com seu poder de comunicação, a mensagem

embutida na invenção e na difusão da cultura. Na Cruz como signo, no cromatismo do Azul e do Encarnado, nos contos de proveito e exemplo, nas cantigas, na teatralização das lutas, nos romances, no sino e no relógio das matrizes, nos púlpitos e confessionários, na Missa, como auto, nas formas clássicas ou nos novos modos de comunicação, o povo brasileiro ajeitou a diversidade cultural dos repertórios, como a viver uma sobre realidade, como vivia uma sobre natureza (Barreto, 2005, p.667).

Mesmo nos períodos de repressão, esse “Jeitinho Brasileiro” sempre encontrou meios de não fazer com que a mensagem se perca. O próprio Luiz Antônio Barreto citou no seu texto sobre o tema o exemplo do caminhoneiro que colocou a frase no para-choque do caminhão: “Eu quero é rosetar”. No sentido coloquial, seria divertir-se, envolver-se sexualmente com alguém sem compromisso. A mensagem, considerada imoral pelas autoridades locais, foi tema do falatório nas rodas de conversa. O caminhoneiro foi chamado na delegacia e obrigado a tirar a mensagem, que foi trocada pela frase: “Continuo querendo”, que provocou risos gerais. Ou seja, manteve a ideia, mas de forma indireta.

A criatividade para se comunicar vem da nossa forte tradição oral. Somos contadores de história natos. E mesmo com o passar do tempo, com o advento de novos recursos tecnológicos. O autor sustenta que o Brasil, como poucas sociedades no mundo, foi capaz de assimilar as vanguardas artísticas sem perder as vozes da oralidade, as tradições antigas. Ou seja, na perspectiva de Barreto (2005), a tecnologia e as mais recentes plataformas comunicacionais à disposição do público não alteraram de forma significativa a cultura brasileira.

No caso da literatura de cordel, esse “Jeitinho Brasileiro”, como vimos no capítulo anterior, a transformou em uma espécie de jornalismo informal, em que as pessoas também se informavam sobre os acontecimentos através do trabalho realizado pelos cordelistas, que traziam notícia e opinião nos versos, impressos nos folhetos.

O cordel tem duas faces. Uma, de reproduzir, em versos, estórias antigas, ou recolhidas da oralidade. Outra, de ser um jornalismo popular, não apenas de fatos marcantes, como fenômenos naturais, crimes de morte, desastres, desaparecimento de políticos e pessoas importantes, mas também temas recolhidos no contato do poeta folheteiro com o povo (Barreto, 2005, p.669).

Foi justamente esse “Jeitinho Brasileiro” de comunicar abordado por Luiz Antônio Barreto que serviu como base para o nascimento da teoria folkcomunicacional.

O olhar não é para a cultura popular em si, mas como ela serve de plataforma para que essa comunicação ganhe fluência.

3.2 O olhar de Luiz Beltrão para o fenômeno comunicacional fora da bolha

A obra de Luiz Beltrão voltou seu olhar para a população que historicamente foi excluída pelas elites. As investigações científicas buscaram entender como o povo estabelecia, criava, reinventava e transmitia seus próprios valores, sentimentos, referências e modo de comportamento. O intuito foi compreender como esse processo comunicacional, que é específico, original, e uma forma de resistência a essas forças hegemônicas que não davam voz e protagonismo aos grupos denominados de marginalizados pelo autor da teoria folkcomunicacional, se construía dentro das comunidades mais afastadas dos grandes centros, quais impactos gerava, e como o folclore serviu de fio condutor para a circulação dessas informações.

O pai da folkcomunicação (Beltrão, 1980) dividiu os receptores marginalizados, de acordo com a denominação dele, em três grupos diferentes. O primeiro era o grupo rural, isolado geograficamente dos centros urbanos, com poucos recursos econômicos e com acesso quase nulo à educação; o segundo são os grupos urbanos marginalizados, que residem nas periferias das grandes cidades e também desistidos em termos estruturais, financeiros e educacionais; o terceiro é o grupo culturalmente marginalizado, rural ou urbano, que trabalhava na contestação dessa estrutura social vigente.

O grande diferencial da folkcomunicação foi se ater a um objeto que já vinha sendo estudado em outras ciências e que, até então, os pesquisadores da área não haviam atentado para tal fenômeno.

Ele suscitava o olhar dos pesquisadores da comunicação para um tipo de objeto que já vinha sendo competentemente estudado pelos antropólogos, sociólogos e folcloristas, mas era negligenciado pelos comunicólogos (Melo, 2008, p. 19).

Luiz Beltrão identificou no folclore um dos grandes canais de comunicação coletiva. As manifestações populares comunicavam histórias, costumes, tradições e conectavam o povo. Ditavam uma forma de viver, de se expressar, de cultivar as raízes, interligando diferentes gerações. O próprio modo de viver do povo brasileiro, com forte

tradição na oralidade, com as conversas na boca da noite, contando histórias de trancoso, os causos de pescadores, caminhoneiros, as novidades trazidas pelos mascates, as recitações dos repentistas e cordelistas, também carregavam marcas dessa comunicabilidade tão particular.

Ao estudar esses processos comunicativos, Luiz Beltrão e seus discípulos perceberam que esses grupos ditos marginalizados reelaboravam, à sua maneira, a sociedade, adaptavam o meio social em que viviam, imprimindo a própria visão de mundo e modo de se expressar através da dança, do teatro, do artesanato, da cantoria, da culinária e demais manifestações. Porém, desde o princípio dos estudos, o autor recomendou precaução com o encantamento, pois o foco não era observar cientificamente o folclore em si, mas como uma expressão comunicativa.

Pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversionista, mas procurarmos entendê-las como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir tantas e tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes. Esse sentido camuflado, que não raro escapa ao próprio estudioso dos fenômenos sociológicos, é, contudo, perfeitamente compreendido por quantos tenham com os comunicadores aquela experiência sociocultural comum, condição essencial a que se complete o circuito de qualquer processo comunicativo (Beltrão apud Marques de Melo, 2008, p. 19).

Essa perspectiva foi que diferenciou desde o princípio a tese de Luiz Beltrão dos estudos folcloristas, pois o desafio da folkcomunicação não era estudar a manifestação artística em si, mas compreender as mensagens nelas embutidas, se aprofundar nas formas de se expressar através do folclore. Ou seja, como as pessoas comunicavam por intermédio de toda essa herança cultural.

Luiz Beltrão (1980, p.24) definiu de forma sintética a teoria como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios diretos ou indiretamente ligados ao folclore”.

Com o passar dos anos, a teoria ganhou robustez e foi se desenvolvendo também com o auxílio de outros pesquisadores que dedicaram seus estudos ao campo folkcomunicacional.

Reunira, afinal, material suficiente para identificar agentes, audiência, veículos e modalidades da informação de fatos e

expressão de ideias, opiniões e atitudes de populações e grupos que se confrontavam com a filosofia e não absorviam ou não tinham meios de utilizar os canais e as mensagens industrializadas ou requintadas que alimentavam o sentir, o saber, o selecionar e o agir dos públicos integrados no processo civilizatório erudito (Beltrão, 1980, p.23-24).

Um dos principais pesquisadores contemporâneos na área de folkcomunicação, Hohlfeldt reforçou nos seus estudos essa vocação da teoria de observar esses fenômenos comunicacionais existentes na cultura popular, e mapeou seu campo de atuação.

A folkcomunicação não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar - necessariamente - que engloba em seu fazer saberes vários às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo (Hohlfeldt, 2003, p.877).

O professor Hohlfeldt encontrou também muitas pontes entre a teoria brasileira com outras três escolas comunicacionais estrangeiras: o Funcionalismo norte-americano, os Estudos Culturais advindos da Inglaterra, além dos Estudos Culturais da América-Latina. (Fernandes, 2011).

Vale ressaltar que Beltrão recebeu o reconhecimento de grandes teóricos do campo comunicacional. José Marques de Melo (2008), outro discípulo do pai da folkcomunicação, destacou que o escritor italiano Umberto Eco escreveu o seguinte sobre a teoria: “As massas do Nordeste se informam através da literatura de cordel, das histórias em quadrinhos em xilogravuras, vendidas nas feiras e distribuídas nas farmácias. [...] Luiz Beltrão me convenceu, com argumentação irrefutável, que não é o rádio, nem a televisão que fornecem informações. As comunicações através dos folhetos e das histórias em quadrinhos não são, por enquanto, monopólio de ninguém, elas se desenvolvem por si mesmas”. (Eco, 1966 apud Melo).

Ainda de acordo com Marques de Melo, Jesús Martín-Barbero identificou paralelos entre a teoria de Beltrão com a estratégica de pesquisa denominada contra hegemonia comunicativa: “ao indagar a atualidade e a vigência das formas de

comunicação popular na riqueza cultural de suas festas e discursos, tanto rurais quanto urbanos, religiosos e cívicos, dos signos messiânicos aos políticos, passando inclusive pelos grafitos eróticos e até mesmo pornográficos (Barbero, 1999, p.39 apud Melo).

Com a evolução tecnológica, o mundo se transformou, a informação ficou mais acessível e por isso, os pesquisadores da área passaram a voltar o olhar para novas perspectivas geradas por essas mudanças.

Neste novo cenário, o agente intermediário da folkcomunicação, como foi concebido pelo fundador da folkcomunicação, já não é tão importante na recodificação das mensagens da mídia para um contexto local. O chofer de caminhão, o mascate, o bicheiro já não trazem tantas novidades para as cidades rurais como acontecia nos anos 60. O homem da roça tem em casa, telefone DDD e DDI, rádio, televisão, ouve música no walkman ou no CD player, não precisa desmontar do cavalo ou parar a carroça para telefonar; é bastante usar o celular, ou seja, ele está conectado com os muitos lugares por diferentes meios da informação e comunicação (Trigueiro, 2008, p.697).

Osvaldo Trigueiro escreveu esse texto em 2008 ainda sem considerar direito uma revolução ainda maior, vinda com a internet 2.0, com as redes sociais, que possibilitaram o indivíduo a ter a sua própria mídia, como um perfil no Instagram ou um canal no Youtube, por exemplo, que pode ter alcance mundial.

O olhar do pesquisador da área de folkcomunicação hoje está mais detido em como a mídia se dá essa conversão entre mídia e cultura popular, e qual impacto isso gera na manutenção de tradições e propagação das mesmas.

Trata-se do mosaico cultural que a mídia globalizada exhibe diariamente, rompendo o isolamento social em que os grupos periféricos viveram até recentemente. Costumes, tradições, gestos e comportamentos de outros povos, próximos ou distantes, circulam amplamente na aldeia global. Da mesma forma, padrões culturais que pareciam sepultados na memória nacional, regional ou local ressuscitam profusamente. Facilitando a interação entre gerações diferentes, eles permitem o resgate de celebrações, ritos ou festas, aparentemente condenados ao esquecimento (Melo, 2008, p.41).

Na perspectiva de Luyten (2003), cabe ao pesquisador da área de folkcomunicação analisar a maneira através da qual os meios de comunicação recuperam e recodificam as manifestações folclóricas, seus códigos e simbolismos, além da influência dos produtos de massa nas culturas populares.

Voltando-se para o objeto de estudo desta dissertação, é possível identificar esse intercâmbio entre a cultura popular, no caso o cordel, e a mídia de massa, neste contexto, a televisão. A pesquisa vai identificar, entre outros aspectos, como esses dois elementos se relacionam, influenciam-se mutuamente e como se dá essa migração do folheto para o audiovisual.

3.3 Literatura de cordel sob a ótica dos estudos folkcomunicacionais

A relação entre o jornalismo e a literatura de cordel foi abordada no capítulo primeiro desta dissertação. O tema será retomado para reforçar como esse elemento tão marcante da cultura popular serviu de objeto rico de estudos no campo folkcomunicacional. O cordel circunstancioso, que abordava fatos marcantes do cotidiano, foi o que mais despertou interesse de Luiz Beltrão, criador da teoria, que observou nesse gênero uma forma de expressar ideias e propagar os principais acontecimentos vigentes.

De acordo com Breguez (2003), a literatura de cordel foi analisada dentro do campo de estudos como manifestação comunicacional das classes populares, uma espécie de jornalismo popular, em que o cantador é o repórter do povo, captando as notícias, vertendo para o formato cordelístico e imprimindo folhetos para que sejam vendidos nas feiras e demais espaços públicos.

Funciona como forma de transmitir informações para as classes populares. Divulgam grandes acontecimentos, morte de líderes políticos adorados pelo povo, ou ainda representam formas de contar seus amores, desgostos ou doenças. A ida do homem à Lua, a morte de Getúlio Vargas, a luta de Lampião e o cangaço, a morte de Padre Cicero ou Frei Romão, a saga de Juscelino Kubitschek, o impeachment de Collor - tudo se transforma em verso e canto que o cantador popular publica em livreto para vender nas feiras. (Breguez, 2003, p.113).

Luiz Beltrão despertou o interesse de dezenas de pesquisadores ao identificar, através de seus estudos, que as classes populares tinham seus próprios meios de se comunicar, e com essa expressividade, entendiam e se faziam entender. O teórico apontou para o folheto de cordel como um grande meio de comunicação do povo. Esse e outros aparatos de publicação impressa popular, como livros da sorte, almanaques, santinhos, calendários e afins eram suportes através dos quais se trocavam informações,

compartilhavam experiências, mantinham-se tradições e cumpriam expectativas de inserção cultural, educacional e comunicacional dentro da comunidade.

Em 1992, Joseph Luyten, discípulo de Beltrão e um dos grandes pesquisadores do cordel do Brasil, sob essa perspectiva folkcomunicação, já alertava que as teorias do jornalismo eram negligentes com esse fenômeno popular de circulação da informação. Os estudos analisavam tão somente os modelos tradicionais, desconsiderando que o país tinha proporções continentais e, até então, o alcance da grande mídia não era tão abrangente. Então, a informação se propagava por outras vias, e o cordel foi talvez a principal delas no contexto popular.

Breguez lembrou que Roberto Benjamin (2004), outro relevante teórico da área, identificou em suas pesquisas que a literatura de cordel foi a primeira manifestação de folkcomunicação a se propagar por vias tecnológicas. Isso porque os poetas, que inicialmente faziam circular os versos durante declamações em praças movimentadas, passaram a partir do final do século XIX e primeiras décadas do século XX a imprimir seus cordéis em máquinas artesanais e posteriormente nas mais sofisticadas, quando estas chegaram às cidades mais distantes das metrópoles.

Somente agora é que se estuda o cordel do ponto de vista folkcomunicação, sendo canal de troca de informações direta entre as classes populares e mediador entre o popular e a comunicação de massa. Neste sentido, ganha importância o estudo da evolução das tecnologias de editoração dos folhetos e do jornalismo popular dos cantadores nordestinos. (Breguez, 2003, p. 115).

No caso do objeto de estudo desta dissertação, comparado com o que já foi estudado até aqui sobre cordel e jornalismo dentro da folkcomunicação, pretende-se justamente mostrar como a poesia popular se inseriu dentro do meio audiovisual, mais especificamente a mídia de massa televisiva, servindo como suporte de linguagem para a narrativa jornalística.

A teoria genuinamente brasileira voltada para a comunicação identificou, na verdade, que, no contexto popular, acontecia fenômeno semelhante ao que se dava nas elites. Ou seja, a arte e a cultura eram plataformas para se propagar anseios, interesses e modo de pensar. Assim, se construiu em cada meio um rico arcabouço cultural que serviu de ponte comunicativa entre os entes dos respectivos grupos.

Quando analisamos o funcionamento da nossa sociedade (capitalista), numa observação de superfície, notamos que as classes dominantes, que detêm o controle dos meios de produção, veiculam os seus interesses e aspirações nas artes, nas ciências, na administração do Estado. Às camadas populares, só resta um meio de participação social: a comunicação popular através de todos os seus meios. E através dos meios de comunicação popular, que estão dentro do conjunto da cultura popular ou folclore, que elas organizam uma consciência comum sem perder a identidade cultural. (Breguez, 2003, p. 115).

Observa-se que o povo, a sua maneira, fez a democratização da comunicação, com o seu “jeitinho brasileiro” de comunicar, como pregou Luiz Antônio Barreto, através de seus próprios meios, e conseguiu também consolidar as bases de sua própria cultura, que foi se adaptando a contextos, circunstâncias e se moldando ao ocupar novos espaços gerados com o progresso tecnológico.

3.4 O *two-step-flow* no cordel circunstancioso

Uma das principais bases teóricas que serviram de alicerce para a folkcomunicação foi o *two-step-flow*, que seria o fluxo de comunicação em dois estágios. O conceito vem de um estudo realizado nos Estados Unidos por Paul Lazarsfeld e outros estudiosos no ano de 1944. Os pesquisadores se debruçaram na análise do cenário político da campanha presidencial de 1940 na região na comunidade de *Erie County*, em *Ohio*, e buscaram entender como se formavam as opiniões políticas naquele contexto. Foi neste trabalho, publicado com o nome de *The people's choice. How the Voter Makes up his Mind in a Presidential Campaign*, que apareceu pela primeira vez a figura do “líder de opinião”. Esse personagem tem o papel de fazer o intermédio entre o que é publicado na mídia e o receptor, diminuindo ou modificando os efeitos pensados pelo emissor da mensagem. (Cervi, 2007, p.39).

Luiz Beltrão se inspirou nessa concepção e identificou nos estudos folkcomunicacionais este líder de opinião, ou líder folk, e buscou entender qual influência ele exercia nesse fluxo.

Personagem quase sempre do mesmo nível social e de franco convívio com os que se deixavam influenciar, levando sobre eles uma vantagem: estava mais sujeito aos meios de comunicação do que os seus liderados. Conhecia o mundo, isto é, havia recebido e decodificado as mensagens dos meios, transmitindo-as em segunda mão ao grupo com o qual se identificava. (Beltrão, 2001, p.67-68).

No caso dos estudos sobre a literatura de cordel dentro do campo teórico, o líder de opinião é o cordelista, essa figura que transitava com maior frequência por outros ambientes, conhecia o mundo fora da comunidade e tinha mais acesso aos meios de comunicação. Ele consumia as informações veiculadas na mídia tradicional, recodificava essa informação e vertia para os versos em sextilha ou septilha, sempre acrescentando a própria visão sobre o fato, conduzindo o leitor para o seu ponto de vista ou mesmo expressando os sentimentos do povo para gerar uma identificação imediata com o que estava sendo publicado. Neste fluxo, nem sempre as intencionalidades da mídia tradicional geravam impacto com esse público, que era influenciado (ou até influenciava) pelo líder folk, o “poeta-repórter” cordelista.

Jornalista e doutor em Ciência Política, Emerson Urizzi Cervi lembrou que, no princípio, os estudos em comunicação de massa só davam atenção ao “Líder Vertical”, que é justamente o que ocupa posição de destaque nos meios de comunicação tradicionais, o repórter, o articulista, o âncora de programa jornalístico radiofônico ou de telejornal, ou mesmo autoridades e representantes formais de entidades, que tinham espaço privilegiado nestas organizações midiáticas para propagar suas ideias e versões sobre os temas em discussão. Até que foi identificado nesses estudos o “Líder Horizontal”, o folkcomunicação no conceito de Luiz Beltrão, que atuava dentro desses grupos definidos como marginalizados pelo pai da folkcomunicação.

Apesar de o líder de opinião horizontal não ter sua autoridade reconhecida socialmente, ainda assim consegue desenvolver sua capacidade de persuasão por carisma, credibilidade, respeito pessoal ou capacidade de aglutinar pequenos grupos. Ele age como conselheiro de seus pares. Uma diferença importante entre os líderes verticais e horizontais é que os do primeiro grupo, apesar de ocupar espaços privilegiados na mídia, nem sempre têm acesso aos meios de comunicação folk, enquanto os segundos, sim. (Cervi, 2007, p.39).

Basicamente, ainda segundo o autor, essa liderança folk era responsável por fazer a intermediação entre esse fluxo de conteúdos difundidos pelos meios de comunicação de massa e as camadas populares. Neste processo, essa informação era formatada para se encaixar dentro dos referenciais culturais de cada grupo, atendendo as respectivas necessidades dos receptores. Os líderes serviam de intérpretes desses conteúdos, estimulando a participação social e formando diferentes correntes de opinião populares.

Essa comunicação de massa por etapa reduziu o papel dos meios de comunicação como influenciadores da opinião pública dentro desses grupos, pois a forma de propagação da mensagem foi alterada pelo intermédio do líder folk. Ou seja, “os efeitos provocados pelos meios de comunicação dependem das forças sociais que prevalecem em um determinado período”. (Lazarsfeldt, 1965. apud Cervi).

Com o líder de opinião desempenhando seu papel de “decodificador” das mensagens, o processo de comunicação torna-se unidirecional apenas em seu primeiro momento, quando os conteúdos partem de um emissor para um número significativo de receptores; porém, não a sua totalidade. Esses primeiros receptores, os formadores de opinião, vão interpretar esses conteúdos e retransmiti-los a um número maior de receptores, e assim, sucessivamente. (Cervi, 2007, p.41).

Como já abordamos, a evolução no processo comunicacional trouxe mudança de hábitos, deu maior alcance aos meios comunicativos e aproximou as comunidades do restante do mundo, promovendo maior intercâmbio de culturas e fez circular de forma mais eficaz e veloz as informações. Todas essas mudanças foram consideradas nos estudos folkcomunicacionais. Por isso, novas perspectivas foram anexadas e os pesquisadores da área voltaram o olhar para outros fenômenos que passaram a acontecer, como veremos na sequência.

Refletindo sobre o objeto de estudo desta dissertação, percebemos que a dinâmica é diferente com o autor do cordel-reportagem televisivo. Ele não serve como mediador da informação, como o líder de opinião folk, ele usa o cordel como suporte de linguagem para a construção de sua narrativa jornalística, portanto, exerce uma nova função, abordada mais detalhadamente adiante.

3.5 Do líder de opinião ao ativista midiático

Nas primeiras décadas de consolidação da teoria desenvolvida por Luiz Beltrão, os olhares dos pesquisadores estavam voltados mais para o processo de comunicação que se dava nas comunidades por intermédio das manifestações folclóricas. Como o povo se expressava através de seus costumes, sua própria cultura, e como se dava esse fenômeno comunicacional fora dos meios hegemônicos. Mas a abrangência dos estudos folkcomunicacionais cresceu, outras dinâmicas foram sendo observadas, e hoje, pode-se

dizer que o foco principal do campo teórico é analisar como se processa o intercâmbio entre o local e o global, ou como dialogam, atualmente, as culturas populares com os meios de comunicação massivos.

As plataformas comunicacionais evoluíram, se expandiram, e mesmo quem mora em localidades mais longínquas dos grandes centros não está de todo apartado dessas mudanças, como se dava em outros tempos. Tirando o fenômeno da desigualdade social, que ainda é considerável no Brasil, os grupos não-hegemônicos têm maior acesso aos recursos tecnológicos. A casa do sertanejo tem rádio, televisão, parabólica ou TV por assinatura, além de internet. Ele anda pela vizinhança com um *smartphone* na mão, se comunica através do *Whatsapp*, por onde também se informa, com ou sem notícias falsas. Isso tudo faz com que haja uma mudança profunda na forma de se comunicar, e aquele processo de comunicação em dois estágios, tratado no tópico anterior, pode ganhar muitas outras camadas ou simplesmente perder a função original.

Nesta nova perspectiva, o líder folk foi perdendo relevância naquele papel primordial identificado como intermediador do fluxo comunicacional, como pontuou Osvaldo Trigueiro, um dos principais pesquisadores da área. Ele concluiu que, a partir da virada do século, o mundo passou a ter referências outras, além de novos contextos históricos, culturais e globais.

Nesse novo ambiente planetário o agente intermediário, como foi concebido no modelo da folkcomunicação por Luiz Beltrão, já não tem grande importância na interceptação da codificação das mensagens midiáticas para um melhor nível de compreensão e interpretação do local. O chofer de caminhão, o comerciante nômade prestamista, os bicheiros, os ciganos, os tropeiros, os barbeiros e os dentistas ambulantes já não são portadores das novidades dos grandes centros urbanos para os pequenos municípios nordestinos, como parecia acontecer quando Luiz Beltrão desenvolveu a maioria das suas pesquisas (Trigueiro, 2008, p.52).

O pesquisador identificou em seus estudos um outro personagem, que segundo José Marques de Melo (2008), ao refletir sobre essa figura trazida à luz por Trigueiro, ultrapassava as tipologias construídas por Barbero, com os mediadores culturais, e de Luiz Beltrão, com os líderes folkcomunicacionais. Este novo agente foi denominado de ativista midiático.

Um protagonista híbrido. Trata-se do ativista midiático, cuja função pode ser bivalente, tanto interpretando os conteúdos midiáticos para

consumo dos cidadãos do seu entorno quanto agendando os conteúdos folkcomunicacionais no fluxo contínuo das indústrias culturais (Melo, 2008, p.65).

A função desse ativista no contexto folkcomunicacional é bem mais abrangente e complexa, podendo ter papéis múltiplos, conforme o próprio Trigueiro descreveu.

Desbravador de novas ideias, que tem domínio de diversos conhecimentos; é sagaz, astuto; e vem como quem não quer nada, mas termina conseguindo quase tudo, assim um pouco de João Grilo ou de um Pedro Malasartes. Esses protagonistas, de vez em quando, estão na TV, nos programas tipo Gugus, Faustões, Cidades Alerta e Brasis Urgentes e Márcias, e, conseqüentemente, participam nos programas de rádio ao vivo nos estúdios ou por telefone reclamando, solicitando apoio ou recolocando o seu produto cultural tradicional nas redes eletrônicas de comunicação. (Trigueiro, 2008, p.53).

Ainda de acordo com os estudos de Osvaldo Trigueiro, esse agente não é mais aquele mediador da informação, que recodificava a mensagem veiculada na mídia para o seu público. A ação do ativista sobre a audiência ativa da folkcomunicação guarda outras missões. O perfil é até parecido, o que muda é a linha de atuação. É um sujeito que se destaca em seu grupo pela produção intelectual, que é incorporada à vida cotidiana da comunidade. São produtores, criadores e ativadores culturais.

Toma para si e usa o cordel, a cantoria, o teatro e as danças dramáticas populares, o jornal mural, os grafites, o artesanato, a culinária, entre outras tantas manifestações do saber popular; potencializa, dá visibilidade a esses produtos culturais, recolocando-os nas redes globais de comunicação, notadamente o rádio, a televisão e a internet como estratégia da inclusão social (Trigueiro, 2013, p. 859).

O ativista midiático atua, nessa perspectiva de Trigueiro, como um encadeador de modificações e atualizações do fazer e do pensar sobre a cultura popular. O propósito é propagar nas redes de comunicação esses bens simbólicos para que ganhem outras dimensões, se perpetuem e alcancem outros públicos nas cadeias globais. Ele trabalha para expandir as culturas folkmidiáticas em cadeia, acompanhando os avanços das telecomunicações e promovendo o intercâmbio entre as culturas midiáticas e populares, resultando assim em novos significados folkcomunicacionais.

O campo de atuação deste ente são as redes cruzadas de comunicação entre o global e o local, que se interconectam, isso através do rádio, da televisão e sobretudo agora também por meio da internet. Essa performance leva em consideração o interesse

da audiência ativa da folkcomunicação. É um trabalho que constrói pontes para que as produções populares, de escala local, sejam apropriadas pelos meios midiáticos como estratégia de circulação em escala planetária, nas palavras do autor.

O mediador ativista da folkcomunicação opera em esferas diferentes do campo de interesse, da mídia hegemônica, inventa novas interações socioculturais de convivências entre as tradições locais e a vida moderna como forma de estar sempre atualizado com o que acontece no mundo de fora, com as visões dos muitos lugares (Trigueiro, 2008, p.698).

Dentro do pensamento relacionado à cultura popular, é forte o conceito do preservar as tradições, respeitar as raízes e buscar a manutenção de costumes, para que não sejam descaracterizados. Neste aspecto, o ativista midiático trabalha de maneira mais disruptiva, construindo interações.

No processo de interatividade entre as redes locais e globais, essa produção cultural deixa de ser eminentemente artesanal. O artista passa a fazer uso de recursos tecnológicos, se apropria desses meios técnicos, para fazer circular a sua obra ou produto folkmediático. No caso do cordel, observando a linha histórica do tempo, se fortaleceu na tradição oral, no teatro de rua. Passou a ser escrito em folhas soltas, depois, impresso artesanalmente em folhetos, com ou sem xilogravura. Os cordéis foram ganhando sofisticação ao se tornarem mais acessíveis às tecnologias de impressão. Posteriormente, passaram também a ser publicados em formato de livro, até que chegaram às plataformas digitais, à televisão no formato audiovisual, conforme no material jornalístico que serve de objeto de estudo para esta pesquisa.

No mundo globalizado não há espaços para antagonismo entre as culturas locais e as globais, o que existe são diferenças entre as duas esferas, são movimentos de reconfigurações de uma nova realidade como consequência dos avanços das novas tecnologias das telecomunicações. Na realidade, o que existe são campos preferenciais de negociações que vão depender do grau de relevâncias temáticas (Trigueiro, 2008, p.699).

Existe neste processo de interação uma via dupla. Há nessas negociações a apropriação da mídia sobre o popular e do popular sobre a mídia. Os meios massivos, que falam para um público extremamente amplo e plural, querem cada vez mais se aproximar do povo, criar um conteúdo que gere identificação, para seduzir essa audiência. Os próprios telejornais, antes eminentemente formais, sisudos, buscaram caminhos mais leves, com linguagem coloquial, buscando dialogar mais diretamente com o espectador.

As TVs locais, afiliadas das grandes redes, valorizam cada vez mais o local, o fortalecimento das raízes, cativando sua própria comunidade. É neste terreno que o ativista cultural vem plantando as sementes para dar projeção aos produtos folkmediáticos. As culturas populares invadiram de forma definitiva essas redes globais, ocuparam os espaços e se propagam.

Neste trânsito entre o popular, o massivo e o erudito, a cultura se adapta a novos formatos, se reinventa, dialoga com outros elementos e ganha novos públicos. O modo de pensar, agir e fazer dessa produção sofre alterações nessas cada vez mais imbricadas redes de comunicação entre o regional e o universal. E ao mediador ativista, cabe utilizar esses meios multifacetados para divulgar seu mundo local para o mundo global através desses referenciais da cultura de sua comunidade.

O ativista midiático é um bom contador de histórias tradicionais e contemporâneas, é detentor de um amplo repertório de culturas locais. E nessa "militância cultural" que ganha mais espaço como articulador das interações face a face, mesmo contaminadas pelas interações midiáticas (Trigueiro, 2006, p.860).

O objetivo do pesquisador da área, portanto, como refletiu Osvaldo Trigueiro, neste universo, é estudar, compreender e interpretar o papel desse novo mediador ativista como emissor, produtor e criador nesse sistema folkmediático. Neste contexto, a dissertação identifica no trabalho dos repórteres que fazem uso do cordel como linguagem jornalística na TV uma atuação que se encaixa no ativismo midiático.

Na verdade, os poetas-repórteres da televisão têm trânsito nos dois meios, o da cultura popular e o midiático, pois atuam nas redações, construíram carreira jornalística e levaram os referenciais de cultura que possuíam para dialogar com o ofício na imprensa.

Falando do meu caso, como já abordei no início da dissertação, tenho identificação com a cultura popular, sou cordelista, membro da Academia Sergipana de Literatura de Cordel. A decisão de levar a literatura popular para o jornalismo e transformá-la em um produto folkmediático se deu pela combinação entre o querer propagar a arte do cordel para outras redes e buscar formas alternativas para contar histórias nas reportagens, cumprindo por tabela o próprio intuito dos veículos de massa de construir pontes com as culturas locais.

Em termos de produção textual, não houve tanta mudança em relação ao que já produzia em outras plataformas. É o formato tradicional do cordel, em sextilhas ou

seartilhas. Talvez apenas adaptando para as estrofes algumas marcas do texto jornalístico em determinados casos. A abordagem do tema também se encaixa com a factualidade jornalística. Com o trabalho de outros departamentos, como edição de imagem, texto, finalização, arquivo e videografismo, o produto folkmediático ganhou o formato audiovisual, combinando narração, sonorização, imagens e artes, em cordéis-reportagens televisivos veiculados na TV Sergipe, em algumas afiliadas e na própria Rede Globo. Os conteúdos alimentaram as editorias de cultura, esporte e rural.

A Globo Pernambuco também encampou um projeto de cordel-reportagem televisivo no departamento de jornalismo esportivo, com o quadro Cordel da Bola, veiculado no Globo Esporte local.

Através de breves entrevistas com profissionais da área, conseguimos reunir algumas informações importantes para compreender melhor concepção e construção desses produtos folkmediáticos dentro das redações das afiliadas Globo e na própria emissora, que também tem sede em Pernambuco.

O editor-chefe do GE pernambucano, Leonardo Aquino, em princípio, começou a escrever os cordéis. Mesmo não sendo do ramo da poesia, tem proximidade com a cultura popular e se arriscou a compor os primeiros. Inicialmente, foi convidado o poeta, compositor e interprete Jessier Quirino, que emprestava a voz para as narrações e revisava os textos, fazendo os ajustes necessários. Com o tempo, outros artistas foram convidados, como Santanna Cantador e o sanfoneiro, cantor e poeta José Amazan, que também mexiam nas estrofes e narravam os *offs* em forma de cordel.

Posteriormente, Roger Casé, repórter da casa, apaixonado pela cultura popular e que se arriscava nas festas a declamar cordéis, entrou no projeto, passando a escrever as estrofes, que inicialmente, também sofriam pequenos ajustes, até que ele pegou de vez o jeito e passou a compor o texto e narrar os *offs* dos cordéis-reportagens televisivos, inclusive, fazendo passagens rimando.

No caso da Verdes Mares, os conteúdos poético-jornalísticos foram compostos pelo repórter do Globo Esporte Ceará, Juscelino Filho. Desde menino, ainda na primeira série, teve contato com a Literatura de Cordel como leitor, passou a consumir constantemente os conteúdos dos folhetos, decorar os versos, ficou fascinado principalmente pelos que continham batalhas rimadas de repentistas. O cordel foi a primeira forma de poesia com a qual teve contato, mas só se arriscou a escrever quando,

na redação da emissora, foi desafiado a contar de uma forma diferente a retrospectiva dos clubes cearenses em 2015.

Antes de partir para a produção, deu uma revisada nas regras de esquema de rima, métrica, e a experiência como leitor também ajudou a encaixar as ideias, as histórias dentro das estrofes. A composição foi um desafio, por ser praticamente a estreia como poeta do já repórter Juscelino. O projeto ganhou corpo com o trabalho de edição de texto, imagem e finalização, e se desdobrou em outros conteúdos subsequentes além da retrospectiva.

Em todas essas atuações, foi possível observar essa ponte estabelecida por intermédio desses profissionais entre a cultura popular, no caso a literatura de cordel, com a mídia de massa, no contexto, jornalismo de televisão aberta, criando um produto folkmediático através do cordel em formato de reportagem audiovisual. Ao atuarem como ativistas midiáticos, os poetas-repórteres da atualidade ajudaram a propagar a poesia popular, difundindo-a em uma outra plataforma, respeitando características inerentes à manifestação artística, mas testando formatos e reforçando esse diálogo entre o local e o global. Além disso, cumpriram o desafio imposto de buscar maneiras diferenciadas de contar histórias nas reportagens.

No próximo capítulo, a dissertação vai tratar sobre esse movimento do jornalismo que, ao longo da história, se apropriou de outras narrativas para diversificar a sua própria linguagem, como vem acontecendo atualmente com o cordel.

4 Cordel-reportagem, o verso como linguagem jornalística na TV

O cordel televisivo, como destacado até aqui, foi mais um caminho encontrado para buscar maneiras de diversificar linguagens ao contar histórias nas reportagens. É um movimento já adotado pelo jornalismo ao longo da história para explorar outras narrativas à serviço da jornalística. O capítulo vai tratar deste fenômeno, apresentando recursos já adotados nas produções e mostrando que essa busca de quebra de padrão alia dois conceitos sob os quais a construção da reportagem vem se pautando nos dias atuais, que é o equilíbrio entre informação e entretenimento.

4.1. Novas imbricações entre cordel e jornalismo

A pesquisa une as duas pontas históricas entre a literatura de cordel e o jornalismo. Naquele primeiro momento, a poesia popular servia de jornal para o sertanejo, era através dos folhetos que ele se informava sobre os acontecimentos, o poeta-repórter consumia os assuntos que saíam no jornalismo tradicional, recodificava essa mensagem e a transpunha para os versos. Era o cordel se apropriando do jornalismo para construir a produção do ciclo circunstancioso aqui já referido. No objeto analisado nesta dissertação, encontra-se o caminho inverso, o do jornalismo fazendo a apropriação do cordel, adotando-o como linguagem própria, com o intuito de diversificar narrativas, informar, entreter e aproximar e estabelecer um diálogo entre a cultura local com a comunicação global.

Neste processo de reconexão, os modos produtivos também ganham novas alternativas de distribuição, neste caso, no audiovisual. Esse cenário, como lembrou Alberto Perdigão, ampliou os horizontes para os poetas, que passaram a vislumbrar novos espaços de atuação.

Ao longo de cerca de um século e meio, os modos de elaboração dos poemas, da impressão dos folhetos, a distribuição e consumo deste tipo de informativo certamente mudaram; poetas-repórteres, editores, folheteiros, leitores e ouvintes passaram a ocupar novos lugares. (Perdigão, 2022, p. 42).

Mesmo ganhando novos terrenos, plataformas variadas para divulgar sua arte, o poeta seguiu produzindo em forma de folheto, uma nova fase do ciclo circunstancioso, não meramente informativa, mas para construir espaços de debate sobre os assuntos da

atualidade, captar o leitor cioso de conteúdos de repercussão dos fatos ou mesmo que queira apenas se distrair com a leitura leve, com distintas interpretações dos ocorridos. Perdigão pesquisou sobre os folhetos de política, que ajudaram a contar um dos períodos mais movimentados de nossa história recente, com o impeachment de Dilma Rousseff e eleição de Jair Messias Bolsonaro. Os cordéis colaboraram com o aquecimento do debate, sempre com a opinião do poeta, crítica mordaz sobre a fase que o Brasil atravessou e trazendo aspectos do fantástico para ajudar a apimentar a crítica, como em “A chegada de Bolsonaro no Inferno”, de Bastião da Curiboca.

Corria um dia tranquilo
Na portaria do inferno.
A fila estava pequena
Com três caboco de terno;
Um agiota, um banqueiro,
E um pastor potoqueiro
Invocando o Pai Eterno.

Tudo estava nos conformes
Naquela burocracia
Quando se ouviu ao longe
Uma estranha tropelia
Fazendo muita poeira,
Promovendo quebradeira
Xingando a democracia.

Na frente, boca espumando
Tinha um tal de Capitão.
Com a mão fazia um gesto
Imitando um três-óitão;
Riso de psicopata,
Catinga de vira-lata,
E zóio de assombração.

Ele logo foi dizendo:
“Sou presidente, tá oquei?
Tenho apoio da milícia
Da Rede Globo e da lei.
Vou trocar o delegado!
Eu quero advogado,
Daqueles que eu já comprei”.
(CURIBOCA, 2021)

O poeta faz uso de várias informações veiculadas na mídia, como associação do ex-presidente com milícias, comportamento armamentista, troca de delegados da PF para

livrar os filhos de investigações e, ao longo do texto, vai citando outras ações, discursos, principalmente relacionados à má gestão durante a pandemia. No meio, ainda faz uma crítica ao trabalho da Rede Globo, que segundo ele, apoiou o governante, mesmo depois tendo adotado um direcionamento editorial mais crítico, sobretudo em meio à crise gerada pela Covid-19. O autor junta todos esses elementos para uma crítica forte ao então presidente. Usou como referência um outro clássico do cordel, que foi “A chegada de Lampião no Inferno”, de José Pacheco. Em ambos os enredos, os personagens provocam imensa confusão na casa do Tinhoso, dando dor de cabeça ao Diabo, que logo quer se ver livre da referida figura.

Não há um modelo de elaboração de uma poesia-reportagem ou um perfil padrão para o poeta-repórter, como chegaram a defender alguns conservadores e puristas, poetas e estudiosos da literatura de cordel. O modo de fazer um folheto, que parte das iniciativas fordistas de Leandro Gomes de Barros, no último quartel do século XIX, e que, de maneira geral, se mantém inalterado, ao longo de quase um século e meio, também vem sendo influenciado e modificado, em algum grau, pelos movimentos da sociedade, do mercado, da política e das tecnologias. As alterações mais de cunho adaptativo que disruptivo (Perdigão, 2022, p.76).

Como o próprio pesquisador reforçou, as mudanças na maneira de se comunicar trazidas pela evolução tecnológica deram ao poeta, além de novos espaços de divulgação e circulação, outras fontes de pesquisa, de consumo da informação, trazendo a ele novos elementos para compor sua obra, com novos temas e novas vozes. O poeta segue se apropriando dos conteúdos jornalísticos, e diversos outros que tem à disposição. Tudo isso serve de referência na hora de compor os versos. Por sua vez, o jornalismo enxerga nesse processo também um meio de apropriação dessa linguagem como estratégia discursiva.

4.2. Narrativas diversas à serviço da linguagem jornalística

A literatura de cordel, na perspectiva estudada nesta dissertação, serve como recurso de linguagem para o jornalismo. O modelo surge muito da inquietação dos poetas-repórteres de buscar uma ferramenta narrativa diferenciada para contar histórias nas reportagens. A poesia popular foi escolhida pela aproximação dos profissionais com a poética e como estratégia folkcomunicacional de fortalecer o intercâmbio entre a cultura popular e o meio massivo de comunicação. A iniciativa é inspirada em outros movimentos

jornalísticos que buscaram contar histórias utilizando recursos narrativos de outros campos, visando também trazer os fatos de uma forma mais atraente para o público. O jornalismo literário foi talvez a forma mais consagrada.

Nesta construção, o jornalista se distanciava da objetividade que era tão recomendada, se desviava da pirâmide invertida, fórmula pré-estabelecida do “o que, quem, como, quando, onde e por que”, que o repórter tem que responder dentro do texto, o famoso *lead*. A busca, no caso do literário, era por contar histórias de não-ficção de uma forma romanceada.

Há um gênero jornalístico que narra os acontecimentos com maior profundidade, subjetividade e recursos textuais originalmente literários. O jornalismo literário permite a liberdade da narração para descrever a complexidade dos fatos e as minúcias de um acontecimento. (Silveira, 2022, p.12).

Rebeca Kuhn Silveira ainda denomina o jornalismo literário como “o fato-poético”. A autora lembra que o que o diferencia do jornalismo tradicional é a linguagem, e que quem o escreve não tem o interesse de entregar somente informação, mas oferecer também ao leitor uma experiência sensorial, com seu dinamismo particular. A ideia é, através de recursos literários, mostrar a cena, não meramente relatá-la.

O cordel-reportagem televisivo pega essas referências para elaborar narrativas que ofereçam ao leitor não apenas informação, mas uma experiência distinta de consumir uma história, com um enredo que mistura constantemente o fato com elementos culturais outros. Exemplo disso é um dos materiais da série sobre os 200 anos de Independência do Brasil, veiculado no Hora 1, em que a reportagem inicia basicamente com uma arte em videografismo mostrando um cordel com Dom Pedro I na capa. Esse folheto se abre e o espectador mergulha na história narrada em rima e verso, mergulhando nas páginas daquela história através do livretinho. Todos os elementos de sonorização, narração, arte arquivo proporcionam uma entrega diferente ao público.

No livro *The Art of the Fact: A historical Anthology of Literary Journalism*, Kerrane & Yagoda (1998) intitulam o primeiro capítulo com uma expressão que pode bem representar o que o repórter busca ao fazer uso do jornalismo literário em uma reportagem: *Making the Facts Dance*, ou seja, dar um ritmo próprio aos fatos, fazê-los dançar dentro da construção narrativa, envolvendo o leitor e levando-o para dentro da história, o que faz qualquer escritor de ficção minimamente competente. No caso do

cordel como estratégia narrativa jornalística, os fatos dançam na cadência das rimas, dos versos que dão outro ritmo ao relato dos acontecimentos, além de todos os outros recursos disponíveis quando se fala no conteúdo audiovisual.

O propósito nesta seção não é se aprofundar em cada um desses gêneros narrativos à serviço do jornalismo, apenas mostrar que o literário inspirou outros movimentos de construção de reportagem, como os documentários jornalísticos no campo do audiovisual. Desde os anos 1990, os quadrinhos surgiram também como uma nova possibilidade de se contar histórias dentro do jornalismo. Entre as grandes obras do gênero que podem ser citadas estão as reportagens em HQ de Joe Sacco, Art Spiegelman e Marjane Satrapi (Huf & Silveira, 2021).

A dissertação, neste caso, trata de um tipo de jornalismo cuja linguagem é construída através da poesia popular, e o cordel não é o único gênero poético que serviu à construção de reportagens.

Guimarães Rosa, um dos maiores nomes da literatura brasileira, chamou de “Reportagem” o primeiro poema do livro “Magma”. Nele, apresenta-se como um observador, que mira ao longe e de forma objetiva um homem que desce do trem rumo ao Leprosário, quase que uma crônica de um episódio cotidiano.

O trem estacou, na manhã fria,
num lugar deserto, sem casa de estação:
a parada do Leprosário...

Um homem saltou, sem despedidas,
deixou o baú à beira da linha,
e foi andando. Ninguém lhe acenou...

Todos os passageiros olharam ao redor,
com medo de que o homem que saltara
tivesse viajado ao lado deles...

Gravado no dorso do bauzinho humilde,
não havia nome ou etiqueta de hotel:
só uma estampa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro...

O trem se pôs logo em marcha apressada,
e no apito rouco da locomotiva
gritava o impudor de uma nota de alívio...

Eu quis chamar o homem, para lhe dar um sorriso,
mas ele ia já longe, sem se voltar nunca,
como quem não tem frente, como quem só tem costas...
(Rosa, 1997, p.15)

O poema de Guimarães Rosa não era exatamente uma reportagem, mas tinha ali o exercício de um observador-repórter, serviu para demonstrar que existe casamento legítimo entre a poesia e o ofício jornalístico, tanto que foi possível observar posteriormente repórteres-poetas utilizando os dois recursos na construção de reportagens, como em “Flagrantes do Tempo: poema-reportagem na Paulicéia”, da jornalista Luciana Tonelli, publicado em livro.

Nele, a autora reflete sobre a vivência do cotidiano urbano de São Paulo e sobre todos os conflitos instalados nesse modo de vida implacável, isso tudo sob a ótica do tempo, tão escasso nas grandes cidades.

Há o ritmo artístico na condução dos poemas, aliado ao olhar aguçado de uma repórter inquieta, que relata através de sua poesia essa rotina compartilhada pela coletividade que reside na Paulicéia.

Estes são poemas urgentes, apressados
poemas espremidos da ampulheta
roubados de algum minuto distraído.

Poemas da hora, poemas-vidraça
recebendo a primeira pedra: datados!

Estes são poemas estriados
extraídos da cidade estressada.

São poemas de hora marcada.

Quem dera um poema desocupado
equilibrista na fluidez do acaso.

Quem dera um poema de derramar a alma
poema de calma e presença.

Quem dera o poema exato no espaço-tempo
fruto de madura artesanaria.

- Mas não -

Estes são poemas de um tempo fracionado
Atravessado, aturdido.

São poemas das horas possíveis,
do tempo em sua ranhura.
(Tonelli, 2010, p. 17)

No poema de abertura, reproduzido acima, Tornelli já retrata o ambiente no qual trabalhará a obra, o lugar em que todos estão muito ocupados, em que o tempo corre, não espera, não dá espaço para o ócio, pois quem espera fica para trás, perde a oportunidade que só chegará para quem está preparado. O tempo empregado para si mesmo é o tempo apressado, o tempo possível, o da hora marcada.

Dentro dos grandes veículos de imprensa, há bons exemplos de experimentos construtivos diferenciados para reportagens, inclusive misturando distintos recursos, como no premiado *A Short Story of the Highrise*, de Katerina Cizek, em *The New York Times*. Trata-se de um documentário interativo sobre a história de 2.500 anos de construções verticais na vida urbana do mundo. A material é contado em minidocumentários com milhares de fotografias, que ganham animação, com ferramentas interativas nos filmes para o público acessar, por exemplo, os prédios aos quais o filme está fazendo referência naquele momento. O texto foi composto em forma de poesia, e as rimas dão um ritmo cadenciado à narração.

4.3. Cordel como estratégia de infotenimento na TV

No jornalismo dos tempos atuais, esses recursos narrativos, ou seja, as formas diferenciadas de contar histórias, visam trazer um olhar mais subjetivo aos fatos. Há também, em boa parte dos casos, a intencionalidade de atrair a atenção do público, que se encontra cada vez mais disperso diante de um emaranhado de opções para se entreter ou mesmo buscar informação. A internet, os *streamings* e outros tantos recursos ocuparam espaços na preferência do público que antes eram quase que exclusivos da televisão. Por isso, naturalmente, houve a necessidade natural de ela se reinventar em diversos aspectos. Essa transformação, com erros e acertos, está em curso.

Abordando especificamente o jornalismo televisivo, são nítidas as mudanças ao longo dos últimos anos. É um telejornal mais vivo, dinâmico, com menos reportagens e com mais links ao vivo. O apresentador está se distanciando gradativamente do estilo formal, saiu da bancada, se movimenta pelo estúdio, usa marcas da coloquialidade na fala, se dirige diretamente ao telespectador, às vezes conta anedotas, histórias pessoais para exemplificar assuntos que estão sendo abordados, deixa à mostra tatuagem, enfim, uma

desconstrução progressiva visando uma maior aproximação, um grau a mais de intimidade com quem está assistindo.

As emissoras sempre buscaram estabelecer vínculos com as audiências, mas o maior engajamento dos cidadãos remodela as estratégias de comercialização dos noticiários e de aproximação com o público, que não se constitui mais como um ator social opaco nos processos de comunicação midiáticos na atualidade. Não por acaso, a mistura de informação e entretenimento, infotainment, e a comercialização de produtos, infocomerciais, é cada vez mais recorrente nas práticas jornalísticas e ganha destaque nos noticiários, misturando gêneros discursivos e linguagens. (Becker, 2016, p.51)

O histórico padrão formal, o roteiro pré-estabelecido e o mundo em que as informações não circulavam com a velocidade de hoje eram elementos que, em muitos casos, engessavam o telejornal, que trabalhava com fórmulas prontas, que mal se moviam. Todas essas transformações relatadas, além da revolução nos recursos tecnológicos, colaboraram com uma dinâmica quase que total no modo de produção. O raciocínio deve ser mais rápido, as alterações no roteiro ocorrem quase que a todo instante, a improvisação é essencial em muitos casos, e a criatividade é mais exigida para que o produto ganhe a fluidez necessária.

Seja na televisão ou na internet, a criatividade e as rupturas das lógicas das mídias resultam de interações capazes de produzir uma informação nova ou uma atitude inventiva nas leituras críticas dos textos midiáticos, nas relações sociais e na produção de conteúdos e formatos inovadores. (Becker, 2016, p.217).

No texto *A Notícia Light e o Jornalismo de Infotainment*, Dejavite (2007) trata desse casamento entre a informação e o entretenimento. A pesquisadora defende que, nesse contexto, o limite ético que separaria jornalismo de entretenimento não existe, pois uma matéria pode muito bem informar entretendo, ou entreter por intermédio da informação. Ela cita como exemplo as escolhas dos assuntos abordados, como matéria sobre maquiagem, sobre comportamento, celebridades, mas esse entretenimento pode se dar também pela escolha narrativa e formato, como já abordamos na dissertação.

Nesse sentido, o conteúdo jornalístico tem sofrido mudanças e ganhado uma nova exterioridade, denominado notícia light. Isso porque até pouco tempo havia uma preocupação pequena em satisfazer os interesses do receptor. Hoje, no entanto, o público participa cada vez mais na deliberação do que se veicula na mídia. Diante desse novo receptor, as empresas jornalísticas estão mais atentas em relação ao papel que devem desempenhar na sociedade

e têm transformado a dinâmica da criação das notícias. (Dejavite, 2017, p. 04).

Dentro dos estudos na área de comunicação, os conteúdos de infotenimento, como os cordéis-reportagens televisivos, objetos de estudo desta dissertação, vão se encaixar no gênero jornalístico denominado de “Diversional”. Ficaremos com a perspectiva de José Marques de Melo (1985), que diz que a categoria é onde se encaixam as narrativas jornalísticas que contam de forma divertida, romanesca, poética, apartada do *lead*, as histórias da vida real.

A literatura de cordel, à serviço da narrativa jornalística, é, portanto, um produto folkmediático, como já vimos, que estabelece essa ponte entre a cultura popular e os meios de comunicação de massa. Ela entra nesse contexto como uma ferramenta experimental de infotenimento, para informar e divertir o espectador dentro do proposto.

4.4. Jornalismo esportivo e o experimento de novos formatos

Muito discutida na atualidade dentro do jornalismo geral, a modalidade do infotenimento já se consolidou há bem mais tempo dentro da editoria do jornalismo esportivo. Isso porque, falar de esportes sempre possibilitou ao profissional de comunicação tratar sobre o tema de forma mais descontraída, como o próprio assunto muitas vezes exige, experimentando outros caminhos narrativos.

“Jornalismo esportivo não é só esporte”. Esta é uma máxima que muitos profissionais da área gostam de defender. Quanto maior for a bagagem cultural do repórter, melhores serão suas reportagens. Até porque, dentro do contexto esportivo, existem muitas ricas histórias de vida, por exemplo, que merecem ser contadas, contextualizadas. Certa feita, o repórter Kiko Menezes, da Rede Globo, afirmou que ler um clássico literário o prepara muito mais como repórter esportivo do que assistir a um jogo de *Champions League*. Isso porque esse repertório cultural lhe dá as ferramentas necessárias, os ganchos, na hora de contar as histórias.

A cobertura esportiva brasileira tem a crônica em seu DNA. Grandes escritores, como José Lins do Rego e Nelson Rodrigues atuaram no jornalismo esportivo e ajudaram a fortalecer a máxima de que o futebol, quando bem jogado, é uma expressão artística, um verdadeiro poema. Eles e outros craques da escrita ajudaram a imortalizar expressões

dentro do jogo, colaboraram para que o esporte bretão se tornasse a paixão nacional que ainda hoje é, com textos irônicos, criativos e frases de efeito, como esta de Nelson Rodrigues. “Em futebol, o pior cego é aquele que só vê a bola”, reforçando a necessidade desse olhar treinado para outras nuances que ocorrem em uma partida e até fora dela.

Nelson Rodrigues foi profético ao escrever uma crônica já chamando Pelé de Rei em 1958, meses antes da conquista da primeira Copa do Mundo do então adolescente para o Brasil. “Dir-se ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope”. Quem não lembra, anos mais tarde, da famosa frase sobre o Pelé. “O maior que apareceu, tanto no céu como na terra”.

É bem verdade que, ao longo da história, a linguagem no jornalismo esportivo também não resistiu aos *clichês*, que tomaram conta dos textos. Hoje, é um alerta que todo profissional recebe quando começa a trabalhar na área, o constante policiamento para fugir deles, que muitas vezes aparecem como armadilha.

Para além da linguagem, o jornalismo esportivo sempre foi um campo fértil para a introdução de formatos diferenciados nos programas e nas transmissões. Uma marca forte dessa busca por ser mais leve sempre foi o humor. As folclóricas narrações do Silvio Luiz, com seus engraçados bordões, seguem na memória do torcedor.

A irreverência nas reportagens de Raul Quadros e Márcio Canuto marcaram época na televisão. O estilo brincalhão sempre esteve presente, mas ganhou fôlego ainda maior sobretudo da última década para cá, invadindo também outras editorias.

Exemplo mais clássico estudado e discutido no meio acadêmico foi a transformação do Globo Esporte, maior telejornal esportivo diário do país, que sob o comando de Tiago Leifert em São Paulo, mudou as características, o perfil e a linguagem ganhou tons humorísticos, explorando muito o lado pitoresco da informação. Essa tendência seguiu mesmo após a ida do apresentador para a área de entretenimento e reverberou também em outras praças, a exemplo de Rio de Janeiro, com Fernanda Gentil e Alex Escobar, e Pernambuco mais recentemente, com Tiago Medeiros. Isso não quer dizer que o formato descontraído não encontrou resistência dentro do próprio meio.

Juca Kfoury condenou o que ele mesmo cunhou de “leifertização do jornalismo esportivo”. Ou seja, a busca pelo inusitado, do “engraçadismo” em detrimento da informação pode, segundo ele, desvirtuar a missão primordial do jornalista e pôr em xeque a sua própria credibilidade.

A dissertação não se propõe a abrir um debate sobre o tema, apenas mostrar que o jornalismo esportivo segue esse movimento de mudança de forma pioneira e se transforma constantemente.

O que se apresenta no jornalismo esportivo contemporâneo, portanto, é uma forte tendência de transformação do mesmo em meio de promoção do entretenimento em detrimento de se preservar como um meio informativo, tanto com relação à forma, como com relação aos seus conteúdos. (Dos Santos; Mezzaroba & De Souza, 2014, p. 95).

Dentro desse fértil espaço de experimentação de novos formatos, o jornalismo esportivo foi o que primeiro proporcionou espaço para o cordel-reportagem televisivo dentro das versões locais do Globo Esporte em Sergipe, no Ceará e em Pernambuco, sendo os conteúdos reproduzidos também em outras praças. O corpus da pesquisa será analisado a partir do próximo capítulo. Ele trata eminentemente de assuntos esportivos, mas também navega por outras editorias.

5 A construção da notícia no cordel-reportagem televisivo

O que é notícia no cordel? Os folhetos do ciclo de circunstância, ou jornalísticos, não se furtam de debater os principais acontecimentos do mundo, tudo que repercute, que se introduz nas rodas de conversa, que é relevante, que gera impacto, que sai na imprensa, vira pauta para o poeta-repórter produzir seus inspirados versos. Não há acontecimento de importância regional, nacional ou universal que não seja ‘noticiado’ através dessas envolventes rimas (Beltrão, 1971).

Os poemas-notícias escritos pelos poetas-repórteres abordam – como o jornal, o rádio, a televisão e o portal de notícias da internet – temas e fatos relacionados às ciências, religiões, catástrofes ambientais, aos episódios e personagens históricos, à polícia, política, às cidades, aos esportes (Perdigão, 2022, p.216).

O poeta popular é um inquieto, quer colocar o seu leitor ao corrente dos acontecimentos, quer expressar seu pensamento abordando aquele assunto, puxar a concordância do leitor, ser a voz dele nessa expressão. Mesmo os temas mais distantes, que não estão necessariamente na rotina da comunidade, não passam despercebidos, como o Nazismo de Hitler, o Fascismo de Mussolini, a queda do Muro de Berlim, a Guerra da Coreia do Norte, etc. Ele também tem contundentes opiniões sobre esses acontecimentos internacionais, procura se inteirar, se aprofundar para contextualizar de forma mais rica nos folhetos.

Sobre os temas, estes são colhidos do "mundo da vida", para tomar emprestado tão propriamente a expressão *habermasiana*. Lê mídias impressas e portais de notícia na internet. Ouve emissoras de rádio, webrádio, irradiadoras fixas e móveis, e outros serviços de difusão sonora em circuito fechado. Vê emissoras de TV aberta e por assinatura, e televisão por demanda, em *smart* TVs, computadores e dispositivos móveis conectados à internet. Está conectado em interações reais de casa e das ruas, e virtuais das redes sociais (Perdigão, 2022, p.237).

O ciclo circunstancioso, como já abordado, segue vigoroso nos folhetos, sem essa função primordial de informar, e cresce como movimento também dentro do jornalismo televisivo, através dos cordéis-reportagens, que usam a poesia popular como expressão da linguagem jornalística, com atuação de um outro perfil de poeta-repórter, aquele que tem formação profissional na área, trabalha em redação e também tem afinidade com a

cultura popular, escreve cordéis e aproveita esse conhecimento no ofício jornalístico para diversificar a linguagem.

No caso do cordel-reportagem televisivo, os critérios de escolha da pauta não diferem, são os assuntos do momento, que estão em pauta na própria mídia, ou que servem de gancho para se buscar referenciais históricos sobre aquele mesmo assunto.

Referindo-se aos critérios de noticiabilidade, de acordo com Luyten (1992), o cordel de circunstância segue o fluxo dos quatro fatores formulados pelo teórico em jornalismo e professor da Universidade de Nova Iorque, F. Frazer Bond.

O autor, um dos maiores especialistas sobre jornalismo nos Estados Unidos nos anos 60 e 70, trabalhava com o conceito de que a notícia não era o acontecimento em si, mas a narração a respeito dela (Bond, 1959, p.67). Ele trabalhou com quatro critérios de definição dos valores da notícia: a oportunidade (atualidade), proximidade (identidade com o público), tamanho (intensidade ou extensão) e importância (relevância). Existem pesquisadores, a exemplo de Traquina (2008), que elaboraram tabelas mais abrangentes sobre os valores da notícia. Contudo, ficaremos com esses quatro, que atendem suficientemente os critérios do cordel-reportagem.

A oportunidade (atualidade) tem a ver com o fato novo, a novidade, o que está ocorrendo ou prestes a ocorrer. Neste contexto, entram também as datas comemorativas ou eventos marcantes. Voltando o olhar para o *corpus* desta dissertação, percebe-se que a maior parte do material se encaixa neste critério, quando se aproveita um gancho como por exemplo, os Jogos Olímpicos de Tóquio, para a produção de três cordéis-reportagens, o primeiro que conta a história dos Jogos Olímpicos, o segundo que trata sobre momentos marcantes nas aberturas olímpicas, veiculado no Hora 1 momentos antes da abertura oficial daquela edição olímpica e o último, que foi ao ar no dia seguinte ao encerramento, que destacou os heróis olímpicos de Tóquio, que ganharam ou não medalha. Nesta linha, tem cordel-reportagem que conta a história da macaxeira, veiculado no Estação Agrícola para falar sobre a data dedicada à raiz tão presente na mesa do brasileiro; e ainda a história da Irmã Dulce, veiculada no SE1, no NC News e outras afiliadas Globo, quando da oportunidade da beatificação dela pelo Vaticano.

No caso da proximidade (identidade com o público), trata-se de assunto diretamente ligado a uma determinada região, que se torna relevante porque diz respeito a ela, gera identificação com o público daquele espaço geográfico, tem a ver também com

seus valores culturais. O cordel-reportagem sobre a Copa do Nordeste, veiculado em todos os telejornais do Globo Esporte na região, é um exemplo representativo, que fala sobre a competição da região, seus clubes, traz marcas da tradição nordestina na construção narrativa. Outra mostra desse critério é o do Dia da Sergipanidade, exibido na data no Bom Dia Sábado da TV Sergipe, que fala sobre a identificação do povo sergipano com a própria terra. É bom observar que o material também se encaixa no primeiro critério de oportunidade (atualidade). Ou seja, os conteúdos, por diferentes aspectos, podem caber em mais de um critério, mesmo podendo haver um dominante.

Tamanho (intensidade ou extensão) fala de fatos de amplitude, que geram impacto na sociedade, a notícia que tem magnitude, um grande acontecimento, que envolve a maior quantidade possível de pessoas. Neste caso, alguns exemplos podem se encaixar, como a Copa do Mundo, que gerou tanto em 2018 quanto em 2022, além de 2023 com o Mundial Feminino, gancho para se falar do evento, dos grupos, das condições do Brasil para a busca do título.

Importância (relevância) é o critério em que se consegue encaixar todos os conteúdos, pois todos têm seu grau de importância para merecerem ser noticiados. O critério aborda a relevância do fato, o que ele significa, representa, gera em termos de notabilidade.

Analisando o *corpus* desta pesquisa, o recorte feito é de 2013 até 2023, período em que se pôde notar uma maior frequência do cordel-reportagem televisivo sendo veiculado nas emissoras, sobretudo com quadro fixo, como o Cordel da Bola. Dentro do mapeamento feito, são 29 conteúdos. Destes, 22 tratam de esporte, um sobre religião, três sobre cultura, três sobre história e um sobre previsão do tempo.

Com base nos critérios de noticiabilidade já trabalhados até aqui, desenhamos o seguinte quadro para os cordéis analisados.

TÍTULO	EDITORIA	CANAL	NOTICIABILIDADE
Biografia Diego Costa	Esporte	TV Sergipe	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Guia da Copa da Rússia	Esporte	TV Sergipe Rede Globo	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Tamanho (Intensidade ou extensão)

50 anos do Batistão	Esporte	TV Sergipe	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
História dos Jogos Olímpicos	Esporte	TV Sergipe Rede Globo	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Tamanho (Intensidade ou extensão)
História das aberturas olímpicas	Esporte	TV Sergipe Rede Globo	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Tamanho (Intensidade ou extensão)
História dos heróis olímpicos de Tóquio	Esporte	TV Sergipe Rede Globo	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Tamanho (Intensidade ou extensão)
Guia da Copa do Brasil	Esporte	TV Sergipe Rede Globo Sportv	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância)
Biografia Irmã Dulce	Religião	TV Sergipe TV Asa Branca NC SC	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Dia da Sergipanidade	Cultura	TV Sergipe	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Enquete Reza a Lenda	Cultura	TV Sergipe	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Retrô Futebol PE 2016	Esporte	TV Globo Recife	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Mascote Sport	Esporte	TV Globo Recife	- Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Guia Copa do Nordeste	Esporte	Todas as praças Globo do Nordeste	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)

Náutico vence Santos	Esporte	TV Globo Recife	- Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Náutico x Santa Cruz	Esporte	TV Globo Recife	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Treino São Paulo em Cotia	Esporte	TV Globo São Paulo	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância)
Cordel Copa do Nordeste	Esporte	TV Esporte Interativo	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Retrô Ceará	Esporte	TV Verdes Mares	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Retrô Fortaleza	Esporte	TV Verdes Mares	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Retrô Guarani	Esporte	TV Verdes Mares	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Retrô Icasa	Esporte	TV Verdes Mares	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Campanha Leão Série B	Esporte	TV Verdes Mares	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Cordel Independência 1	História	TV Sergipe TV Globo	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância)
Cordel Independência 2	História	TV Sergipe TV Globo	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância)

Cordel Independência 3	História	TV Sergipe TV Globo	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância)
Guia Copa do Catar	Esporte	TV Sergipe TV Globo TV Clube	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Tamanho (Intensidade ou extensão)
Cordel sobre Macaxeira	Cultura	TV Sergipe	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Previsão do Tempo São João	Cultura	TV Sergipe	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Proximidade (Identidade com o público)
Copa do Mundo Feminina	Esporte	TV Sergipe TV Globo	- Oportunidade (Atualidade) - Importância (Relevância) - Tamanho (Intensidade ou extensão)

Torna-se indispensável compreender que os critérios de relevância durante a produção de notícias também são maleáveis, inclusive debatidos na redação pelos profissionais envolvidos em meio à rotina de trabalho. Fatores outros podem entrar na balança, como inclusive direcionamentos específicos para atender aos interesses (ou não os ferir) do grupo empresarial. Esses fatores estão mais suscetíveis a ocorrer em matérias de denúncias ou da editoria política, o que não é o caso do objeto deste estudo.

De acordo com a tabela publicada, percebe-se basicamente que os critérios adotados para a escolha da notícia se encaixam nos fatores de noticiabilidade já postos através dos estudos de Bond (1959).

5.1. A teoria do *gatekeeping* na construção da notícia

Para entender de forma mais aprofundada como se dá o processo de escolha do que vai ou não virar notícia no jornalismo, vamos recorrer a uma teoria que nasceu nos anos 40, no campo da saúde, e que logo na sequência, foi adaptada aos estudos de comunicação. A expressão *gatekeeping*, na tradução para o português, pode ser entendida como “porteiro”. Na redação, seria o responsável por selecionar, entre os milhares de

fatos que chegam até ele, através das mais diversas fontes, o que vai atravessar essa porta e efetivamente virar uma notícia a ser veiculada, é a seleção do que vai chegar até o espectador e o que ficará pelo caminho por não ser entendido como relevante.

É o processo de seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informação na quantidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente, além de ser o papel central da mídia na vida pública moderna. As pessoas confiam em mediadores para transformar informações sobre bilhões de eventos em um subgrupo gerenciável de mensagens midiáticas. Frente a essa situação, a redução de tantas mensagens potenciais em um conjunto tão pequeno pode parecer impossível, mas existe um longo e consolidado processo que possibilita que isso aconteça diariamente. Esse processo determina não apenas qual informação será selecionada, mas também qual será o conteúdo e a natureza de mensagens tais como as notícias, por exemplo. (Shoemaker; Vos, 2011, p. 11).

O conceito do *gatekeeping* surgiu através dos estudos do psicólogo Kurt Lewing, que queria compreender as possibilidades de mudança nos hábitos alimentares de uma população, concluindo que tais escolhas eram influenciadas por fatores variados, múltiplos *gatekeepers* estavam operando até o alimento chegar até a mesa do consumidor, e eles acabavam interferindo nas escolhas.

Alguns alimentos nunca entram no canal (...), em função das decisões de compra ou das políticas do gerente/*gatekeeper*, e cada comprador/*gatekeeper* passa por determinados corredores e, conseqüentemente, não percebe alguns itens. Entre os itens que o comprador vê, alguns são comprados, outros rejeitados, talvez em função de uma regra familiar sobre o consumo de carnes. Embora a maioria dos alimentos comprados seja transportada com sucesso para os lares (...), parte dela pode ser consumida ao longo do caminho e alguns itens perecíveis podem ser destruídos em trânsito. Quando chega em casa, o cozinheiro/*gatekeeper* avalia se o alimento deve ser cozido, como deve ser preparado e se será oferecido para a família. (Shoemaker; Vos, 2011, p. 26).

Adaptando a teoria para as pesquisas em comunicação, David Manning White, em 1949, passou a estudar como funciona nas redações o processo de filtragem das notícias, como são feitas essas escolhas até a formatação final dos assuntos que vão chegar ao público e a forma como serão apresentados.

Os critérios de noticiabilidade servem como norte principal para essas escolhas. Desta forma, o *gatekeeper* (repórter, produtor e/ou editor-chefe) se transforma no personagem principal que vai conduzir esse fluxo da mensagem. Ele determina, com base nos valores da notícia, o que vai atravessar esse portão e o que ficará pelo caminho.

Os jornalistas, como todas as pessoas, avaliam o valor de notícia que pensam haver nos eventos. Que tipos de eventos as pessoas julgam ter maior valor de notícia? Há muitas listas sobre atributos de notícias, mas geralmente elas incluem alguns ou todos os seguintes fatores: timing; proximidade; importância; impacto ou consequência; interesse; conflito ou controvérsia; sensacionalismo; proeminência; e novidade, estranheza ou raridade. (Shoemaker; Vos, 2011, p.42).

Olhando o *corpus* da pesquisa, já observamos que o cordel-reportagem televisivo trabalhou dentro dessas bases para determinar a pauta. Na verdade, em visão de forma mais panorâmica, os assuntos já seriam veiculados de qualquer forma nos veículos. A escolha então foi pelo formato através do qual essa informação seria trabalhada. Como já relatado nesta dissertação, é desafio para o profissional buscar alternativas criativas, diferenciadas, para contar as histórias, por isso, o fenômeno de se apropriar de outras linguagens para o fazer jornalístico se apresenta como caminho. O cordel é uma dentre muitas ferramentas narrativas a serem escolhidas.

Para compreender como se dá a construção da notícia dentro do cordel-reportagem televisivo, a pesquisa se propôs a fazer um estudo de caso destrinchando o material mapeado previamente e observando como ele trabalha a noticiabilidade e a linguagem visual, sonora e discursiva do produto folkmediático. O intuito é fornecer meios para melhor entendimento sobre como se opera o formato, colaborar com estudos futuros sobre o assunto e fornecer subsídios informativos para os profissionais da área que desejam testar o cordel como linguagem jornalística na televisão.

Para isso, dividiremos a análise em duas etapas. Na primeira, vamos observar como o cordel-reportagem televisivo trabalhou a notícia dentro de quatro fatores específicos. Dividimos o *corpus* em quatro categorias pré-estabelecidas nas quais se encaixam cada conteúdo, dentro da percepção do autor da dissertação: Factualidade, Ocasião, Inusitado e Retrospectiva. Existem cordéis que passeiam por mais de uma dessas características, mas estão dentro de uma dominante. Posteriormente, avaliaremos o material dentro de duas perspectivas: quais os pontos conectivos que estabelece com a cultura popular e como trabalha os recursos visuais, discursivos e sonoros.

5.2. Categorias de notícias no cordel-reportagem televisivo

Como já observado na dissertação, o cordel-reportagem televisivo atende aos critérios de noticiabilidade. Dentro do mapeamento feito, que leva em consideração os conteúdos veiculados principalmente na TV Globo e afiliadas, separamos o material dentro das quatro categorias referidas e identificamos que, dos 29 que compõem o *corpus*, cinco estão na categoria da Factualidade, 16 na de Ocasião, dois no Inusitado e seis no Retrospectiva.

Vamos entender melhor agora cada um desses conceitos e como o cordel-reportagem televisivo trabalhou com eles. Factualidade, como o nome já presume, trabalha com o que é factual, do momento, o que está acontecendo. Ou seja, é o fato que está ali posto, para ser noticiado no momento em que está acontecendo ou prestes a acontecer. O repórter, então, decide utilizar o cordel como plataforma de linguagem para contar essa história.

A matéria veiculada em 2019 no Globo Esporte São Paulo ganhou a linguagem de cordel para estabelecer um diálogo com a novela “Cordel Encantado”, escrita por Duca Rachid e Thelma Guedes, que foi ao ar oito anos antes na emissora.

Começou com uma vinheta remetendo diretamente à produção da teledramaturgia, fechando com o título “Cordel Encantado do São Paulo”. O repórter Marco Aurélio Souza estava em Cotia cobrindo um treino de pré-temporada, um trabalho difícil, pois a maior parte das atividades é fechada para a imprensa, o acesso às informações é complicado e conseguir entrevistas também não foi possível naquele momento. Aventurar-se nas rimas foi uma estratégia para tornar o conteúdo mais atrativo diante dos recursos limitados para a composição da reportagem.

Figura 7 - Arte inspirada na abertura de Cordel Encantado



Fonte: Globo Esporte SP (2019)

Durante a reportagem, que segue o ritmo cadenciado das rimas do cordel, composto em quadras, ou seja, estrofes de quatro versos, em que o segundo rima com o quarto, o repórter trazendo as informações conforme faria em um off convencional, trazendo marcas do *lead* jornalístico em alguns pontos.

O São Paulo está em Cotia
No CT da garotada
Estrutura de primeira
Numa paisagem privilegiada.

Depois de duas semanas
Treinando a portas fechadas
Cuca chamou a imprensa
Não escondeu nenhuma jogada.

No campo estava o Pablo
Recuperado de lesão
Reforço pro São Paulo
Na volta do Brasileirão.

O material guarda muitos elementos da reportagem factual convencional em sua estrutura, a maneira como organiza as informações que são relevantes para uma cobertura de treino, como o que o treinador liberou ou não para a imprensa filmar, se “escondeu o jogo”, se o treino foi aberto, se os principais destaques estavam na atividade, e quem voltou de lesão, está à disposição da comissão técnica. Como não houve entrevista coletiva, o repórter também justificou no texto.

Para o dia ser perfeito
 Só uma coisa faltou
 Treino aberto de manhã e de tarde
 Mas nenhum jogador falou.

A cobertura de imagens foi feita basicamente com o material captado pela equipe durante os treinos, com o que foi possível ser registrado durante as atividades do clube. As cenas são trabalhadas dentro de uma moldura que remete à xilogravura, arte que geralmente ilustra as capas dos folhetos de cordel.

Figura 8 - moldura em xilogravura com imagens do treino do São Paulo



Fonte: Globo Esporte SP (2009)

No dia 23 de junho do ano passado, foi ao ar no Bom Dia Sergipe, dentro do quadro da Previsão do Tempo, uma matéria sobre a previsão climática para a noite de São João. A apresentadora do tempo, Michele Costa, trabalhou com a curiosidade de todos que vão frequentar as festas juninas, será que a chuva vai atrapalhar o forró?

A reportagem foi construída com passagem e sonoras, com o off composto em cordel, com sextilhas, estrofes de seis versos em que o segundo, o quarto e o sexto versos rimas entre si.

Neste período junino
 Temos forró de montão
 Tem quadrilha e muita dança
 Tem comida e tem quentão
 Mas antes, vem a pergunta
 Será que tem chuva ou não?

Figura 9 - Apresentação de quadrilha junina na Rua São João



Fonte: Bom Dia Sergipe (2023)

A factualidade está na informação urgente, da rotina e necessária para aquele momento. Uma espécie também de serviço, pois as milhares de pessoas que vão frequentar as festas precisam saber se vai ou não chover, até como forma de precaução, para decidir se vão de fato sair ou ficar em casa, se levam a sombrinha, qual a escolha do figurino adequado de acordo com o clima, etc.

O off rimado vai falando sobre a previsão nos quatro cantos do estado, com enfoque na possibilidade de chuva e frio em algumas regiões. As imagens mostram as festas por Sergipe, ilustrando como o sergipano gosta de aproveitar o São João. Ainda são usadas imagens de arquivo de chuva em zonas rurais.

Um frio da gota serena
Tem na região agreste
Assim como no sertão
Gelado que só a peste
Pra baixo de vinte graus
Nem parece o meu Nordeste!

As sonoras trazem pessoas falando sobre como gostam de curtir as festas e como esperam que esteja o tempo. O texto da passagem traz um alerta de que o tempo estará fechado.

Eu já vou dizendo logo
Do litoral ao sertão
A temporada é chuvosa

Até de encharcar o chão
Mas ninguém se aperreie
Não arrede o pé do salão.

Figura 10 - Passagem de Michele Costa em formato de cordel



Fonte: Bom Dia Sergipe (2023)

Ao mesmo tempo que traz as informações elementares sobre a previsão do tempo, o texto em versos vai brincando com o espectador, incentivando-o a estar presente no forró, independentemente do tempo que faça, vai mexendo com essa paixão, que resiste ao frio e à chuva para quem é forrozeiro.

Mas pra quem é forrozeiro
Pode esfriar como for
Quando tocar o forró,
Vai sentir mesmo é calor
Pegue então logo seu par
Dance com muito fervor.

Leve a sua energia
Pra esse imenso arraial
Aproveite o São João
Um momento especial
Que é sempre inesquecível
Uma festa sem igual.

O assunto previsão do tempo na noite do São João é corriqueiro a cada ano, factual de serviço obrigatório. A escolha pela condução do assunto em forma de cordel foi um gancho para reforçar as tradições que sempre florescem nesta época, entre elas, a própria poesia popular.

Abordando a categoria Ocasão, foi a que se observou o maior número de ocorrências dentro do cordel-reportagem televisivo. Podemos definir o termo como a oportunidade gerada para se abordar o assunto, a ocasionalidade que levou o poeta-reporter da televisão a tratar daquele tema. Exemplo é a beatificação da Irmã Dulce, que gerou a “demanda” de se falar sobre a história de vida que a levou a receber tal título do Vaticano.

Figura 11 - Arte de abertura do cordel-reportagem sobre Irmã Dulce



Fonte: NSC TV (2019)

Ocasões como essa, assim como aniversário com datas redondas, morte e fatores semelhantes exigem do jornalismo esse perfil biográfico sobre a personalidade em questão. Ou seja, é o momento oportuno para falar sobre aquela figura, destacar seus feitos, suas falhas, o legado deixado, etc. São informações que servem para que o público entenda a dimensão alcançada pela pessoa em questão, o que a fez ganhar relevância, destaque social.

O cordel-reportagem televisivo que foi ao ar na TV Sergipe, TV ASA Branca e NSC TV de Santa Catarina retratou a história de vida da Irmã Dulce dos Pobres, o trabalho que ela desempenhou ao longo de toda uma vida em prol dos mais necessitados.

Os versos, em septilhas, estrofes de sete versos, entram em legenda na tela, ajudando o telespectador a acompanhar melhor a biografia da Santa Dulce.

Na igreja reconhecida
E por todos, estimada
Pelos milagres que fez
Foi logo beatificada
Confirmou o Vaticano
Que Irmã Dulce, 'inda este ano,
Deve ser canonizada.

Foi indicada em oitenta e oito
Ao Prêmio Nobel da Paz
Morreu em noventa e dois
Com a lição contumaz
Que aos olhos do divino
Seja pobre ou granfino
Todos nós somos iguais.

Figura 12 - Arte sobre trajetória de Irmã Dulce dos Pobres



Fonte: NSC TV (2099)

O conceito imagético é todo construído em arte de videografismo, inspirado nas xilogravuras e traçando o caminho de vida da personagem, do nascimento, juventude, vida religiosa, trabalho social até a partida dela, deixando o legado da bondade. A

beatificação foi a oportunidade jornalística de resgatar a história de uma das figuras mais importantes do Nordeste.

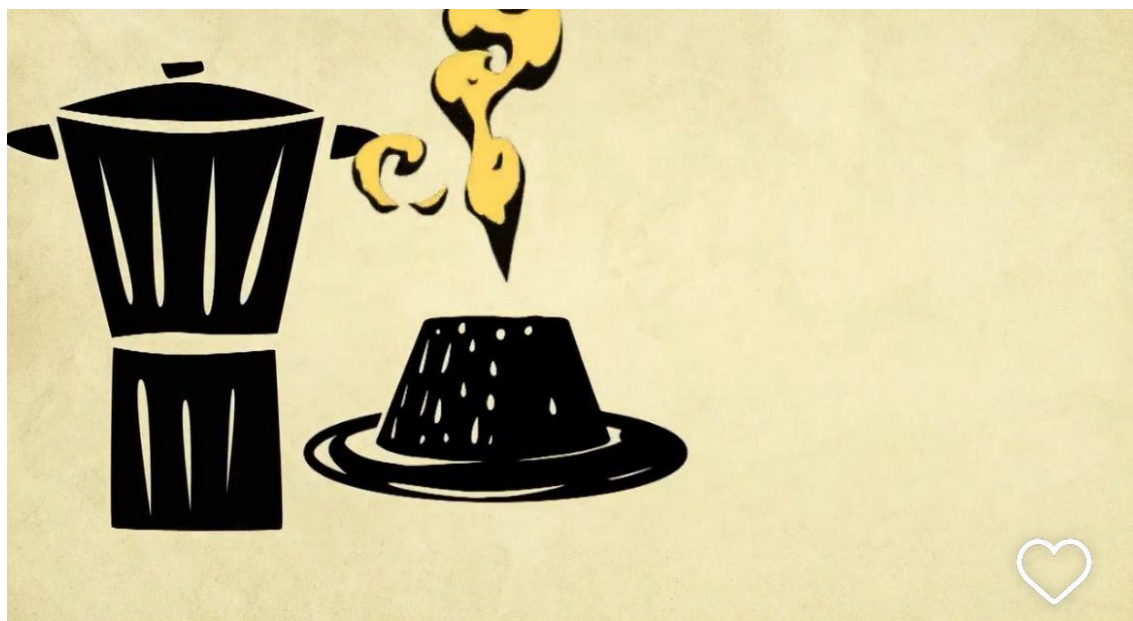
A Copa do Mundo Feminina, realizada no ano passado na Austrália e na Nova Zelândia, foi a oportunidade para se construir um conteúdo dentro do formato para falar do evento e gerar engajamento no telespectador para acompanhar o jogo de estreia da Seleção Brasileira. O cordel-reportagem foi veiculado no Bom Dia Sergipe, no Globo Esporte Sergipe e também no Hora 1 da Rede Globo.

A proposta do conteúdo foi aproveitar o dia da abertura do Mundial feminino para promover o evento, chamar o público para acompanhar os jogos. Por ser realizada na Oceania, onde o fuso horário é bastante distinto comparado com o Brasil, fazendo com que praticamente todos os jogos aconteçam de madrugada ou bem no início da manhã, o texto poético, trabalhado em septilha, buscou fazer esse alerta para a torcida puxando para elementos da regionalidade.

Prepare o despertador
Pra bem cedo se acordar
Bote no fogo o cuscuz
Antes de o galo cantar
E não perca um só momento
Do grande acontecimento
Que não tarda a começar.

Vai ser lá na Oceania
Se atende ao fuso horário
Austrália e Nova Zelândia
Recebendo o calendário
Do futebol feminino
Do modo mais genuíno
Fomentando esse cenário.

Figura 13 - Arte remete ao cuzcuz que é prato típico do café da manhã nordestino



Fonte: Bom Dia Sergipe (2023)

O cordel-reportagem televisivo segue focando na participação da Seleção Brasileira, destaca também a importância da Rainha Marta, eleita seis vezes a melhor do mundo, fala sobre os recordes dela e sobre o fato de ela disputar a última Copa do Mundo, tendo a derradeira oportunidade de conquistar a competição.

O VT tem uma mescla de imagens criadas no departamento de videografismo, sempre puxando para esse conceito da xilogravura, traz também imagens de arquivos de Mundiais anteriores, jogadas da equipe brasileira, principalmente de Marta. Fala sobre a busca pela primeira estrela do país na Copa do Mundo feminina.

Há no texto também a preocupação de promover o evento, enaltecer o futebol feminino, que cresce no mundo inteiro, sobretudo no Brasil, com a presença cada vez maior do público nas arquibancadas, mais holofotes e valorização.

Copa do Mundo é sem pareia
 Bom demais de assistir
 Ver o esporte com as mulheres
 Cada vez evoluir
 Ganhando outras dimensões
 Agitando as multidões
 Com elas a interagir.

Trinta e duas seleções
 Numa ferrenha disputa

Pra ver qual que leva a taça
 É pressão absoluta
 Quero ver fortalecida
 Nossa imensa torcida
 Dando apoio a essa luta.

Figura 14 - Arte em xilogravura de Marta em uma jogada pela TV



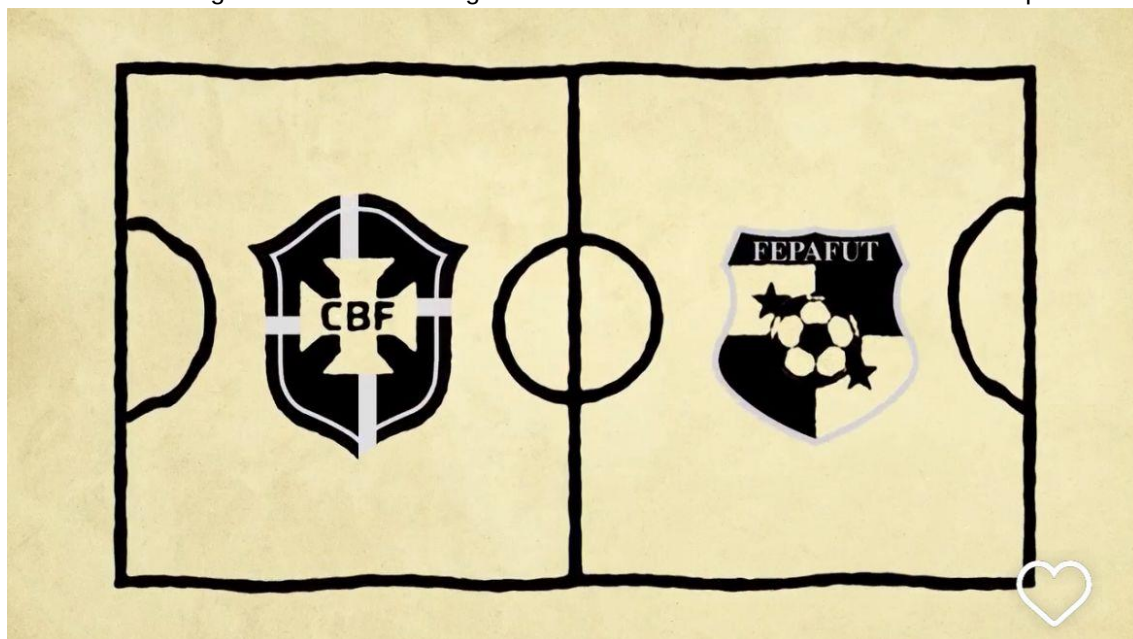
Fonte: Bom Dia Sergipe (2023)

O conteúdo traz informações específicas sobre o grupo F, em que está o Brasil, e faz uma chamada para o jogo de estreia diante do Panamá.

Vou falar do grupo F
 Onde nosso Brasil está
 Estreia segunda-feira
 Enfrentando o Panamá
 Tem também Jamaica e França
 Alimentando a esperança
 Na peleja que virá.

Mando aqui o meu recado
 Pras craques do meu Brasil
 Quando a bola for rolar
 Mostrem todo o poderio
 Que faz de vocês gigantes
 Joguem como nunca antes
 Em lugar algum se viu.

Figura 15 - Arte em xilogravura do confronto de estreia do Brasil na Copa



Fonte: Bom Dia Sergipe (2023)

O material, portanto, cumpre com missões específicas de promover o evento, chamar a audiência, trazer informações sobre a participação do Brasil e reforçar o trabalho constante de engajamento do futebol feminino, tudo isso aproveitando a ocasião da abertura da Copa do Mundo Feminina, que foi a maior da história.

Na categoria Inusitado, foram trabalhadas histórias que fugiram do trivial, que viraram verdadeiras epopeias a serem lembradas, aventuras reais, que sempre guardam um tanto de lenda, principalmente quando o contexto é futebol. É também aquele conteúdo que traz curiosidades sobre um determinado fato. Um desses cordéis-reportagem televisivo foi o que contou a história de como o Sport ganhou o Leão dentro de seu escudo e também como mascote oficial.

A produção é da TV Globo Recife, cordel escrito por Léo Aquino, editor-chefe do Globo Esporte-PE, com revisão e narração do poeta e declamador Jessier Quirino. Ele vai narrando, de forma humorada, como, há quase cem anos, o Sport foi disputar um torneio amistoso no Pará, em que estava em jogo o Troféu Leão do Norte.

Eu vou pedir permissão
Sem rodeio e sem mais mais
Para explicar a razão
De o rei dos animais
Grandalhão, garboso e forte

Ser o símbolo do Sport
Como consta nos anais.

Figura 16 - Arte da história de como o Leão virou mascote e símbolo do Sport



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

As estrofes são narradas em septilhas, e a história é contada de forma cômica, explorando com frequência gírias e expressões populares usadas em Pernambuco.

Figura 17 - Arte em xilogravura colorida do jogos que valia o troféu "Leão do Norte"



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

O cordel-reportagem televisivo vai narrando que o Sport venceu a peleja com os adversários paraenses, que não aceitaram a derrota e iniciou-se uma grande confusão. Uma briga de forma literal pelo troféu.

Figura 18 - Arte sobre a confusão durante a disputa do Troféu Leão do Norte



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

O Sport gritava é nosso
Responderam, é não senhor!
Deu 'puliça', grito, tapa
'Bufete' no bololô
No final, ganhou o Sport
E trouxe o Leão do Norte
Sem circo e sem domador.

Figura 19 - Arte do time do Sport levando para casa o Troféu Leão do Norte



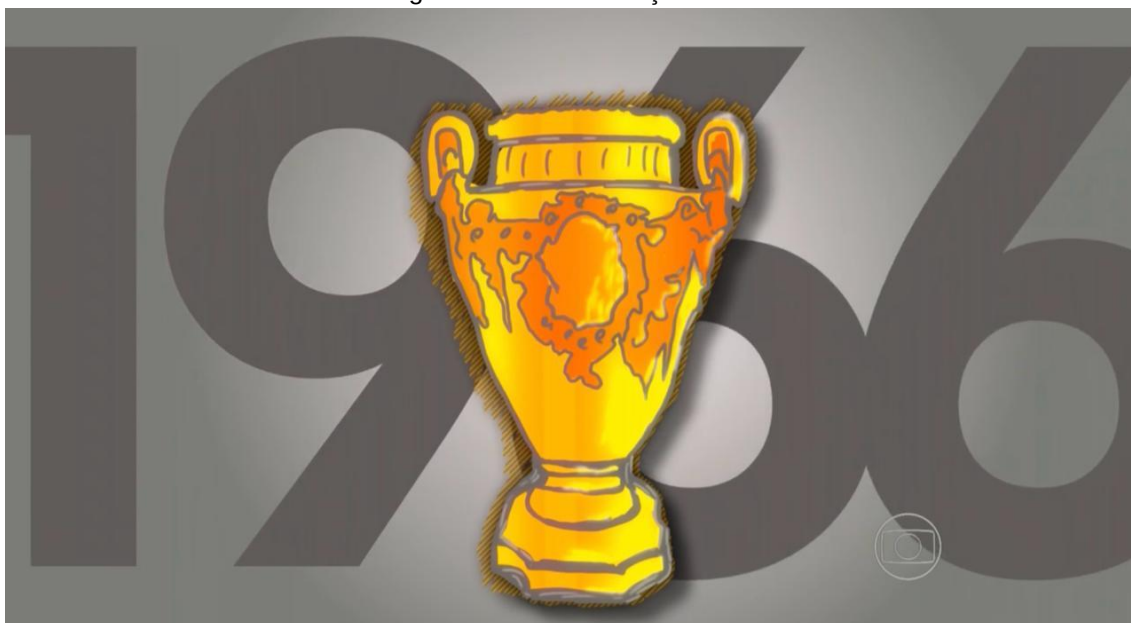
Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

O VT é todo ilustrado com artes em videografismo, no conceito de xilogravura, mas com muitas cores. O material encerra com a ilustração da delegação rubro-negra voltando em festa para o Recife, levando na bagagem o triunfo que depois virou símbolo do clube estampado inclusive no escudo. Este cordel-reportagem preserva quase que nenhum elemento de uma telereportagem convencional (imagens, passagem, sonoras, presença do repórter), pois é escrito e declamado por um artista, não guarda traços do texto jornalístico na poética. Contudo, tem informação e narrativa que resgata a essência de uma reportagem, que é contar grandes histórias de forma atraente.

Outra praticamente epopeia fantástica foi contada também pelo Globo Esporte Pernambuco, no mesmo formato, e com a narração de Jessier Quirino. Foi a história de como o Náutico, na Taça Brasil de 1966, em pleno Pacaembu, goleou o Santos de Pelé, Pepe e Coutinho por 5 a 3.

O VT também é todo ilustrado com arte em videografismo, coloridas e com referência na xilogravura. A narração vai descrevendo o feito de um time nordestino ter conseguido desbancar o então maior time do mundo, com a presença do Rei Pelé, e ter jogado com muita categoria diante de craques do mais alto quilate.

Figura 20 - Arte da Taça Brasil de 1966



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

Eu vou contar uma história
Vai ouvindo meu patrão
História de um time grande
Bem dizer, uma Seleção
Que lá no Pacaembu
Jogou com nosso Timbu
E foi sufoco e rojão.

Essa tal situação
Provém de sessenta e seis
Na Taça Brasil de Clubes
Com o Náutico pra ser freguês
E o Santos, Peixão Marinho
Com Pelé, Pepe e Coutinho
Somente esperando a vez.

Figura 21 - Arte com os craques do Santos Pelé, Pepe e Coutinho



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

A narração segue mostrando como o Náutico, que tem o apelido de Timbu, conseguiu tal feito. O grande trunfo do time pernambucano foi poder contar com uma joia que assumiu o protagonismo do jogo marcando quatro gols e fez Pelé ter pesadelo com ele. É o então jovem Bitá, um dos grandes ídolos do clube e que, décadas depois, recebeu a homenagem de um artista torcedor do clube, que criou a famosa animação infantil Mundo Bitá.

Figura 22 - Bitá inspirou a criação da animação infantil Mundo Bitá



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

Porém, atentem vocês
 O Timbu, um tesouro
 Era o centroavante Bitá
 Nosso “Menino de Ouro”
 E o Santos, com seu Timão
 Padeceu cinco golaço
 Só Bitá, foi quatro estouro.

Figura 23 - Arte da icônica comemoração do Rei Pelé



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

A construção da notícia se deu para rememorar o feito incomum que ficou no imaginário do torcedor do Náutico, na saudosa lembrança dos personagens que viveram aquele enredo em campo. Superar o Santos de Pelé com uma atuação de gala do ídolo Bitá. Neste caso, o cordel-reportagem televisivo colabora para eternizar a grande história.

Na categoria Retrospectiva, a notícia tem o seu porquê de existir para relembrar fatos marcantes ocorridos durante o ano corrente. Isso em uma perspectiva geral ou em algum campo específico. Por exemplo, relembrar o ano no Brasil, ou relembrar como foi o ano político no país. No caso dos cordéis televisivos analisados, tivemos a retrospectiva de alguns clubes, que vivenciaram momentos gloriosos e/ou decepcionantes na temporada.

Ainda dentro do Globo Esporte Pernambuco, o programa fez em 2016 a retrospectiva do futebol no Estado. O VT inicia o repórter Roger Casé, que faz uma passagem rimada de apresentação.

Pra Seleção, pro Palmeiras
 Pense num ano bacana
 Já os times do Recife
 Temporada mediana
 Quem vai contar essa história
 É o camarada Santanna.

A partir daí, é o artista Santanna Cantador que narra a história, escrita pelo Roger, mas interpretada pelo forrozeiro. Roda a vinheta do quadro “Cordel da Bola e ele começa a narrar a trajetória de cada clube na temporada.

Campeão pernambucano
 E da Copa do Nordeste
 Que cobrinha venenosa
 Que time cabra da peste
 Dominou na região
 De Norte, Sul, Leste e Oeste.

Figura 24 - Ilustração do torcedor do Santa em trajes que remetem à cultura nordestina



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

No caso do Santa Cruz, começa dizendo que o time é valente “que só a peste”, com a ilustração de um cangaceiro com a camisa do clube e rifle na mão (imagem acima), time que começou a temporada amedrontando os rivais, erguendo duas taças. Em seguida, são narrados os altos e baixos do time no ano, as constantes trocas de treinadores, a temporada que começou com predomínio, conquistas de dois títulos importantes, mas que findou no pesadelo do rebaixamento.

Campeonato Brasileiro
Mudou o comportamento
De cavalo alazão
Transformou-se em jumento
Começou na liderança
Findou no rebaixamento.

A imagem abaixo ilustra o resumo do time na temporada, com uma escada que no início representou uma subida com as conquistas, os títulos, os bons momentos, e que no segundo semestre as coisas desandaram com o rebaixamento para a Série B do Campeonato Brasileiro.

A cobra coral, símbolo do clube, é que faz na arte esse caminho de súbita e depois de queda repentina, abordando um ano que foi de glória e de fracasso ao mesmo tempo.

Figura 25 - Escada representando os altos e baixos do Santa Cruz



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

O texto é construído em sextilhas, e procura trazer humor e explorar expressões regionais ao passar as informações. O VT mescla artes em videografismo no conceito de xilogravura, com imagens coloridas, e arquivos dos jogos dos clubes na temporada.

O VT segue contando a trajetória de outros clubes do Estado e traz também marcas do texto opinativo, criticando as escolhas dos clubes na temporada, principalmente o Sport, que investiu alto em medalhões que não trouxeram resultados.

Figura 26 - Arte com estrangeiros contratados pelo Sport em 2016



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

Teve muito xingamento
 Pros cabras que não vingaram
 “Mói” de atleta gringo
 “Tuia” de jogador caro
 Pra fazer contratação
 Precisa visão e faro.

O cordel-reportagem televisivo relata um ano que, na média, foi difícil para os três principais times de Pernambuco, terminou em confusão, com o torcedor chateado, invadindo campo, tirando satisfação com os jogadores. O material descreve em rimas e versos tudo isso, faz críticas, traz as imagens para ilustrar, e encerra para cima, lembrando que é só esporte e que no ano que vem tem mais.

E não adianta brigar
 Procurar cabelo em ovo
 Futebol é assim mesmo
 Bora celebrar, meu povo,
 No ano que vem começa
 Toda resenha de novo.

Figura 27 - Imagem de arquivo de confusão com a torcida do Náutico



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2016)

O Globo Esporte Ceará foi outro que apostou massivamente na notícia que relembra fatos marcantes do ano. Uma delas foi o resumo da campanha do Fortaleza na Série B de 2018, em que o clube alcançou o título e o acesso que era esperado há anos.

Depois de um longo pesadelo
 Um sonho agradável começou
 A Série C foi pro passado
 Aquela página amassada voou
 Dois mil e dezoito teve início
 Um outro grande sacrifício
 Mas pra lá de recompensador.

Figura 28 - Imagem de arquivo com efeito empoeirado lembrando ano do Fortaleza



Fonte: Globo Esporte Ceará (2018)

O texto de Juscelino Filho, repórter e editor, foi narrado pelo apresentador Kaio César. O enredo traz a campanha do Leão do Pici na Série B. Depois de anos amargando decepções com possibilidades frustradas de acesso na Série C, o clube subiu e, já no primeiro ano, foi campeão e se garantiu na elite.

Sob o comando de Rogério Ceni, o texto vai lembrando a campanha segura, a importante arrancada no início, o tropeço que demorou a ocorrer, e toda a consistência em termos de resultados alcançados que fizeram o clube subir para a Série A.

Um jogo depois do outro
O Fortaleza foi ganhando
Era um tal de segue o líder
Liderança só aumentando
Do G4 nunca saiu
Quem disser o contrário, mentiu,
Ou no mínimo tá frescando.

Ao resumir em retrospectiva a campanha do título do Fortaleza na Série B, o Globo Esporte Ceará buscou enaltecer a campanha histórica do clube, trazendo não somente as informações elementares sobre os resultados alcançados em campo, mas mostrando também a conexão do time com o torcedor, e como esse apoio foi preponderante para que o Leão pudesse rugir no final.

Leão na Série A
 Pode vibrar, torcedor
 Depois de muito penar,
 O sonho não acabou
 Virou foi realidade
 Campanha da unanimidade
 O rei da selva reinou.

Figura 29 - Imagens de arquivo de Rogério Ceni e do Mascote do clube



Fonte: Globo Esporte Ceará (2018)

O VT é ilustrado com os arquivos dos jogos do clube na Série B, casando imagens com o que é narrado em cada estrofe. Não há arte em videografismo, apenas um efeito na imagem, filtro que remete à lembrança do passado, de um objeto empoeirado pelo tempo, ou mesmo um sonho, mas no caso do Fortaleza, sonho da vida real.

5.3. Ferramentas para a construção da notícia em cordel

Compreendendo melhor como se deu a construção da notícia em cordel dentro dessas quatro categorias, e entendendo que valores noticiosos distintos a esses (ainda não trabalhados até aqui) são possíveis para impulsionar a produção de outros cordéis-reportagem televisivo, vamos para a segunda etapa da análise.

O estudo pretende agora verificar de forma mais detida como o formato trabalha os recursos textuais, sonoros e visuais. Depois, as pontes que estabelece com elementos da cultura popular.

Neste primeiro ponto, é possível observar que o cordel-reportagem televisivo é construído basicamente sob os mesmos preceitos de uma reportagem dita convencional. Ou seja, tem off narrado (no caso em rimas), imagens, artes gráficas, passagens, sobe-som e sonorização.

Começando com a abordagem de texto, ele é poético e usa a estrutura tradicional do cordel, com quadras, sextilhas ou septilhas, as mais frequentes dentro da poesia popular. A narrativa mistura gêneros informativos, opinativos e traz também expressões regionais.

Quando trabalha a informação, o verso não difere muito do *lead*, como no cordel-reportagem televisivo que fala sobre os heróis olímpicos de Tóquio.

No judô, Mayra Aguiar
Superou séria lesão
Ganhou seu terceiro bronze
Mantendo uma tradição
Em Londres, veio o primeiro,
Rio segundo, e o derradeiro,
Em Tóquio, lá no Japão.

No gênero opinativo, o texto geralmente propõe reflexão, chama a atenção do telespectador sobre acontecimentos fora do comum, traz elogios, críticas ou enaltece feitos das personagens retratadas na matéria, como neste exemplo do mesmo cordel.

Nosso reconhecimento
Pra quem não ganhou medalha
Mesmo tristes, no momento,
Não desistam da batalha
Pensamento positivo
Mantenham esse sonho vivo
Deus tarda, mas nunca falha.

Aos atletas do Brasil
Agradeço bem orgulhoso
Por tudo o que conquistaram
E já espero muito ansioso
Pelos Jogos de Paris
Quero ver o meu país
De novo, vitorioso.

Percebe-se frequentemente que o texto pretende gerar algum tipo de engajamento no telespectador, conduzi-lo para a visão do poeta-repórter televisivo. Em alguns versos, também percebemos uma estratégia narrativa similar ao que se via nos folhetos clássicos, quando o autor inicia invocando seres superiores, musas, para buscar inspiração para elaborar a poética, como neste mesmo texto dos heróis olímpicos.

Invoquei a musa Calíope
 Busquei minha inspiração
 Pra narrar em poesia
 Épicos de superação
 Trajetórias de heroísmo
 De força, protagonismo
 E também consagração.

Sobre a linguagem imagética do cordel-reportagem televisivo, ferramentas variadas são utilizadas para ilustrar a história que está sendo contada, pode ser a imagem em foto ou vídeo, limpa ou com filtros, atual ou de arquivo.

Figura 30 - Arquivos de Lisca e da torcida do Ceará



Fonte: Globo Esporte Ceará (2015)

São usadas também artes em videografismo para ilustrar a história que está sendo narrada em verso. Existem ocorrências de matérias que são totalmente ilustradas com esse recurso gráfico, outras misturam os elementos de arte e também imagem. Há ainda conteúdos, como em um dos cordéis-reportagem televisivo sobre os 200 anos da Independência, que utilizou também cenas de telenovela da Globo sobre a história. Quando a escolha é por imagem, em muitos casos, usa-se também uma moldura com linguagem temática, para não haver quebra brusca na identidade visual do produto.

Figura 31 - Variadas formas de ilustrar o cordel-reportagem



Fonte: Globo Esporte Sergipe (2022) e Globo Esporte Pernambuco (2016)

Não é tão frequente, mas o cordel-reportagem televisivo também trabalha com o repórter fazendo passagem. Neste caso, a informação passada também vem em forma de rima, como nesta feita pelo repórter Roger Casé, no VT que guia para a Copa do Nordeste.

Trata de uma passagem de abertura em que o repórter, no caso, faz uma introdução da história, ambientando-a em um tradicional romance de cavalaria, clássico em um gênero específico da literatura de cordel. Cada elemento do futebol representa uma personagem no enredo, até que o repórter passa a bola para o poeta e declamador Maciel Melo, que narra a os versos que vão falar dos grupos e dos clubes que vão participar daquela edição da *Lampions League*.

Imagina o Nordeste
 Num faz de conta singelo
 Cada atleta um cavaleiro
 Cada estádio é um castelo
 A bola, bela donzela
 História sob a tutela
 Do menestrel Maciel Melo.

Figura 32 - Passagem com moldura em xilogravura de Roger Casé



Fonte: Globo Esporte Pernambuco (2017)

Os sobe-sons também são explorados no cordel-reportagem televisivo. Exemplo de como o recurso é trabalhado pode-se encontrar no VT que fala sobre momentos marcantes das aberturas olímpicas.

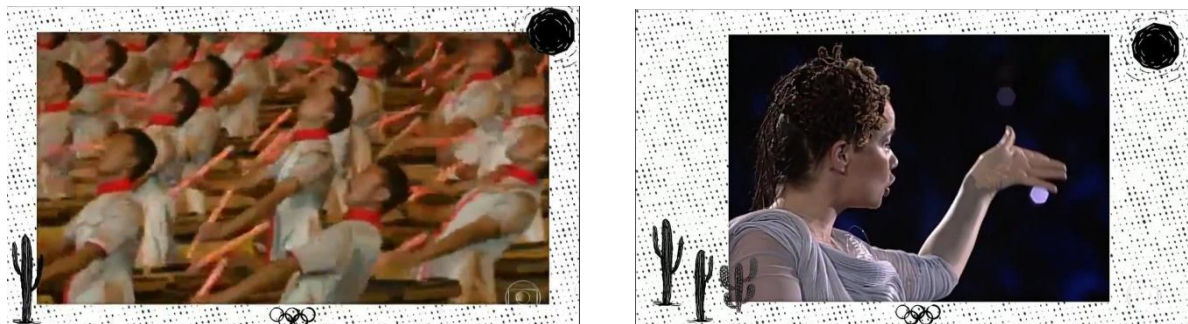
Bem assim, foi em Pequim,
Quando o atleta voador
Carregou a tocha olímpica
Encantando o espectador
Teve ainda naquele dia
Chineses, em sincronia
Numa orquestra de tambor.

Logo na sequência, entram os sobe-sons dos tambores. O VT é todo trabalhado nesse recurso, como na apresentação virtual de Freddie Mercury na abertura dos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992 e em outros momentos musicais das aberturas olímpicas.

Em Sidney dois mil
Maravilhoso cenário
Vimos o estádio olímpico
Virar um grande aquário
Peixe, enguia e água-viva
Beleza contemplativa
Compondo o oceanário.

Na sequência, entra o sobe-som do musical de uma cantora australiana durante este momento.

Figura 33 - Exemplos de sobe-som explorados nos cordéis-reportagem



Fonte: Hora 1 (2021)

Outro sobe-som utilizado foi o do desfile da modelo brasileira Gisele Bündchen na abertura da Rio 2016 no Maracanã, ao ritmo e sonoridade do Hino da bossa-nova.

No Rio, a trilha sonora
Que pra nós, virou poema
Mostrando para o planeta
A bossa-nova suprema
Gisele Bündchen desfilando
Pro mundo, representando
A garota de Ipanema.

Figura 34 - Gisele Bündchen desfilando na abertura da Rio 2016



Fonte: Hora 1 (2021)

No campo da sonorização, a escolha é sempre por buscar referências na regionalidade, nas músicas que sempre embalam as cantorias, as pelejas e as declamações. Em todos os cordéis-reportagem televisivos analisados, observa-se a opção por trilhas de forró ou dos violeiros dando o tom à narrativa e se encaixando na proposta de construir um produto com referências na cultura popular, mesmo tratando às vezes de assuntos universais. No caso deste último VT estudado, mesmo com sobe-sons de tambores orientais, música australiana, música clássica cantada por uma soprano e por Freddie Mercury e a bossa-nova de Tom Jobim, o BG de forró é sempre retomado para dar sequência à narrativa. A narração do off em cordel, de certa forma, resgata a tradição oral nesse tipo de poesia. As estrofes são narradas ou pelos repórteres, que tentam dar um tom interpretativo, buscando sotaque regional ou marcando bem as ênfases nas rimas, e também por artistas convidados, como atores, cantores de forró ou declamadores.

Como já se discutiu na dissertação, o cordel-reportagem televisivo é um produto folkmediático. Nesta construção, já existe uma ponte natural entre a cultura popular e a mídia de massa, no caso a televisão, plataforma na qual é veiculado. Contudo, verifica-se também, em alguns casos, a busca por outras conexões para fortalecer essas referências. É bom lembrar que, além de material jornalístico, informativo, opinativo, também é um instrumento de fortalecimento e difusão da arte produzida pelo povo.

Ainda no cordel sobre os momentos marcantes das aberturas olímpicas, observa-se essa referência logo no início. A proposta foi usar a personagem de um clássico da literatura de cordel, o *Pavão Misterioso*, romance de grande sucesso escrito por José Camelo de Melo Rezende. No cordel-reportagem televisivo, ele, assim como no folheto, levanta voo para a Grécia, berço dos Jogos Olímpicos, e vai percorrendo, levando montado nele o poeta, revisitando os momentos mais marcantes das aberturas olímpicas.

Eu juntei minha bagagem
E parti do meu sertão
Montei no “Misterioso”
Fui nas asas do “Pavão”
Voei por terras distantes
Fiz jornadas empolgantes
Até chegar ao Japão.

Mas assim como o cordel
 Nossa primeira parada
 Foi a Grécia, mas não fui
 Atrás da donzela amada
 Lá fomos revisitar
 A tradição milenar
 Até hoje celebrada.

Figura 35 - Ilustração do Pavão Misterioso do clássico cordel



Fonte: Hora 1 (2021)

Viajamos pelo tempo
 Revivendo as emoções
 Vibrando com as conquistas
 De inúmeras nações
 Mas quero aqui lembrar
 Cenas que vão sempre estar
 Nas nossas recordações.

Figura 36 - Pavão Misterioso fazendo viagem no tempo para rever aberturas olímpicas



Fonte: Hora 1 (2021)

A série em três episódios dos 200 anos da Independência do Brasil, que foi ao ar no Hora 1 da TV Globo e no Bom Dia Sergipe, começa com o narrador assumindo o papel de um dono de banca de cordel, dizendo que tem temas variados, para todos os gostos, e também tem a narrativa sobre a Independência do Brasil. O folheto é aberto e a história começa a ser contada.

Figura 37 - Arte de folhetos clássicos e da Independência do Brasil



Fonte: Hora 1 (2022)

O narrador faz as vezes de vendedor, abre o cordel e declama a história para atrair o telespectador para aquele enredo, por muitos, já conhecido, mas ali, contado de uma forma particular, em rima e verso, tal qual acontece nas feiras.

Meu barbante tem cordéis
Sobre temas variados

Contos de reinos distantes
 Causos de mal-assombrados
 Epopeias do sertão
 Realismo e ficção
 Para todos os agrados.

Mas também tem narrativa
 Sobre momentos de glória
 Fatos que foram marcantes
 Vivos em nossa memória
 É então, que o cordelista,
 Do modo mais detalhista
 Reconta, em versos, a história.

Por isso, abro o folheto
 Que traz com toda excelência,
 Um fato de relevância
 De bravura e resistência
 Sobre o dia em que o Brasil
 Rebelou-se e conseguiu
 Sua própria independência.

Figura 38 - Arte do famoso gesto de Dom Pedro às margens do Ipiranga



Fonte: Hora 1 (2021)

No cordel-reportagem televisivo sobre os 50 anos do Batistão, veiculado no Bom Dia Sergipe e no Globo Esporte Sergipe, a referência no videografismo foi fazer uma arte com um avatar meu, que ficava com uma viola declamando o cordel enquanto ao lado iam passando as artes e imagens contando a história do estádio. A animação mexia os

dedos tocando o instrumento e movimentava a boca, como se estivesse a declamar. O BG é um instrumental de viola para acompanhar a proposta.

Sou poeta cantador
No verso, não me aperreio
Quando vejo um tema bom
Ponho a mente em devaneio
Buscando a rima certa
Meu estro não tem fronteira
Ninguém mais me bota arreio.

Por isso, achei salutar
Falar do cinquentenário
De um templo do futebol
Palco mítico e lendário
Onde diversos destaques
Se tornaram grandes craques
Com dom extraordinário.

Figura 39 - Avatar de Thiago Barbosa cantando repente sobre o Batistão



Fonte: Globo Esporte Sergipe (2019)

No Esporte Espetacular, na ocasião de um jogo entre Náutico e Santa Cruz pela Copa do Nordeste, a apresentadora Fernanda Gentil fez a cabeça da matéria de envolvimento sobre a partida de forma rimada, lembrando que os dois rivais pernambucano iam para o duelo em situações opostas, um, tentando driblar a crise, o outro, em busca da sonhada classificação.

Hoje tem clássico pernambucano
 Jogo pelo Nordeste
 Desafio que a gente conta em rima
 Para dar mais emoção
 Náutico e Santa Cruz no Recife
 Pra um, é corda no pescoço
 Pro outro, vale a classificação.

Figura 40 - Fernanda Gentil lendo cabeça rimada e artistas na peleja futebolística



Fonte: Esporte Espetacular (2017)

O VT, conduzido pelo repórter Róger Casé, começa com uma passagem rimada, depois, ele apresenta dois artistas populares, Maestro do Forró, músico e torcedor do Santa Cruz, e Bruno Lins, músico e torcedor do Náutico. Os dois vão conduzindo a peleja com versos falando sobre a atual situação dos seus respectivos clubes.

O conteúdo, para além de trabalhar com a linguagem do cordel, cumpre com o propósito de colocar em cena artistas populares, dar protagonismo ao trabalho deles em rede nacional, para que eles, através do talento próprio, possam ajudar a conta a narrativa de chamada para o grande clássico do Nordeste, ao mesmo tempo que reverbera o trabalho deles para outros públicos.

O Estação Agrícola da TV Sergipe veiculou um cordel-reportagem televisivo sobre a macaxeira, na ocasião do dia da raiz. O conteúdo mostrou, sobretudo, a importância dela inclusive culturalmente no Brasil. Uma das marcas desta riqueza cultural é os diferentes nomes que ela recebe em cada região.

Figura 41 - Arte com iguaria que leva vários nomes no Brasil



Fonte: Estação Agrícola (2023)

Mandioca, aipim, macaxeira
 Costelinha, uaipi ou maniva
 Os nomes deste alimento
 De abundância nutritiva
 Presente na nossa mesa
 De incalculável riqueza
 Saudável raiz nativa.

Aqui no nosso Sergipe
 Pra nós, ela é macaxeira
 Disponível no mercado
 Em qualquer banca de feira
 Poderoso ingrediente
 Que se faz sempre presente
 Na cozinha brasileira.

O VT aborda também a importância que a macaxeira tem para a culinária sobretudo sertaneja. Diversos pratos típicos tem o produto como ingrediente base, inclusive os mais consumidos nos festejos juninos.

Nas celebrações juninas
 São variadas as receitas|
 Que, à base de macaxeira
 Nossas comidas são feitas
 O cardápio é especial

Gostosuras sem igual
Todas elas são perfeitas.

Tem bolo, mingau de puba
Tem beiju e mal casado
Pé de moleque e saroio
Biscoitinho e bombocado
Tem farinha e tapioca
Tudo feito com a mandioca
Que caiu no nosso agrado.

Figura 42 - Rei e Rainha do São João no Nordeste

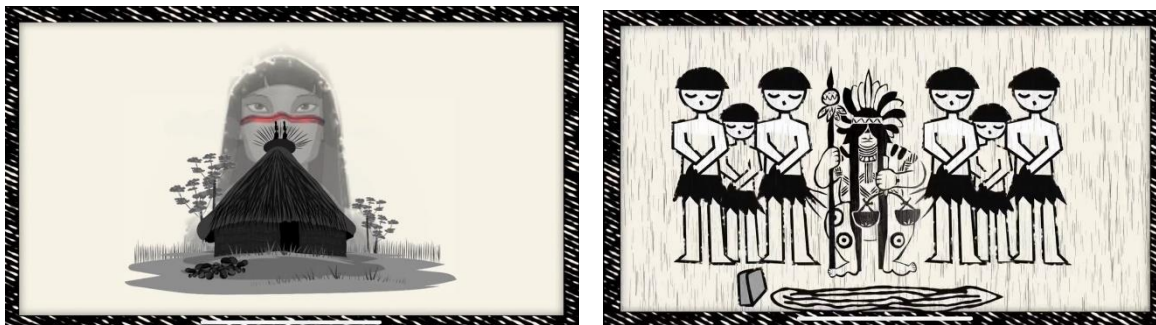


Fonte: Estação Agrícola (2023)

A arte em videografismo, além dos versos, ajudam a reforçar que, assim como o milho, a macaxeira é um patrimônio do povo, iguaria indispensável, ainda mais no período do milho. Um é rei e outro rainha para garantir mesa farta nas casas e nos “arraiás”.

O cordel-reportagem televisivo finaliza lembrando uma lenda, que está na tradição oral, sobre a origem do nome Mandioca e da própria raiz, mais uma conexão com o saber popular. A famosa história da Manioca, que quando morreu, fez nascer a tradicional raiz onde estava sepultada.

Figura 43 - Cenas animadas em videografismo da lenda da Manioca



Fonte: Estação Agrícola (2023)

E alguns dias depois
Nasce bem naquele chão
Uma planta diferente
Que serviu de provisão
Juntando “Mani” com “Oca”
Ganhou nome de “Manioca”
Ao fazer essa junção.

Com anos, virou Mandioca
E outras denominações
Também teve essa iguaria
Ganhou nossos corações
A saborosa comida
Passou a ser consumida
Em todas as regiões.

O olhar do pesquisador na área de folkcomunicação está voltado justamente para essas conexões entre a cultura popular e os veículos de comunicação de massa. O cordel-reportagem televisivo, em diversas camadas, abre caminho para essas pontes, como o estudo de caso demonstrou.

Considerações finais

A pesquisa surgiu a partir de algo que constantemente me moveu dentro do jornalismo, de uma razão que sempre foi meu Norte no exercício da profissão, uma espécie de bandeira defendida. Somos contadores de histórias, como contá-las da maneira mais interessante possível, que cativa o público, que o mantenha interessado naquele conteúdo para além do fato que está ali posto? Como a própria dissertação mostrou, os caminhos são muitos, e o mote do trabalho é apontar a literatura de cordel como um desses percursos viáveis e que já vem sendo testado no mercado, conforme demonstra o *corpus*.

A partir daí, foi necessário resgatar a relação histórica entre a literatura de cordel e o jornalismo, falar de um período em que o poeta tinha uma função bastante genuína, a de levar as informações às localidades mais distantes, onde os veículos de comunicação tradicionais não conseguiam alcançar. Com as declamações em praça pública ou com os folhetos, eles levavam os acontecimentos embutindo ali as próprias impressões, era uma espécie de jornalismo popular que acontecia fora das redações

A folkcomunicação, teoria brasileira voltada para a área, escolhida para esta dissertação, foi a que primeiro deteve o olhar para este fenômeno. É o “jeitinho brasileiro de se comunicar”, como destacou o sergipano Luiz Antônio Barreto, de pessoas que estavam à margem dessa comunicação elitizada que, especialmente naquele período histórico, era para poucos.

O “poeta-repórter”, aquela personagem que consumia o que saía na imprensa, recodificava a informação e a vertia para o cordel, perdeu essa função primordial de ser o portador da notícia nos rincões brasileiros. A evolução tecnológica facilitou sobremaneira os fluxos comunicacionais. O cordel circunstancioso não deixou de existir, mas os folhetos servem mais como expressão do pensamento do poeta, para acalorar o debate, trazer perspectivas outras, principalmente dos fatos políticos.

Esta pesquisa se dedicou, portanto, a observar uma nova conexão entre o jornalismo e a literatura de cordel, que passou a se estabelecer sobretudo na mídia televisiva com os aqui denominados cordéis-reportagem. Neste reencontro entre as duas áreas, existe uma nova dinâmica em processo. Naquele primeiro momento, o cordel se apropriava do jornalismo para definir a sua “pauta” e propagar as informações em forma

de rima e verso. Agora, é o jornalismo que toma posse da linguagem poética para diversificar seu próprio discurso, entretendo ao passo que também informa.

A partir daí, buscou-se identificar qual processo folkcomunicacional se dá neste cordel-reportagem televisivo. Para isso, seguiu-se o percurso das novas perspectivas dos estudos no campo, que estão mais voltadas para o intercâmbio que se dá entre a cultura popular, a global e a mídia de massa.

O cordel-reportagem televisivo não deixou de lado as características primordiais que se encontram nos folhetos. Continua discutindo os assuntos mais quentes do momento, dando cadência às narrativas dentro da estrutura de métrica e rima em cada estrofe, mas a obra é apresentada em uma nova plataforma.

Os conteúdos poético-jornalísticos que constam no *corpus* desta pesquisa são o que a folkcomunicação chama hoje de produtos folkmidiáticos. Ou seja, aquele material da cultura popular que dialoga com outras esferas, que chega aos espaços globais, influencia, sofre influência, ganha novos alcances ao ser reproduzido na mídia de massa. Na televisão, o cordel, além de outros elementos da cultura popular associados a ele, serve de suporte de linguagem para o jornalismo, ganhando novos terrenos com essa audiência massiva, eis o intercâmbio que se estabelece.

Dentro deste processo, o formato de publicação sofre mudanças para se adaptar a essa plataforma televisiva, para se encaixar em muitos aspectos à estrutura de uma reportagem. Com isso, é resgatada a tradição oral deste tipo de literatura, que em um período histórico, era muito mais declamado em voz alta, nas feiras e praças movimentadas, do que propriamente lido. A narração do repórter no off em forma de cordel ajuda a recuperar essa prática da oralidade.

A forma de ilustrar esses produtos folkmidiáticos traz uma mistura de elementos que envolve arte em videografismo, além do uso de imagens atuais e de arquivo. O conceito é predominantemente da xilogravura, que se consagrou nas ilustrações das capas dos folhetos ao longo da história. A sonorização busca sempre referências na música popular, especialmente forró e moda de repente. As narrações têm muitas vezes artistas convidados declamando os versos, ou mesmo os próprios jornalistas, que empregam uma performance mais teatralizada na narração, até mesmo explorando sotaques e marcando bem a cadência das rimas, buscando se aproximar da dinâmica da narrativa dos declamadores.

Esses recursos ajudam a reforçar uma identidade, estereotipada ou não, de um Nordeste que ficou naturalizado no imaginário coletivo. A dissertação não se propôs a analisar o conteúdo sob esse viés, apenas mostra que a busca por esses elementos ajudou a reforçar esse intercâmbio do que é reconhecido como cultura popular operando dentro de uma plataforma global.

O cordel-reportagem televisivo trata sobre assuntos locais e globais. Assim como nos folhetos, nenhum tema fica impune, e o intercâmbio referido acima é constantemente reforçado quando o produtor do trabalho, mesmo tratando de temas universais, mistura-os com as referências da cultura popular tanto na forma quanto no enredo. Um dos exemplos disso foi evidenciado na análise, quando o Pavão Misterioso, personagem clássico de uma obra-prima do cordel, foi usado como fio condutor para se fazer uma viagem no tempo e revisitar episódios marcantes das aberturas olímpicas. Esta foi uma mostra categórica troca confabulação entre os dois mundos para o qual os novos estudos folkcomunicaçãois se voltam.

Abordando a construção da notícia em cordel na televisão, tema central deste trabalho, observamos que ela não se difere muito das reportagens convencionais nos conceitos basilares, como off, passagem, sonora, sonorização, arte e sobe-som. O que muda de maneira significativa é o formato, com linguagem poética, performance narrativa e a combinação dos elementos da reportagem dialogando com a proposta, uma combinação de fatores para gerar uma identidade reconhecida como rico elemento da cultura popular, que se transforma em um produto folkmidiático a ser veiculado em um meio de comunicação de massa.

A escolha da pauta segue basicamente os mesmos critérios de noticiabilidade adotados nos demais formatos jornalísticos, predominando no caso do nosso objeto o de “Oportunidade”, ou seja, datas específicas, eventos, acontecimentos que servem como gancho para se tratar de determinado assunto. É quando, no caso, o tema será tratado inevitavelmente como material jornalístico a ser veiculado, e adota-se então o cordel como linguagem jornalística para se contar determinada história de uma forma diferenciada.

Sobre o papel desse novo poeta-repórter, a dissertação identificou que existe uma atuação bastante distinta quando comparada com aquele agente que servia como um

intermediador entre o que era veiculado na imprensa e o público. Os estudos iniciais chamavam esse poeta de liderança folk.

O poeta-repórter do cordel-reportagem televisivo é o próprio jornalista, que além de comunicador, tem contato direto com a cultura popular, é poeta e agrega essa habilidade no texto jornalístico para diversificar a linguagem ao contar as histórias no ofício da profissão. Fazendo isso, ele cumpre o papel identificado nos novos estudos do campo da folkcomunicação, o do ativista midiático da rede folkcomunicacional, aquele que promove a cultura popular nos meios massivos, usa o espaço que tem nessas esferas globais para fazer a mediação entre o local e o universal. Com isso, abre caminhos, constrói pontes para que a cultura popular se estabeleça em outros espaços, atua como um emissor-criador cultural nessas redes.

O presente estudo, portanto, traz novas contribuições para as pesquisas sobre a relação entre a literatura de cordel e o jornalismo dentro do campo da folkcomunicação, agora, com uma nova perspectiva, a do uso da poesia popular como linguagem alternativa nas reportagens. Na verdade, trata-se também de apresentar esse gênero poético como caminho possível, dentre tantos outros, para contar as histórias de uma maneira mais atraente, cumprindo a necessidade atual do ofício de entreter e informar. O trabalho também traz os caminhos até aqui testados na construção da notícia por meio da literatura de cordel, servindo como guia para os profissionais que quiserem adotar tal linguagem em trabalhos futuros.

Referências bibliográficas

- AMORIM, Maria Alice. **O folheto de circunstância 11 de setembro em cordel**. In: Anais do 10o Congresso Brasileiro de Folclore. São Luís, 2004.
- BARRETO, Luiz Antônio. **O Jeitinho Brasileiro de Comunicar**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs). Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.
- BARROS, Leandro Gomes de. **A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz**. Recife: sem editora, 1913.
- BARROS, Leandro Gomes de. **A Seca do Ceará**. Recife: sem editora, 1915.
- BARROS, Leandro Gomes de. **O tempo de hoje**. João Pessoa: sem editora, 1917.
- BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDUPURS/Famecos, 2001.
- BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, n. 8-9, 2011. Disponível em <<http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/viewFile/75/73>>.
- BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação: os veículos de manifestações da cultura popular**. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.) Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013).
- CARVALHO, Gilmar de. **Moisés Matias de Moura, o cordel de Fortaleza**. Expressão Gráfica Editora: Fortaleza, 2011.
- CRISPINIANO NETO, J. **Lula na Literatura de Cordel**. 2.ed. Fortaleza: IMEPH, 2009.
- CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- CURRAN, Mark J. **Relembrando a velha literatura de cordel e a voz dos poetas**. Lexington: Trafford, 2014.

CURRAN, Mark J. **Retrato do Brasil em cordel**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

DA SILVA, Gustavo Souza. **Fronteiras (in) definidas: aproximações e divergências entre documentário e jornalismo**. DOC On-line, 2009.

DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Cortez editora, 2021.

DE MELO RESENDE, Viviane. **A Relação Entre Literatura de Cordel e Mídia: Uma Reflexão Acerca Das Implicações Para o Gênero**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 2006. Disponível em < <https://core.ac.uk/download/pdf/231168418.pdf>>.

DEJAVITE, Fabia Angélica. "A notícia light e o jornalismo de infotenimento." *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Vol. 30. 2007.

DIAS, Karcia Lúcia Oliveira; DE ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro. Aconteceu virou cordel: análise de folhetos de cordel sobre a morte de Getúlio Vargas à luz da verossimilhança. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 19, n. 41, p. 1-22, 2014.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Literatura popular em versos**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1986.

DOS SANTOS, Silvan Menezes; MEZZARROBA, Cristiano; DE SOUZA, Doralice Lange. **Jornalismo esportivo e infotenimento: a (possível) sobreposição do entretenimento à informação no conteúdo jornalístico do esporte**. *Corpoconsciência*, p. 93-106, 2017.

FILHO, Manoel d'Almeida. **A morte do maior presidente do Brasil**. Aracaju: sem editora, 1954.

GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Editora UEPG, 2007.

GADINI, Sérgio Luiz. "O cordel é uma mídia alternativa, popular e contra-hegemônica", defende Alberto Perdigão. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 19, n. 42, 2021. Disponível em < <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19305/209209215300>>.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Folhetos e jornais: uma análise comparativa do ponto de vista do leitor**. IN: MENDES, Simone (Org.), Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da literatura de cordel**. Claridade, 2018.

HUF, Natália; SILVEIRA, Mauro César. **Jornalismo em quadrinhos e construção de memória: sobre Joe Sacco e credibilidade da narrativa sequencial**. *Pauta Geral- Estudos em Jornalismo*, v. 8, n. 1, p. 1-13, 2021.

JENKIS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOTABÊ. **O roubo do Banco Central**. Fortaleza: sem editora, 2005.

KERRANE, Kevin; YAGODA, Ben. **The art of fact: A historical anthology of literary journalism**. [s.l.]: Simon and Schuster, 1998.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2006.

LAURINDO, Roseméri. **O jornalismo diversional da Fátima Bernardes**. Primavera Editorial, 2015.

LESSA, Orígenes. **Getúlio Vargas na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1973.

LUYTEN, Joseph M. **Sistema de comunicação popular**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

LUYTEN, Joseph. **A notícia na literatura de cordel**. Estação Liberdade: São Paulo, 1992.

MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel?** Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, p. 39-56, 2016.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

NEVES, Francisco Paiva das. **Literatura de Cordel-origem e perspectivas educacionais**. 90f. TCC-UFC, Fortaleza, 2018.

PERDIGÃO, Alberto. **Exclusão comunicacional e trama golpista**. IN:UCHÔA, Marcelo Ribeiro et al. (Orgs.). O Ceará e a resistência ao golpe de 2016. Bauru: Canal 6, 2016.

PERDIGÃO, Alberto. **Política e literatura de cordel: o folheto como mídia informativa, alternativa, popular e contra-hegemônica**. Fortaleza: RDS Editora, 2002.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

RODRIGUES, Linduarte Pereira; DA SILVA, Rodrigo Nunes. **A representação do homem do Nordeste no Cordel**. DISCURSIVIDADES, v.2, n.1, 2018.

ROSA, João Guimarães. **Magma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SHOEMAKER, Pamela J; VOS Tim P. **Teoria do gatekeeping: construção e seleção da notícia**. Porto Alegre, Penso, 2011.

SILVEIRA, Alberto Magno Perdigão. **O cordel como mídia informativa: estratégia e resistência nos folhetos sobre a destituição da presidente Dilma Rousseff**. Joinville, 2018. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2018/resumos/R13-1923-1.pdf>>

SILVEIRA, Rebeca Kuhn. **O jornalismo literário como ferramenta de expressão da subjetividade: Liberdade estilística e opinativa de Eliane Brum**. 2022.

SOARES, José. **O Homem na Lua**. Pernambuco: sem editora, 1969.

SOUSA, Diógenes Lycarião B. de. Cibercordel: uma expressão contemporânea dadinâmica da Literatura Popular em verso. **Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional**, v. 12, p. 1-10, 2007.

TERRA, Rute Brito Lemos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos no Nordeste. São Paulo: Global Editora, 1983.